Universidade Federal do Ceará

Ronaldo de Queiroz Lima

Festa do Reiso: estudo etnográfico do Reisado no município de ACARAÚ-CE.

Fortaleza

Setembro de 2011

Universidade Federal do Ceará
Ronaldo de Queiroz Lima

Monografia a ser apresentada ao Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal do Ceará como trabalho de conclusão de curso.

Orientação: Prof.ª Dra. Isabelle Braz Peixoto da Silva.
Área de concentração: Ciências Sociais.

Fortaleza,
Outubro de 2011.

BANCA EXAMINADORA.

_____

Prof.ª Dra. Isabelle Braz Peixoto da Silva
Presidente da banca.

_____

Prof. Dr. Alexandre Fleming do Vale.

_____

Prof.ª Dra. Maria Sulamita de Almeida Vieira.

"[...] a teoria científica apresenta-se como um programa de percepção e de ação só revelado no trabalho empírico em que se realiza".

Pierre Bourdieu

SUMÁRIO

1 Introdução.....06

1.1 Apresentação do objetivo.....14

1.2 Metodologia.....16

1.3 Diário de campo: notas de uma "*praxis"* antropológica.....21

2 O tecer de uma teia de significados.....27

2.1. Uma noção da ação de tecer.....31

2.2 Naus à vista: o cristianismo na terra do Reiso.....40

2.3 O Espírito Imperialista Ibérico.....43

2.4 A Expansão de um Imperialismo na Península Ibérica.....49

2.5 O Empreendedorismo Lusitano na terra dos infiéis: assentamento de valores morais advindos do (além)-mar 54

3 A Brincadeira em seu Terreiro.....59

3.1 O Estuário do Reiso.....63

4 O universo simbólico dos Tremembés de Acaraú: alguns aspectos da vida religiosa dos brincadores reseiros de Queimadas.....69

5 A Festa do Reiso: uma descrição densa.....82

5.1 O movimento interno da Festa do Reiso:

O cantar na porta e o círculo no terreiro.....83

5.2 Aspectos de uma moralidade oral: o carisma, a "Justa" e a palavra dada.....98

5.3 Considerações Finais: construção simbólica de um campo antropológico.....105

Anexo.....112

Referências Bibliográficas.....117

1 Introdução.

O campo deste trabalho antropológico tem como fronteira os limites territoriais do município de Acaraú, no Estado do Ceará. O alvo da pesquisa são os brincantes de Reisado. Então, o conteúdo empírico a ser analisado neste empreendimento literário diz respeito às comemorações direcionadas aos Santos Reis que acontecem naquele município. Tal período comemorativo tem seu início no dia 6 de janeiro[1], de acordo com o calendário católico, e se encerra na Semana Santa. Mas o Reiso, como é identificado o festejo de Reis pelos brincadores[2], já deixou o cotidiano urbano de Acaraú há algum tempo, sendo praticado na zona rural com maior freqüência. Porém, existem recordações do Reiso e de seus brincadores nas mentes de alguns citadinos. Por unanimidade, a atuação da personagem de nome Velha[3] e as cantorias são as características mais lembradas desse festejo.

Mas o ponto de partida desse trabalho foi a leitura dos escritos de Florisval Serraine, um folclorista do século XX. Ele pesquisara manifestações folclóricas pelo Ceará e em especial no município de Acaraú, região noroeste do antigo "Siará Grande". Lá, Serraine ouviu relatos da Festa do Boi, do Festejo do Reiso. Na ida a esse campo antropológico, pude comprovar que na região não só há apresentações de reisado como, também, existem diversos brincantes e companhias de Reiso. Isso foi comprovado em entrevista com os brincadores Chico Major da Comunidade dos Espinhos, Afonso Mano da Comunidade do Curral Velho, ambas as localidades de Acaraú, e com Cecídio Ferreira do Nascimento, índio Tremembé da Comunidade de Queimadas, distrito de Acaraú.

[1] Dia dos Santos Reis.

[2] Termo derivado do verbo brincar que faz referência à ação de festejar o dia de Reis. Com o termo "brincador" os indivíduos que realizam o Reisado se identificam entre si e para os leigos no assunto. Isso ocorre por que a coletividade do Reiso, ou seja, os brincadores, as suas famílias e o público da festa compreendem o Reisado como uma brincadeira.

[3] Uma das figuras do reisado, ou seja, uma das imagens do Reiso, ou ainda, uma das personagens. Ela é tida como o palhaço da festa.

O primeiro está na faixa etária de 70 anos, ainda brinca no Reiso e é dono de uma companhia de Reiso; o segundo tem 82 anos, é um antigo reseiro[4] da região que está fora da ativa; e o terceiro tem 84 anos, é dono da companhia de Reiso da família Tremembé de Queimadas.

No período das pesquisas de Serraine, a cidade de Acaraú desfrutava do tempo do telégrafo, da tipografia, dos transportes de tração animal e da comunicação por cartas. Tempo esse em que os brincantes acima citados estiveram no auge da brincadeira, tanto pelo vigor físico como pela apreciação do público. Atualmente, é visível a dinamicidade das relações sociais engendrada no comércio intenso, no trânsito de veículos automotores e de tração animal. Além disso, as lanhouses e as lojas de telefonia móvel demonstram a intensificação das comunicações e a velocidade com a qual circulam informações de maneira externa e interna ao município de Acaraú. Na exemplificação dessa dinâmica social, podemos observar transações econômicas on-line, caixas eletrônicos, correio eletrônico e ligações interurbanas.

A cidade de Acaraú abriga também empresas internacionais de materiais de pesca e equipamentos de manutenção de barcos, atendendo, assim, o intenso movimento do comércio em função do pescado. Além disso, há bancos, supermercados, lojas de roupas, de calçados, de eletrodomésticos e várias lanchonetes e restaurantes. Esses estabelecimentos têm por "natureza" própria estrutura para atender várias pessoas das diversas camadas sociais, em virtude do volume de compra e de venda de produtos manufaturados. Nesse contexto, há um comércio, de intensa circulação de mercadorias, gerador de hábitos e costumes específicos, de tal maneira, que desperta a população para práticas de lazer em locais com show de forró, entre outros gêneros musicais. Tudo isso se sobrepõe aos hábitos e costumes historicamente construídos como são as atividades do Reiso, o que diminui a apreciação do público da região por esta brincadeira.

Diante dessa breve descrição do cotidiano da cidade de Acaraú, é possível observar as intensas trocas de serviços econômicos e as trocas simbólicas. Podemos

[4] Termo derivado do substantivo Reis e indica aquele que faz Reiso. Não compreender com a idéia de pessoa que reza, pois esse é conhecido em meio popular como rezador, ou seja, o que promove ação que resulta em reza.

perceber uma densidade simbólica na intensificação dessas relações sociais decorrente da "superabundância de factualidade", característica do mundo contemporâneo, trabalhada como fenômeno social por Mac Augé (1994) em "Não-lugares", em que ele a define como uma dificuldade para a pesquisa antropológica, pois acontece por meio de uma aceleração de ocorrência de fatos principalmente no século XX. A intensificação dos fatos e das relações diminui o próprio espaço onde os mesmos ocorrem, isso ocupa, neste caso, todo o perímetro urbano da cidade de Acaraú. Essa situação abre caminhos para a ampliação das relações sociais que possibilitam intensas trocas simbólicas e o intenso acontecimento dos fatos.

Dessa forma, há uma diminuição no tempo em que os fatos acontecem, como também um complexo campo simbólico denso em significados. A distância entre os lugares do Reiso tornam-se mais curtos com o crescimento da cidade. Assim, podemos observar o anúncio de um Reiso[5] na comunidade dos Espinhos feito pela Rádio Acaraú. Essa notícia foi apreendida pelo senhor Afonso Mano na comunidade do Curral Velho ao escutar um programa daquela emissora radiofônica. Tal fato fora transmitido a mim em entrevista feita com o referido brincador em sua casa. Tudo isso aconteceu num espaço de tempo de poucas horas, possibilitando a minha decisão de adiar meu retorno à Capital para ir àquela festa.

Essa redução do tempo dos fatos ocorre de maneira espontânea e emerge de dentro do âmago das relações sociais nas sociedades contemporâneas através dos seus veículos de comunicações. No tempo do telégrafo de Acaraú, a notícia que não era transmitida pelo jornal "O Acaraú", limitadas aos letrados, era veiculada por vias orais, pela fala. No entanto, na atual sociedade acarauense a Festa do Reiso é realizada durante toda uma noite, sendo um fato que exige uma grande duração de tempo, abrindo uma contradição no uso do tempo por uma dada coletividade.

Há, portanto, um paralelo entre os costumes e as relações sociais contemporâneas e os costumes e as relações sociais que possibilitam a realização do Reiso, pois, compõem espaços diferentes num mesmo lugar. Os hábitos e os costumes relacionados ao Reiso estão cobertos pela intensificação dos acontecimentos na

[5] Entenda-se aqui como a Festa do Reiso ou como Reisado.

sociedade acarauense, que comporta um espesso volume de fatos. Dessa maneira, podemos entender a sobreposição das festas de forró em relação à Festa do Reiso, pois dentro da cidade há Casas de Show que fornecem apresentações de bandas daquele gênero musical. Diante desse fato, pensando o Reiso e o Forró como meios para a promoção de entretenimento e de atendimento a uma necessidade de lazer, é nítida a maior aceitação da segunda opção pela população da zona urbana de Acaraú. Assim, também é o jogo de futebol televisionado: um serviço para o lazer. Ele é ofertado por alguns barzinhos da cidade, sempre às noites de quarta-feira e aos sábados e domingos à tarde.

Entretanto, o Reiso possui raízes profundas no trânsito simbólico promovido pelo interacionismo social das populações negras, indígenas e européias que contribuíram para o povoamento da região do litoral oeste do Ceará. Uma investigação de documentos históricos nos mostra que "A estatultice do bumba-meu-boi", dessa forma moralmente criticada a brincadeira do boi pelo Pe. Lopes da Gama, tem seu provável primeiro registro no século XIX. Longe de entender essa brincadeira como a precursora do reisado em Acaraú, mas na certeza de ser um fenômeno social da mesma "natureza", pode-se considerar que esse tipo de festejo ocorre há mais de 170 anos no Nordeste brasileiro. Logo, são, provavelmente, 17 décadas de relações sociais convergidas no "espírito" festivo que move o "homem" do Reiso a se fazer brincador nas comunidades onde vive e por onde passa.

Como o Reiso constrói seu espaço num campo antropológico fertilizado por relações sociais contemporâneas e tradicionais, é preciso imergir nesse terreno em busca da "seiva bruta", dos brincadores de Reiso, e transformá-la em "seiva elaborada", no conhecimento científico. Para tanto é preciso passar pela superfície do solo daquele campo para avistar a "seiva bruta" e coletar os elementos necessários para apreensão dos significados construídos pelas pessoas que fazem o Reiso. Dessa forma, podemos observar o reseiro conhecido como "Bispo", que trabalha no "Mercado da Carne", prédio situado no centro da cidade, como açougueiro. Tal condição social pode ser entendida como a superfície deste terreno antropológico; a "seiva bruta" é a condição de reseiro e a "seiva elaborada" o conjunto de significados contruídos pelo grupo do Reiso e pelo grupo que compõe o comércio da carne bovina. Então, podemos compreender

que os hábitos e costumes do Reiso e de açougueiro são tradicionais e estão entrelaçados com os contemporâneos dentro do mercado simbólico acarauense.

Além disso, as atividades dos reseiros se relacionam com as de agricultores, pescadores e vaqueiros, como são, respectivamente, Afonso Mano, Chico Major e o senhor Cecídio da comunidade de Queimadas, sertão de Acaraú. Então, partindo da noção semiótica geertziana de cultura como sendo uma "teia de significados" tecida por uma população, podemos pensar o Reiso como uma teia que recebeu fios advindos de outras teias: a da pesca, a do vaqueiro, a do agricultor e a do comércio da carne, por exemplo. É possível compreender também o fio de cada uma dessas teias como um fluxo cultural[6] de significados, que advém com densidade simbólica de diferentes realidades construídas em distintas épocas. Toda essa vazão simbólica converge e contribui, substancialmente, para a manifestação cultural do Reiso, em suas cantorias e em sua teatralidade aspectos esses descritos no capítulo A Festa do Reiso (página 79).

Coloco, então, este trabalho como um investimento na perspectiva geertziana, que aponta a "descrição densa" de uma realidade como método apreendedor de significados, pois assim seria possível conhecer um pouco mais sobre o *habitus*[7] do povo acarauense. Então, conheceremos um pouco sobre o princípio que torna possível as práticas e representações relacionadas ao Reiso, percebendo o quão estão imersas no âmago das relações sociais da sociedade de Acaraú. Dessa forma, tentar-se-ia visualizar o lugar das práticas do Reiso dentro da dinâmica social do município de Acaraú.

A partir do desenvolvimento desse pensamento, o campo[8] foi revelando as suas sub-localidades, assim podemos entender a comunidade de Espinhos e a comunidade de Queimadas. Essa última sub-localidade fora revelada como espaço do Reiso, ao passo que o trabalho de pesquisa foi imergindo na teia de significados construída pelo povo do município de Acaraú. Em contato com pessoas da Secretaria de

[6] O termo "fluxo" indica "(...) um modo de fazer referência às coisas que não permanecem no seu lugar (...)" (HANNERZ:1997)

[7] Insere-se aqui o conceito de Bourdieu (2007:XL) sob a óptica de Sérgio Miceli, a qual aponta uma noção de *habitus* como "um sistema de disposições duráveis, estruturas-estruturadas predispostas a funcionarem como estruturas-estruturantes, isto é, como princípio que gera e estrutura as práticas e as representações", neste caso, as práticas e representações do Reiso. O autor afirma ainda que essas representações podem ser "regulamentadas" e "reguladas" de maneira espontânea, sem precisar obedecer às regras, e ainda "sem que se tenha necessidade da projeção consciente desse fim".

[8] Enquanto lugar que resguarda a Festa do Reiso.

Ação Social do Município, obtive informações que na localidade de Queimadas residem pessoas que costumam brincar Reiso.

É possível refletir sobre outros fios da "teia de significados" do Reiso emergidos ao longo do processo de formação do universo social dessa cidade. Dentro dessa perspectiva, podemos pensar na prática da venda da carne cortada e pesada na hora, ou seja, no momento em que o comprador efetua a transação comercial, como um hábito tradicional que continua e que advém do período registrado na História como "Charqueadas". É possível encontrar várias fazendas de criação de gado bovino e caprino na zona rural do município de Acaraú. Provavelmente, seria um registro da importância dessa atividade para a economia do lugar e para o povoamento da região. Tendo também a sua importância para a vida do brincador Tremembé, como afirma o senhor Cecídio Ferreira do Nascimento:

> "Eu sai daqui, [localidade de Queimadas, distrito de Acaraú] e fui ser raquero [vaqueiro] aculá, da lagoa do Carneiro pra lá, entre a Baixa dos Porcos e a Lagoa do Carneiro. Finado Chico Mundó. (...) Fui ser raqueiro dele. Do Chico Mundó e do João Mundó. Era dois irmão. A fazenda era deles dois. Ai morei durante cinco ano. Entrei lá ganhando dez tões. (...) Um real. (...) Por dia. E sai de lá ganhando cinco. Cinco mireis.(...) Tirei[9] um bezerro de sorte e por isso é que eu sai de lá."

O depoimento acima é de um ex-vaqueiro e índio Tremembé que é mestre de reisado, ou seja, proprietário dos "bonecos" usados pela companhia de Reiso da qual faz parte. É ele quem acerta as apresentações: preço, data, horário e local. Então, podemos desde já observar que as atividades da pecuária têm relações estreitas com as pessoas do Reiso. O "Ciclo do Gado", portanto, tem na Festa do Reiso a sua representação através da personagem do boi, que será discutido posteriormente. Isso evidencia a contribuição daquele período histórico na composição da representação simbólica que os reseiros constroem.

[9] O referido verbo no presente contexto comporta o sentido do verbo fazer. Então, compreenda-se a assertiva da seguinte forma: "Fiz um bezerro por sorte..." . O que demonstra a falta de aptidão do referido vaqueiro em seu ofício.

Então, é possível, também, entender que a produção de carne bovina tem no "Mercado da Carne" e nas Fazendas de Acaraú a referência de uma trajetória histórico-social das relações sociais que produzem o meio propício à manifestação da Festa do Reiso. Esse último é fruto de uma atividade onde pessoas de um determinado meio expressam, espontaneamente, seus hábitos e costumes. Isso acontece pela necessidade dos brincantes em se satisfazer na ação de brincar o Reiso, materializando, portanto, uma generosidade que é vivenciada pelos reseiros ao divertir os que assistem à Festa.

Nesses termos, compreendemos a Festa do Reiso como uma manifestação cultural, ou seja, desprovida de relações de trabalho, não tendo como obrigação gerar lucros para um dono de meios de produção, mas sim de agir por impulso moral de um povo, fluindo também de um meio de construções simbólicas estimuladas pela visão de mundo desse povo, a qual é influenciada pelos dogmas do catolicismo.

A moral que rege as ações do "homem do Reiso" foi historicamente construída e é socialmente amparada pelo amálgama de significados constituídos através do interacionismo social da coletividade formada onde a Festa acontece. Além disso, o festejo é tecido na relação entre os brincantes que compõem a companhia, na relação deles com os tocadores de sanfona, triângulo e zabumba e de todos esses últimos com as pessoas que os assistem. No entanto, para compreendermos um pouco o campo antropológico do Reiso é preciso expor o percurso histórico-social da cidade de Acaraú. Além disso, compreender como a tradição católica fez espaço na subjetividade da população do Reiso.

Tudo isso diz respeito ao processo de formação do povo brasileiro, que formara suas primeiras organizações sociais no período colonial, quando as Fazendas se assentaram. Nesse mesmo período também se assentou a doutrina católica no sertão da colônia lusitana e com a assimilação dos catecúmenos caboclos e mamelucos, cristãos recentes advindos das etnias indígenas e africanas, houve a popularização do significado de Cristo e do calendário católico de comemorações. Mas essa religiosidade não substituiu a vida religiosa dos povos indígenas nem a dos africanos que constituiram o processo de formação da sociedade brasileira. O catolicismo condensou seu universo de significados no amálgama de sentidos, já existente, das referidas etnias.

Então, como nos conta Darcy Ribeiro (2006) a "gestação étnica" do povo brasileiro ocorrera numa relação de escravidão e de imposição de valores morais. No entanto, tal relação gestou também outra vida religiosa, distintas daquelas presentes nas matrizes étnicas do povo brasileiro. Nessa perspectiva é observada a popularização dos dogmas católicos, que fora acrescido pelas crenças das populações indígenas e africanas. Ou é o universo indígena e africano que têm acrescidos os dogmas cristãos católico? O fato é que a escravidão brasileira gerou distintas expressões culturais, nas quais se resguardaram a religiosidade primária de cada etnia escravizada.

Desse leque de expressões de vidas religiosas, que também o são as manifestações populares tradicionais, como as romarias de santo, por exemplo, surge a brincadeira do Reisado. Essa expressão é observável em todas as sub-regiões do Ceará e é sobre o festejo de Reis do município de Acaraú que é direcionado o olhar, o pensar e o refletir antropológico em desenvolvimento.

1.1 Apresentação do Objeto.

Este empreendimento antropológico contém algumas "pinceladas" sociológicas que tem como fim produzir conhecimento possível sobre a Festa do Reiso, Reisado do município de Acaraú, no Estado do Ceará. Trata-se de uma reflexão que busca, de uma realidade emergida no período natalino, apreender um pouco do campo simbólico da ação desse festejar.

Como o Reiso, há outros eventos de mesma natureza lúdica e que acontecem no mesmo período: o Pastoril, os Guerreiros e o Bumba-meu-boi. Todas essas manifestações têm gêneses no "espírito festivo" popular que comemora o nascimento de Jesus Cristo. Entretanto, o reisado tem como objetivo rememorar a visita dos três Reis Magos, mas do que mesmo o nascimento de Cristo. Então, o dia dos Santos Reis condensa, de certa forma, uma energização construída socialmente por um determinado grupo que comunga a importância da celebração do nascimento do "Redentor" dos cristãos. Esse "espírito" mantém o desejo da comemoração que acontece em várias comunidades de diferentes localidades do Ceará.

Dessa maneira, há um estimula à subjetividade da população do Reiso e, por conseqüência, há ações dos indivíduos para comemorar a visita dos Santos Reis ao nascimento do Menino Deus. Esses últimos são os objetos do festejar em análise e, em torno deles, formou-se uma espécie de rede comemorativa, a qual podemos identificar como Reisado por existirem inúmeras comunidades que fazem Reisado nas sub-regiões cearenses. O termo rede comemorativa é utilizado pelo fato de os vários grupos de Reisado realizarem seus festejos durante o ciclo natalino, onde todos os grupos atingem o pico das comemorações no dia 6 de Janeiro, o tempo do Reisado.

Essa popular expressão cultural, porém não tão conhecida, acontece em todas as regiões do Ceará em diferentes formas de se festejar os Santos Reis. Isso abriu caminho pela história do povo cearense e do brasileiro, como conseqüência. Algumas dessas formas são: o Reisado de Congo ou de Espadas, o Reisado de Couro ou Caretas e o Boi Reisado ou Boi, simplesmente. Essa é uma classificação organizada pelo

Professor do departamento de Ciências Sociais da Universidade Estadual do Ceará (UECE) Dr. Raimundo Oswaldi Cavalcante Barroso em seu vasto estudo sobre o tema[10].

Portanto, com esse estudo da Festa do Reiso é feita uma nova exploração do tema Reisado, buscando compreender o lugar das práticas do Reiso dentro da dinâmica social do município de Acaraú. A partir de um novo contexto há novos significados que se acumulam e que não substituem os anteriores, mas condensam-se nas práticas e nas formas com as quais se expressa o Reiso. Daí a importância em perceber o *habitus* do povo acarauense e de localizar, em seu capital de costumes, alguns elementos que constituem o espírito festivo do Reiso. Observa-se ainda que tal propósito requeira um largo espaço de tempo empregado na empiria e no esforço reflexivo para obter consistência científica, o que torna evidente o caráter introdutório deste empreendimento sobre seu respectivo tema.

[10] Raimundo Oswald Cavalcante Barroso é Doutor em Sociologia pelo Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal do Ceará, é professor do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Estadual do Ceará. Desempenhou pesquisa sobre o Reisado do Ceará, assim como os folguedos e manifestações populares do mesmo contexto. A classificação citada acima se encontra no livro "Reis de Congo" de Oswald Barroso publicado no ano de 1996.

1.2 Metodologia.

Este empreendimento envereda pela análise da cultura construída, historicamente, no território do município de Acaraú, sem deixar de lado as relações de poder político e o contexto social desse lugar. Dentro desse campo antropológico, o foco de análise é a Festa do Reiso, manifestação cultural da região. Para tanto, tomamos como noção o conceito semiótico de cultura elaborado por Clifford Geertz. Ele afirma que "o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu, assumindo o autor, a cultura como sendo essas teias e a sua análise" (GEERTZ: 2008). Este pensador assegura uma "teoria interpretativa da cultura" (GEERTZ:2008) como sendo um importante meio para o trabalho etnográfico. Então, afirmo este empreendimento como sendo uma visão etnográfica da população que expressa o Reiso. Assim, tomo por empréstimo de Geertz o importante recurso metodológico da "descrição densa", na intenção de produzir um conhecimento possível, sob a luz do interpretativismo, sobre as relações feitas a partir dos dados apreendidos do referido festejo.

Para além de uma descrição densa de uma realidade, ou seja, que revele significados específicos do grupo em análise, neste caso, o dos brincantes de Reiso, é preciso também fazer uma análise interpretativa dos dados recolhidos. Isso dá mais possibilidades para o esforço intelectual, no qual consiste a prática etnográfica, como diz Geertz (2008): "praticar etnografia é estabelecer relações, selecionar informantes, transcrever textos, levantar genealogias, mapear campos, manter um diário, e assim por diante". O autor diz ainda que "... não são essas coisas, as técnicas e os procedimentos determinados, que definem o empreendimento. O que o define é o tipo de esforço intelectual que ele representa...".

Então, ciente do esforço cometido no intuito de produzir um conhecimento possível sobre a realidade que consiste a manifestação cultural do Reiso, é que busquei amparo nos eventos históricos de Acaraú que conduzem ao seu universo social. Visualizando a complexidade social desse lugar nas atividades desenvolvidas no percurso histórico da habitação das margens do Rio Acaraú, da formação do vilarejo e de sua emancipação a município. Observando, sobretudo, onde a manifestação cultural

do Reiso constrói o seu espaço e como as pessoas que fazem o reisado se comportam dentro da prática do seu lugar.

Esse último, por sua vez, torna-se um lugar antropológico baseado no pensamento de Marc Augé (1994), mediante a construção de relações afetivas, identitárias das pessoas do Reiso, que sugerem algum tipo de vínculo para a sua coletividade, assim assegura aquele autor. Dessa maneira, entendemos as atividades relacionadas ao Reiso como sendo um gerador de vínculos entre as pessoas, que realizam o festejo, (os brincadores ou ainda os reseiros) com a terra onde nasceram, município de Acaraú, envolvendo, dessa maneira, todo um coletivo que comunga de um mesmo signo identitário.

Os fios que compõem a "teia de significados" do Reiso envolvem esses tipos de relações, que constroem um lugar, aprofundando as raízes do homem do Reiso com a região do Vale do rio Acaraú em cada noite de folia. Dessa forma, estar-se-ia tentando esmiuçar o interacionismo social de onde o espírito festivo do "homem do Reiso" emerge, buscando ainda localizar o seu espaço e a sua forma de ser, de pensar e de agir dentro da sociedade construída em Acaraú.

Cotejando também com Bachelard (2005), o qual entende que uma casa contém a intimidade de cada habitante, que está materializada nos compartimentos da mesma, o que acontece através da associação de elementos da objetividade, realidade com imagens ou idéias construídas pelo pensamento coletivo, ordenadas segundo uma lógica submetida a um universo cosmológico que a casa possibilitou. Assim, podemos pensar o município de Acaraú como essa casa e a subjetividade criada a partir de elementos da objetividade como sendo a Festa do Reiso. Então, o festejo seria o resultado de práticas construídas em um espaço determinado. Esse processo acontece através da apreensão de elementos da realidade historicamente construída pelas relações sociais de Acaraú, que foram ordenados segundo uma lógica própria dos brincantes.

Portanto, o esforço intelectual proposto aqui gira em torno de um entendimento possível da realidade que possibilita o Reiso emergir. É um mergulho num oceano de sentidos, signos e significados construídos historicamente às margens do

Rio Acaraú. Uma "visão de mundo"[11] que vem emergindo desde o período Colonial, da terra de Santa Cruz, e que se atualiza na intensificação dos fatos sociais na contemporaneidade. Tudo isso possibilita a constituição de valores morais e estéticos a partir do universo cultural do Reiso que seriam, em síntese, o *ethos* do "homem do Reiso". Esses dois conceitos antropológicos, *ethos* e "visão de mundo", nos dão suporte para explorar o complexo e denso conjunto de signos e significados que formam o universo social do Reiso.

A Festa do Reiso possui especificidades possíveis apenas pelas pessoas do local onde ocorre, município de Acaraú. Essas características peculiares, que são descritas no capítulo 5, A Festa do Reiso (página 79), são diferentes de todas as outras mantidas pelos grupos de pessoas que praticam reisado nas diversas regiões do Ceará. Esses elementos dão um teor idiossincrático à Festa do Reiso, que encontra nos hábitos e costumes desenvolvidos e praticados pelos brincantes acarauenses a moral para reger as ações sociais e a coletividade que o sustenta como um fenômeno cultural e social. Esse último, por sua vez, caracteriza-se pelo fato do Reiso acontecer às margens da cidade de Acaraú, nos arredores do poder político e das transações financeiras que sustentam a economia do município.

Ao mesmo tempo em que a ação de festejar caracteriza um fenômeno cultural por estar nos "moldes" do Reiso, construído pela atividade subjetiva das comunidades acarauenses, e por atualizar a tradição católica de comemorar o nascimento de Cristo, caracteriza também um fenômeno social específico. O Reiso acontece na zona rural do município de Acaraú, as pessoas que o realizam estão em um nível econômico de pobreza e sob o domínio de uma cultura gerada pelo poder político. Essa cultura fomenta a ausência do reconhecimento social do Reiso, gerando uma situação de dominação simbólica por imposições de valores que limitam a Festa do Reiso à localidade onde acontece.

[11] Conceito Geertziano que diz respeito aos "aspectos cognitivos, existenciais..." entendimento de uma dada coletividade sobre o universo que o cerca. Seria o pensamento construído em torno da relação do ser humano com o meio que habita, o conjunto de significados constituídos ao longo de uma trajetória histórico-social com um determinado espaço. Como um amálgama de "aspectos cognitivos" percebo a subjetividade que move a Festa do Reiso, e esse conjunto semântico tem seu germe instalado no Ceará com as navegações do colonialismo. Esse tema tem desenvolvimento no capítulo intitulado "O Espírito Imperialista Ibérico" neste mesmo trabalho.

O incentivo a grandes eventos de forró, shows e agressiva prática dos "paredões de som" ilustram os meios pelos quais se instrumentaliza a dominação, pois as festas eletrificadas ganham o incentivo do poder público e sucumbem à manifestação popular do Reiso. Pude estar presente em um evento dessa natureza que comemorava a inauguração de uma obra recém terminada. Havia a divisão do público, uma parte menor ficava em camarotes, representavam a família e amigos dos políticos da região, e a grande parte ficava no espaço aberto, no chão. No entanto, toda atenção das pessoas estava voltada para as duas bandas de forró que executaram o mesmo repertório. Um fato intrigante pela repetição, mas aplaudido pelo público, cada vez mais alcoolizado, tanto adolescentes como adultos eram sujeitos da "torneia". Executavam gestos corporais que sugeriam a prática do ato sexual, isso estimulado pela letra das músicas. Poder-se-ia pensar tal fato como um ritual opaco de sentido, cuja conseqüência é sobrepujar as expressões culturais da região, como é o caso do Reiso.

Então, há uma relação de poder, onde os reseiros ocupam a posição de "Outsiders", quanto que "Os Estabelecidos" [12] reproduzem-se no poder, tanto no ato de permanecer, ocupando-o, como na construção de valores simbólicos que celebrem tal situação. Assim, a gestão política ganha o significado de ser "boa" por suprir a necessidade do lazer da massa popular, o que ocorre de maneira dominante em relação às manifestações culturais[13], como o Reiso. Faz-se, dessa forma, com que o festejo do Reiso ocupe as margens da sociedade de Acaraú, dificultando o acesso a tal fenômeno.

Portanto, a organização da sociedade acarauense constitui um mundo social que impõe uma lógica. Essa última ordena o conteúdo simbólico no sentido de fortalecer o consenso estabelecido a respeito da ação de festejar. Sancionando um regime que determina as posições dos indivíduos e de seus grupos. Para Bourdieu

> a organização do mundo [social] e a fixação de um consenso a seu respeito constitui uma função lógica e necessária que permite à cultura dominante, numa dada formação social, cumprir sua função político-

[12] Termos tomados por empréstimo do texto de Nobert Elias & John L. Stson (2000) "Os Estabelecidos e os Outsiders". Esse estudo põe em foco a relação de poder entre a classe dominante e a dominada, demonstrando os mecanismos que a primeira se utiliza para permanecer no poder.
[13] Esse termo está no plural no referido contexto, pelo fato de na região de Acaraú também existirem as Tertúlias, as cantadoras de Dramas, os grupos de choros, as escolas de sambas e as quadrilhas juninas.

> ideológica de legitimar e sancionar um determinado regime de dominação (MICELI, In: BOURDIEU, 2009, p. XVI).

Podemos pensar que o domínio cultural em Acaraú é exercido pela classe dominante, que ocupa o poder público. Porém, o estudo do Reiso demonstra as atividades desse evento como o exercício de uma matriz simbólica que advém do colonialismo, como também o poder estabelecido. Evidenciando-se, portanto, através do Reiso "a manifestação de sistemas simbólicos a serviço da expressão política e simbólica dos grupos dominados", como afirma Miceli na introdução de "A economia das Trocas Simbólicas" de Pierre Bourdieu (2009). Isso acontece dentro do campo social de tal forma "(...) que não ponham em risco o sistema prevalecente de dominação política e simbólica", assegura Miceli (In: BOURDIEU, 2009, p. LIII). Assim, é possível entender que os reseiros e suas comunidades constituem sistemas simbólicos que reproduzem a prática do Reiso como valores a serem cultivados.

Daí a complexidade na qual está imerso o fenômeno sociocultural da Festa do Reiso, que está neste recurso de produção de conhecimento como "objeto" de reflexão antropológica. Tal evento, como se caracteriza, ganha também uma atenção sociológica que desdobra a objetividade da realidade composta pelos reseiros na interiorização do conteúdo simbólico e na sua exteriorização no campo social sob a forma de representação simbólica.

Para imergir neste campo sem perder de vista a sua densidade em significados, busquei na fusão de horizontes com os informantes a percepção necessária dessa vasta teia de significados. Isso foi possível pelo fato de ter várias horas de conversa com os informantes e pela breve vivência, mas importante, em seus cotidianos. Assim, fiz entrevistas orais, tendo em vista que não lidava com pessoas que tinham o domínio das letras, algo que seria um empecilho à aplicação de questionários. A formulação das perguntas surgiram à medida que as conversas iam mostrando novos elementos da cultura do Reiso.

1.3 Diário de Campo: notas de uma "*praxis*" antropológica.

Cheguei ao município de Acaraú no dia 24 de Janeiro de 2011, deixando a capital cearense com chuva. Na mala alguns livros e muita expectativa do que estaria por vir. Expirava incertezas e inspirava esperanças em encontrar alguém que pudesse me contar sobre reisado. Cruzei com pessoas que só vi nesse dia e até hoje não tive notícias, é o caso da nutricionista que conheci dentro do ônibus. Não recordo o nome da moça, mas ela me indicara um bom lugar para o almoço. Esse foi o horário em que o ônibus parou para o desembarque em Acaraú. Após cinco horas de viagem tive o meu primeiro contato visual com o campo trilhado por Florisval Serraine na década de 50 do século XX.

Após me hospedar em uma simples pousada em frente às ruínas da Rodoviária, fui almoçar. Na ida ao restaurante Girassol tomei conhecimento da biblioteca municipal Poeta Manoel Nicodemos Araújo. Logo identifiquei nesse serviço público um importante apoio para a minha introdução no tema do reisado de Acaraú. Compreendendo um pouco sobre o processo de formação do município de Acaraú e sobre o reisado da região ao ler relatos historiográficos, que demarcam fatos em suas épocas, distante da noção de dinâmica cultural.

Como no início da pesquisa passei muitas horas na biblioteca, tive a oportunidade de conhecer os bibliotecários dos três turnos. Cada um deles contribuiu para o meu trabalho dando informações preciosas sobre quem poderia procurar e conversar para obter informações sobre o Reisado. Em um dos livros de Nicodemos, que conta a formação do município, tomei conhecimento que havia um jornal de nome "O Acaraú" que era publicado quinzenalmente. Logo identifiquei a possibilidade de ter existido alguma reportagem publicada sobre o reisado, algo que seria importante para o curso inicial no campo. Então, ao conversar com o bibliotecário da noite sobre a existência de algum exemplar do já extinto jornal, obtive a informação que me levou a conhecer um rapaz de nome Jonathan Silveira. Esse rapaz alimenta um sonho de instalar um Museu que conte a história do município de Acaraú através de exposição com fotografias e documentos históricos. Um objetivo nobre que me chamara atenção.

Ao ir à casa do jovem historiador de prática, não de formação, tive a vista cheia pela quantidade de objetos históricos que ele mantém em sua casa. São fotografias, documentos de contabilidade das antigas fazendas, fósseis, objetos antigos e exemplares de jornais, mas nenhum com alguma reportagem sobre o reisado. Através de longas conversas sobre a história do município, da qual Jonathan me ajudou a obter uma melhor compreensão com informações complementares aos escritos de Nicodemos Araújo, fui levado a conversar também com Raquel Monteiro, professora de sociologia no Liceu de Acaraú, e com Ronaldo Lopes, que na época trabalhava no Centro de Referencia em Ação Social (CRAS) de Acaraú. Esses dois últimos tinham trabalhado juntos na comunidade de Queimadas com a população indígena Tremembé e informaram-me da existência de um boi, ou seja, de uma companhia de Reiso liderada pelo senhor Cecídio, naquela localidade.

No dia 25 de Janeiro do mesmo ano levantei cedo e sai a explorar a cidade, pois esse foi o meu segundo dia no campo. Nesse período inicial a minha ida a biblioteca municipal era constante. Após o café da manhã, ia à biblioteca, após o almoço também e antes do jantar. Então, naquele referido dia, como se fosse um hábito há muito mantido fui a biblioteca. Conversei um pouco sobre reisado e sobre possíveis informantes com o bibliotecário. Esse me informou ter algumas pessoas que ainda brincam reisado no bairro Outra Banda. Então, segui a orientação daquele rapaz.

Como não conhecia ninguém, e aquele bairro tinha muitas casas para sair perguntando, decidi seguir até a praia. No entanto, resolvi ir até o porto e lá perguntei a uma senhora, que vende lanches, se conhecia algum grupo de reisado, mas logo obtive uma resposta negativa. Como essa obtive várias naquela manhã. Então resolvi continuar minha ida até a praia de Arpoeiras. Perguntei a um senhor que passava na rua qual caminho tomar e segui.

Após uma hora de caminhada percebi que estaria ainda distante do alcance visual da fração do Oceano Atlântico que eu almejava ver. No entanto, percebi também que havia muitas fazendas naquele caminho. Algumas ainda resistiam a ação do tempo e da renovação dos meios de produção, à tecnologia inserida na pecuária da contemporaneidade, como a máquina de tirar leite de vacas, por exemplo. Outras se tornaram fazendas de criação de camarão. Também vi crianças e jovens que jogavam

capoeira num terreiro de uma casa. Alguns dos mais velhos, desse grupo, usavam trajes, como botas e uniforme, que denunciavam o seu envolvimento com a criação de gado por causa da cor de sujo na roupa e do esterco na sola das botas.

Com pouco mais de duas horas de caminhada fui surpreendido por uma mulher numa moto que me perguntou para onde eu estava indo. Ela me explicou que estranhou o fato de ver uma pessoa andando sozinha naquela estrada há tanto tempo, pois ela já tinha passado por mim quando ia para o centro de Acaraú. Em seu retorno para a localidade de Curral Velho, próximo a Arpoeiras, ao ainda me ver andando resolveu oferecer uma carona. Como eu já tinha andado dez quilômetros, resolvi aceitar, afinal, precisava ter fôlego para a volta. Na garupa da moto perguntei a "motoqueira" se conhecia alguém que brincava reisado na região, foi então que ela me falou do senhor Afonso Mano, que reside na localidade de Curral Velho.

Considero ter sido esse o grande achado do trabalho de campo, pois a partir desse senhor todo o trabalho foi deslanchando. Num ato puramente instintivo, atendendo a um "faro" de pesquisador, com um pouco de sorte também, foi que consegui encontrar o reseiro mais antigo de Acaraú. Através desse mestre reseiro tive a oportunidade de ir a minha primeira noite de reisado na comunidade dos Espinhos. O senhor Afonso tinha escutado a notícia daquele festejo num programa da Rádio Acaraú e me repassou, dizendo dia e local. Além disso, ele também me apresentou seu irmão Cícero Mano e um açougueiro conhecido como "Bispo", que também brinca reisado. Esse último fato acontecera num encontro que tivemos no Mercado da Carne, no centro de Acaraú. O senhor Afonso foi ao banco receber sua aposentadoria e nos encontramos no Mercado da Carne.

Depois dessas descobertas e devidas apresentações, passei algumas tardes conversando com ele na varanda de sua casa, falamos sobre histórias de vida referente ao reisado. Dessa forma fui imergindo no campo social de Acaraú, adentrando até o antropológico, coletando as primeiras noções sobre a lógica do Reiso. À medida que as conversas iam se desenrolando, tanto o sujeito da pesquisa contava de sua vida como eu, que ocupei uma função de pesquisador. Trocávamos fatos cotidianos e pessoais, assim, fez-se fluir um processo de confiança, pois a relação construída com a conversa entre pesquisador e o sujeito da pesquisa é entre duas pessoas, sobretudo. Nesse diálogo

houve um intercâmbio de saberes tanto meus, uma pessoa de 25 anos, como do brincador de 84 anos de idade, o senhor Afonso.

Na certeza de ter se tecido entre o senhor Afonso e eu uma relação de amizade, de que guardo saudades e boas lembranças das horas passadas na sua casa, sempre intercaladas por um café com bolachas, afirmo que o diálogo é o principal recurso metodológico desta pesquisa. Isso porque é através do diálogo, neste caso, que se constrói o processo de empatia, o que estimula confiança no sujeito da pesquisa em quem o entrevista. Algo que aconteceu também com o senhor Cecídio Ferreira do Nascimento em Queimadas.

Alguns dias depois fui à comunidade de Queimadas em um veículo da Prefeitura Municipal de Acaraú com uma enfermeira da Fundação Nacional de Saúde (FUNASA) e com o Ronaldo Lopes, formado em sociologia pela Universidade Estadual Vale do Acaraú em Sobral. Nesse período Ronaldo Lopes ainda era técnico em assuntos indígenas da referida Prefeitura. Conheci o projeto de produção de bolos, o de irrigação, conheci um pouco sobre a dinâmica política do lugar. Conheci a senhora Sebastiana, seu esposo o senhor João Félix, o irmão desse último o senhor Manoel Félix e o senhor Cecídio. Durante dois dias pude conhecer a história da formação do povoado de Queimadas, a trajetória da família e um pouco da dinâmica interna dessa comunidade. Além disso, fui percebendo, em entrevistas feitas nas casas do senhor Cecídio e do senhor João Félix como o reisado funciona, podendo essa expressão indígena ser identificada como Reiso.

Algo interessante é que o Reiso mantêm a mesma estrutura de realização tanto em Queimadas, 54 quilômetros do centro de Acaraú, como na localidade dos Espinhos, distrito do município de Cruz, 7 quilômetros do centro de Acaraú, como também no Curral Velho à 10 quilômetros do centro de Acaraú. Num raio de 60 quilômetros, o Reiso permanece com a mesma estrutura de execução. Assim afirmam o senhor Cecídio de 84 anos e o senhor Afonso Mano de 82 anos, como também o senhor Domingos Chagas de 75 anos, que reside na comunidade de Espinhos. Eles afirmam também que a maneira pela qual se adquire a faculdade de fazer o Reiso acontece pela observação, durante muitos anos, da execução da festa por outros brincadores mais velhos.

No dia 29 de Janeiro deste ano fui a uma noite de Reiso na comunidade dos Espinhos no município de Cruz, vizinho à cidade de Acaraú. O local da festa era o bar do Neso próximo ao campo de futebol. O senhor Neso houvera acertado um Reiso com o senhor Chico Jacinto, dono de uma companhia de Reiso de um lugar chamado Belém, próximo a Espinhos. Ao descer da moto que fretei, eram 20h (oito horas da noite) e o senhor Chico Jacinto, também conhecido como Chico Major, já estava no bar do Neso sentado no "parapeito". Sobre o parapeito, ao seu lado, um copo de cachaça e na sua mão direita um cigarro. Ele é um senhor de fala difícil de entender por executar um linguajar bem desconhecido para mim, mas inteligível para quaisquer outros de sua região. O senhor Chico tem uma fala mansa, calma, que aos poucos revela o seu temperamento agitado, o qual explode dentro da brincadeira do Reiso, o que o torna uma impressionante atração a parte do festejo no qual brinca.

Aos poucos os demais brincadores foram chegando e se aproximando do balcão do seu Neso, onde a cachaça era servida. Nesse movimento, conheci o senhor Domingos Chagas com quem conversei um pouco sobre a ação cultural feita por ele em escolas da cidade de Cruz, apresentando o boi. Quando os tocadores de sanfona, zabumba e triângulo chegaram, começaram a cantar músicas. Isso funcionou como uma espécie de aquecimento do festejo. Com a companhia completa, os reseiros vão para a porta da casa do senhor Neso e realizam o que passamos a denominar de o cantar à beira da porta. Com o passar de meia hora os brincadores se dirigem ao terreiro e continuam com o festejo, agora apresentando repentes e personagens do Reiso. Esse assunto está exposto no capítulo A Festa do Reiso.

O desfecho da noite ocorrera quando o relógio marcara 2h (duas horas) da madrugada. Era hora de seguir de volta à capital, pois o ônibus estava previsto para sair às 4h (quatro horas da manhã). Já dentro do ônibus, ouvi a gravação da festa, os repentes que pude capturar. Deixava para traz, naquele momento, um festejo que terminara em briga, como em outra viagem à Acaraú tomei conhecimento.

Na viagem seguinte, retornei à casa do senhor Cícero Mano. O senhor Cícero Mano conversou comigo sobre Reisado antes de ver o gravador, depois de eu pedir para ele cantar alguns versos para eu gravar ele logo se recusou, afirmando que não sabia fazer aquilo. No olhar desse brincador observei o espanto ao se confrontar com um

aparelho tão estranho, o segundo, pois o pesquisador era o primeiro, afinal, Serraine havia andado na região em 1950. A nossa conversa terminou com a aparição do gravador.

No dia seguinte, pude ouvir um repente do Cícero Mano que falava sobre a morte de um boi, a morte de um porco, falava sobre o município de Acaraú, o de Bela Cruz e falava também dos recursos paisagísticos desses lugares. A poesia oral do reseiro Cícero Mano falou para mim do movimento comercial da carne e da matança de animais. Há também referências sutis a noção de sobrenatural, de espiritualidade, diferente da presença marcante da noção de divino no reisado da região do Cariri. Essa última expõe uma vida no pós-morte e uma atividade divina materializada nos santos através de suas imagens fotográficas ou em estatuetas.

Nas outras vezes que fui até a casa do senhor Cícero Mano ele demonstrou um comportamento de defesa, não se interessando em contar nenhuma história sobre o Reiso, nem ao menos quis conversar. Após essa experiência percebi o quão a presença de um gravador influencia no processo de empatia, evidenciando-a como algo a ser construído. Então, conclui ter perdido um importante informante do Reiso, mas talvez possa reconquistar a sua confiança em novas visitas ao campo. Entretanto, não pude deixar de tomar cuidado com a empatia a ser construída com o senhor Afonso Mano e com o senhor Cecídio Ferreira do Nascimento, cujas entrevistas pude gravar sem maiores recusas.

Confesso que um sentimento de frustração me envolvera durante muito tempo, por causa do constrangimento que prestei ao senhor Cícero, embora ele, a princípio, tivesse concordado em gravar a entrevista. No entanto, a pesquisa seguiu caminho próspero. A cada dia de entrevista eu fazia um registro em áudio de impressões sobre as entrevistas, sobre a cidade, sobre a dinâmica social e suas singularidades. Essa foi uma estratégia que me ajudou a perceber um pouco mais do campo, à medida que ia escutando as gravações.

Algumas palavras dos brincadores foram transcritas mantendo a forma pronunciada, pois essa é uma forma de não se perder a imersão no campo, expondo-a ao leitor.

2 O Tecer de uma teia de significados.

Considera-se, para efeito desta análise, que as diversas nações indígenas, africanas e o povo lusitano tinham seus costumes, crenças, religiões, culinária, linguagem, valores morais e culturais específicos prontamente corporificados antes do colonialismo. Cada uma dessas distintas etnias construiu seu universo simbólico dentro da lógica que dispunham. No entanto, com o embate imperialista ibérico no período colonial, os elementos culturais daquelas etnias movimentaram-se de maneira a gerar um trânsito de significados. Formando-se uma semântica nova na terra do pau-brasil, que uniu elementos da cultura negra, indígena e lusitana. Vale ressaltar, que cada cultura possui a sua dinâmica interna e se reorganiza ao entrar em contato com outra cultura. No caso brasileiro, o contato entre as culturas indígenas, lusitana e africanas foram verdadeiras colisões simbólicas, provocadas pelo imperialismo lusitano.

Podemos entender tal trânsito como sendo os valores que foram impostos pelos colonizadores ao povo gentílico, como a mão-de-obra escrava para a produção mercantil, como também o desemposse das terras gentílicas para a divisão em "sesmarias" e ainda a doutrinação católica, por exemplo. Entendendo também a religiosidade espiritualista indígena e africana, seus cultos, suas danças e seus mitos, como partes dessa mesma dinâmica. Todos esses valores foram absolvidos pelo mundo social que se configurou na colônia pré-brasileira e foram se engendrando nas coletividades brasileiras.

Nesse contexto, podemos pensar sobre os fios que formam a teia de significados do homem do Reiso, advindos das etnias indígena, africana e lusitana, matrizes da etnia brasileira. Daí a importância da noção semiótica de cultura desenvolvida por Geertz como um instrumento antropológico revelador dos diversos fios que compõem a manifestação do Reiso, funcionando, aqui, como um "prisma de luz" para mostrar as diferentes matrizes culturas que compõem a "luz branca", ou seja, a cultura do Reiso. Entendendo ainda cada matriz étnica da cultura brasileira como sendo um meio produtor de um universo social, um feixe de luz cada uma, que é formado por significados específicos, coletivamente construídos com o passar dos séculos.

Pensando a matriz étnica indígena, a negra e a lusitana como meio produtor de significados culturais, estaríamos compreendendo o emaranhado de significados, cuja teia da etnia brasileira se encontra imersa. Considero cada ação popular de festejar o religioso ou o mundano no Brasil como sendo fios da imensa teia de significados da cultura brasileira, e a Festa do Reiso como sendo apenas uma de várias teias de significados, os festejos populares. Todas essas manifestações tiveram fios oriundos das teias das matrizes étnicas do povo brasileiro. Dessa forma, coloca-se em uso um verdadeiro prisma antropológico, através do qual se revela os elos do campo simbólico mantido pela vivência do Homem do Reiso com aquelas matrizes étnicas. Daí em Queimadas, sertão de Acaraú, a população Tremembé realizar o Torém e a Festa do Reiso, além de manter atividades espirituais em um terreiro de Umbanda.

A comunidade de Queimadas é habitada pela família Tremembé de Acaraú. O senhor Cecídio Ferreira do Nascimento é um índio Tremembé e brincador de reisado, como me contou numa entrevista:

> - O senhor lembra no tempo em que era um menino, de quem via brincando Reisado? Quem eram as pessoas que o senhor ia vendo e aprendendo a fazer o Reisado?
>
> Ora, era meus irmão rapaz. Era Nelson, era Dico, Antoim, João, Vicente, Artur, tudim brincando Reiso. Quando nois levantava a compania [companhia de Reiso], vei [veio, ou seja, vieram] gente da Almofala: os Alve [alves].
>
> Veio o Pedro Jorge [Pedro Jorge Alves], o Inácio Alves e o Axis [Assis Alves]. Chegou aqui inrentô [inventou] um reisado à noite : "negada, vamos fazer um Reiso? Vamo!".
>
> Ele morou aqui também. Ele morou aqui mais de três anos ... , mais de quatro anos.
>
> - Mas eles são índios também?

> São índio, rapaz! Na Almofala tudim é índio, é cuma [como] eu. Tudim é índio. Almofala é uma famia [família]. Lá eu tenho um tio. Eu tenho tio lá com cabelo da cor desta rede ai. Ti Joaquim... .

A fala do senhor Cecídio afirma a sua consciência como índio, revelando que seus irmãos também eram, pois hoje apenas aquele está vivo. Eram onze irmãos, dentre esses, 9 homens e 2 mulheres. Os homens realizavam a brincadeira, a qual o senhor Cecídio se iniciou observando, apenas, pois era muito jovem, era o caçula da família na época da descrição que me fizera. Esse mestre reseiro afirma ainda a chegada de outras pessoas vindas da Almofala, distrito do município de Itarema e terra Tremembé, na época em que a companhia de Reiso de Queimadas foi "levantada", ou seja, foi criada. Demonstra-se aqui um elo entre os Tremembés de Queimadas e os de Almofala através do qual o Reiso funciona como elemento coercitivo, ou seja, que une os indivíduos do grupo.

O reisado é uma atividade que participa do cartel de expressões indígenas Tremembé como uma atividade festiva e lúdica, cujas práticas católicas, como o matrimônio, também fazem parte, assim como os trabalhos no salão de Umbanda e o Torém. Temos, portanto, uma clara evidência da presença de significados de origem católica, indígena e africana, que, outrora, formavam outros campos semânticos. Hoje, o Reiso revela a condensação desses significados, que formam a teia de significados construída pelos brincadores de reisado de Acaraú. Houve através do movimento de relações interétnicas na terra de Santa Cruz, um fluxo de significados sem provocar perdas para nenhuma das matrizes culturais da "sociedade brasileira", mas que impulsionou novas formas de manifestar a religiosidade.

Então, com a emergência de um povo novo, como coloca Darcy Ribeiro (2006), há o surgimento de um campo cognitivo novo, um sistema simbólico distinto daquele exposto pela religião católica. O catolicismo que chega a Colônia lusitana através das missões jesuíticas não é o mesmo no período da República, e não é o mesmo hoje. As missas eram celebradas em latim e o sacerdote ficava de costas para a população. Aos poucos, a massa popular fora adentrando aos rituais, os quais

engendram na vida dos não-sacerdotes uma moral que vê em Cristo a única salvação de uma vida pecaminosa por natureza. Hoje percebemos os vários grupos litúrgicos, grupos de orações nas igrejas católicas, as quermesses, as festas de padroeiros, as romarias, os reisados como a apropriação popular dos dogmas católicos, os quais ganham uma nova roupagem.

Eis uma revolução moral na conduta de povos completamente distintos em crenças, como eram os colonizadores, os indígenas e os africanos. Porque, tanto os indígenas como os africanos já acreditavam na atividade espiritual de várias entidades distintas e que cada uma delas tinham atividades específicas, como os são os orixás, por exemplo. O catolicismo ganhou espaço na religião africana e na indígena, assim como a culinária e o idioma, sem eliminar nenhum aspecto original, mas fundindo-se. Daí resulta um amálgama de significados que está em movimento, apreendendo signos e significados distintos de suas matrizes, complexificando-se em conteúdo simbólico. Tal densidade simbólica gera uma diversidade em representação social, por conseqüência.

Então, à medida que o catolicismo ganha o profano[14], ou seja, que engendra-se no cotidiano do povo brasileiro, com os movimentos festivos populares, ou seja, dos leigos, ou ainda, com os indivíduos que não eram ordenados pelo sacramento do sacerdócio, novas formas de expressar o sentimento religioso implantado pelos jesuítas surgem. Dessa maneira compreendemos a composição da teia dos festejos populares como é o reisado em Acaraú.

Nesse sentido, observamos um sincretismo cultural, religioso, moral e étnico o qual gerou novos hábitos, costumes, crenças, valores morais, uma nova vida religiosa, uma forma original de organização política e social. Tais elementos compõem o universo social subjetivo e empírico de um novo povo, o brasileiro, como coloca Darcy Ribeiro (2006). Seria, portanto, o *ethos* brasileiro o resultado desse intenso e longínquo processo de trocas simbólicas, observando tal realidade sob a óptica de Geertz (2008).

[14] Pátio externo da entrada de uma igreja.

2.1 **Uma noção da ação de tecer significados.**

O tecer de uma teia de significados é algo a ser desenvolvido em trabalhos vindouros. Contudo, é possível tracejar alguns pontos sobre esse assunto observando a expressão do Reiso.

O esforço intelectual empregado neste trabalho vislumbra evidenciar que há aspectos cognitivos e atividade subjetiva individual, pertinente a cada individuo brincador, a serem vistos como parte da ação do Homem do Reiso em constituir o seu universo de representação. O fiar de uma teia de significados parte da atividade subjetiva do brincador de Reiso, ao apreender um fato da realidade e expressá-lo sob a lógica do reisado. Isso podemos perceber num repente feito pelo senhor Cecídio Ferreira do Nascimento ao encontrar com um renomado político acarauense.

O velho índio reseiro me disse assim:

> "Eu fui num reisado lá nas Tuias. Quando chego lá Rogério Aguiar tava [estava]. Num é o Deputado daqui do Marco [comunidade perto de Queimadas]. Ele [Rogério Aguiar] disse: 'nego tu ainda brinca?'. Não eu faço mesmo por aqui só andando por aqui.
>
> Ai sondando por ali, eu digo:
> 'Rogério quando morrer
> o caixão vai enfeitado,
> Jesus Cristo vai à guia,
> nossa senhora do lado,
> e o povo cantando atrás
> e lá se vai mí [milho]
> disbuiado [debulhado].'
>
> Meteu a mão no bolso e me deu cinqüenta real [reais]. Ai eu butei a sorte nele. Pronto, foi desse jeito".

No momento da proposta de “Ila Aguiar”, irmão do atual Deputado Estadual Rogério Aguiar, em fazer um repente, o senhor Cecídio responde dizendo “Ai sondando por ali, eu digo...”, refere-se à ação de pensar no assunto a ser posto na métrica de um repente, sonda por palavras que se encaixem na rima e à melodia da cantoria do Reiso. No repente ofertado ao senhor Deputado Rogério Aguiar, mestre Cecídio trata do enterro do primeiro, revelando a fé cristã presente em seu consciente, cuja materialização em versos soados na cantoria expõe uma procissão fúnebre.

O pensar em versos de um reseiro é uma atividade subjetiva do cantador europeu, como mostra Andrade (1993), o que torna evidente a fusão de conteúdo cognitivo capaz de impulsionar a produção de versos de maneira improvisada. É possível também perceber a apreensão de uma determinada circunstancia pelo brincador. A “gorjeta” de um Deputado seria alta, no entendimento de um reseiro, então, o verso não poderia sair errado e deveria ter algo de impactante. Daí ter optado por falar do enterro do senhor Rogério Aguiar. Essa foi uma situação onde o reseiro age em busca de mostrar-se como tal e de conseguir alguma quantia em dinheiro. O fato descrito pelo senhor Cecídio expressa a cultura do Reiso, que tem na cantoria um elemento, como é possível ver no capítulo A Festa do Reiso.

Ao fazer um repente o senhor Cecídio se afirma como cantador brincador, ou seja, como reseiro. Como se afirma reseiro age em coletividade com vários outros reseiros da região de Acaraú. Essa população de reseiros comunga de uma mesma lógica que adquirem pela observação da ação de festejar que vem de gerações anteriores à atual. Então, pode-se pensar que a brincadeira do Reiso, do repente são maneiras de expressar uma atividade subjetiva de um determinado grupo, que imprime no festejar dos Reis experiências de suas vidas. Assim, apreende-se os laços de amizade entre o senhor Cecídio e o senhor Rogério Aguiar, pois o primeiro não ousaria “versar” sobre o enterro de um estranho em troca de uma “gorjeta”, porque soaria como um insulto ao invés de engraçado.

Outro assunto a pontuar neste breve raciocínio, designa-se à compreensão do reseiro como um homem transcendental se o observarmos como capaz de acumular conhecimentos e de produzir significados distintos, ao longo de uma trajetória histórica.

Refiro-me ao gênero humano que é capaz de acumular alimentos, como foi o Homem de Neardenthal, que é capaz de acumular capital, como é o Homem Sapiens, e que é capaz também de acumular conhecimentos e sentidos, como é o caso do Homem do Reiso. A expressão cultural do Reiso condensa em si significados que percorreram séculos através de um pensar e um agir coletivo, como é a comemoração aos Santos Reis do Oriente.

"O índio cristianizado e transformado em um dos Reis Magos. (Adoração dos Reis Magos. Vasco Fernandes, século XVI.)". (VAINFAS:1995, 103).

A figura do índio cristianizado de Vasco Fernandes revela um fio da teia de significados do Reiso. Ela mostra a adoração ao Cristo recém nascido, o qual simboliza a assimilação indígena da idéia e da apreensão dos dogmas católicos pela cultura indígena, pois um nativo está na imagem como um dos Reis Magos. Isso é possível perceber na imagem anterior do índio por mostrá-lo segurando uma tigela de barro. Ele segura a tigela de maneira a sugerir a idéia de que oferta algo à mulher que segura à

criança. Essas duas últimas, por sua vez, incorporam o papel de Cristo e o de sua Mãe, respectivamente.

Então, o retrato nos proporciona uma experiência de fruição artística e científica de caráter antropológico, à medida que pensamos aquela imagem pelas vias da representação. A partir dessa noção, a referida paisagem de encontro étnico simboliza um estado de consciência anterior a manifestação cultural popular do reisado, que emergira por volta do século XIX[15]. Isso enfatiza a ação de fiar, de produzir fios que venham a se entrelaçar de maneira a formar a teia de significados do Reiso. O significado cristão dos três reis Magos foi gradativamente assimilado pela população indígena, de tal forma, que viera a constituir a festa do Reiso.

Como um amálgama de "aspectos cognitivos" percebo a subjetividade que move a Festa do Reiso. Uma subjetividade que é coletiva no que diz respeito ao Reisado ser executado por uma população de brincadores e que também tem a sua dimensão individual no pensar e no agir de cada indivíduo reseiro. Os reseiros não tiram as suas experiências pessoais para brincar o Reiso, mas as colocam na brincadeira, como vimos pelo exemplo do senhor Cecídio. Isso enriquece de diversidade os repentes, contribuindo para a função de divertir o público que o reisado assume.

A consciência coletiva que impulsiona as atividades do Reiso tem seu germe depositado no Ceará com as missões do colonialismo lusitano. Entretanto, a "visão de mundo" cristã foi assimilada pela religiosidade indígena, a qual desfruta da união entre matrizes de produção de significados distintas, mas sem eliminar a cultura indígena.

A partir do fluxo indígena em assimilar o cristianismo, em especial a comemoração aos Reis Magos, foram construídas diferentes formas de expressar essa assimilação, como podemos entender a fotografia pintada da página 33. A adoração aos Reis Magos é uma forma de comemorar o nascimento de cristo, que fora sendo interiorizada pela coletividade indígena e por todos aqueles que não eram sacerdotes. Assim, tal noção se populariza, dissemina-se em meio à população gentílica e de mestiços que foram emergindo do encontro étnico que gestou o povo brasileiro.

[15] Ver página 9, primeiro parágrafo.

Disseminam-se também os significados num movimento de interiorização da "visão de mundo" cristã e exteriorizando esse conhecimento segundo uma lógica específica. Assim, foi construído o *habitus* do Homem do Reiso que converge sociedade e indivíduo na ação de festejar os reis Magos.

A noção de *habitus* posta aqui é a de Bourdieu (2007:XL) e podemos pensar nessa idéia a partir dos comentários de Sérgio Miceli sobre aquele autor. Esse último, ao comentar sobre aquela noção de *habitus*, diz essa ser "um sistema de disposições duráveis, estruturas-estruturadas predispostas a funcionarem como estruturas-estruturantes, isto é, como princípio que gera e estrutura as práticas e as representações", neste caso, do Reiso. Miceli segue comentando Bourdieu, e o primeiro diz que o segundo autor afirma ainda que essas representações podem ser "regulamentadas" e "reguladas" de maneira espontânea, sem precisar obedecer a regras, e ainda "sem que se tenha necessidade da projeção consciente desse fim".

Neste trabalho tomo de empréstimo de Bourdieu a noção de *habitus* no que diz respeito ao princípio que estrutura as práticas e as representações da coletividade do Reiso, de tal maneira, que se expressam no festejo de Reis. Nessa perspectiva, tal noção nos auxilia a perceber um conjunto de práticas e de representações que são geradas pela população do Reiso, especificamente. Além disso, a referida noção auxilia na ação reflexiva sobre o acúmulo de conhecimento a partir das práticas de uma determinada coletividade.

> "... – o *habitus*, como indica a palavra, é um conhecimento adquirido e também um *haver*, um capital (de um sujeito transcendental na tradição idealista), o *habitus*, a *hexis*, indica a disposição incorporada, quase postural-, mas sim de um agente em ação..." (BOURDIEU: 2007,61.)

Fazendo uso da referida noção expressa por Pierre Bourdieu, o "sujeito transcendental" poderia ser equiparado ao homem do Reiso que acumula saberes coletivamente construídos pelo meio social do reisado e que foram tradicionalmente preservados através da transmissão entre gerações desses conhecimentos pela fala. Tendo em vista que os reseiros aprendem a brincar o Reiso olhando outros grupos durante vários anos, sem poder brincar em virtude de sua pouca idade e de não terem acumulado conhecimento suficiente ainda. Pensar a noção transcendental do homem do Reiso revela um saber acumulativo e dinâmico, o que mostra a reprodução de significados pelos indivíduos reseiros.

A noção conceitual de Bourdieu parte da idéia de acumulação de bens culturais intelectuais e artísticos, de uma produção erudita. Por isso, talvez, aparentemente seja contraditório pensar o *habitus* do homem do Reiso. Porém, é importante refletir acerca das possibilidades de tal conceito ao pensar sobre a acumulação de conhecimentos, mas, no caso dos reseiros, um conhecimento da cultura popular[16]. Esse último, por sua vez, advêm com a transmissão oral dos hábitos e costumes da coletividade do Reiso, não pelo consumo de bens provenientes da cultura erudita. A maioria dos reseiros que conversei são pessoas desprovidas do ler e do escrever, no entanto, desenvolvem há décadas a prática do repente. Criam poesias de improviso, ou ainda, "soltando versos" como os próprios brincadores definem o cantar que executam.

Não há espaço neste trabalho para desenvolver sobre a noção de cultura popular, mas a idéia trabalhada por Roger Chartier (1995) é importante para comprendermos um pouco mais sobre a lógica que rege às atividades pertinentes ao Reiso. Essas últimas, tomando de empréstimo a afirmação de Chartier (1995), correspondem a ações autônomas e alheias a lógica que rege praticas mantidas pela cultura letrada. No ato de festejar os Reis, os brincadores demonstram um conhecimento de ordem prática, pois os reseiros têm em mente, não necessariamente na conciência, como se comportar e como realizar o Reiso.

Na cultura do reiso há um "saber" sequenciado segundo uma lógica que advém das práticas relacionadas à tradição de rememorar os Reis magos, o nascimento de

[16] Ver nota 27 na página 62. O termo cultura popular caracteriza um conjunto autônomo de práticas e de pensamentos alheios às atividades mantidas pela cultura letrada.

Cristo, que, provavelmente, foram apropriadas pelas populações indígenas da região ainda no período Colônial. O referido "saber" é de ordem prática, diferentemente do conhecimento letrado construído a partir de uma realidade, mas que advém do plano teórico, no sentido de formulação de teorias, conceitos e etc. Portanto, a lógica que orienta as práticas do Reiso tem maior proximidade com o conhecimento prático do festejar do que do conhecimento teórico construído pela lógica de uma cultura letrada.

Os aspectos artísticos relacionadas à atividade dos brincadores reseiros têm proximidade com a noção apresentada de cultura popular. Entretanto, observar o "trabalho" dos reseiros sob a óptica de um trabalho artístico é um viés futuro no curso desta etnográfia, que, apenas, introduz o tema o qual desenvolve.

Então, neste empreendimento antropológico poderíamos pensar o conceito de *habitus* trabalhado por Pierre Bourdieu em "O poder simbólico" (2007) e em "A economia das trocas simbólicas" (2009), no qual, nesse último, teceu Sérgio Miceli o seguinte comentário no capítulo introdutório "A Força do Sentido":

> " O *habitus* vem a ser, portanto, um princípio operador que leva a cabo a interação entre dois sistemas de relações, as estruturas objetivas e as práticas. O *habitus* completa o movimento de estruturas exteriores, ao passo que as práticas dos agentes exteriorizam os sistemas de disposições incorporadas" (2009: XLI).

A compreensão de Miceli (2009) sobre o pensamento de Bourdieu (2009) revela as práticas dos indivíduos como parte do movimento "de estruturas exteriores", que poderíamos compreender como a estrutura-estruturada e estruturante, ou seja, os mecanismos pelos quais a classe dominante reproduz a sua ideologia, reafirmando-se como referência de poder. Pois, na prática de suas ações o sujeito exterioriza aquilo que lhe compõe, ou seja, o conhecimento produzido pelo meio social do qual faz parte. A noção de *habitus*, portanto, contribui neste trabalho para refletirmos acerca da exteriorização pelos reseiros do conhecimento que os próprios acumulam, ou seja, a

tradição católica de comemorar o Natal, nascimento de Cristo, reverenciando os Reis do Oriente.

Ao mesmo tempo em que não se desfazem das suas "vestes de homens do campo", do conhecimento de agricultores, pescadores e vaqueiros, por exemplo. Essas últimas categorias também compõem o universo social que possibilita o Reiso como expressão cultural de ordem popular, o que indica a influencia delas na ação de festejar. Isso é identificável ao observar a presença do personagem do boi na brincadeira do Reiso, por exemplo. O boi brinca com as pessoas que assistem o festejo, dança conforme a sua toada, morre e ressuscita, finalizando a brincadeira. Isso revela o universo social do vaqueiro, que está contido no Reiso.

Então, o reseiro não se separa daquilo que é no cotidiano comum, um agricultor, um vaqueiro, um pai, um avô, um tio, por exemplo, mas utiliza das experiências vivenciadas nessas realidades como matéria-prima para pensar seus versos. Assim, o reseiro exterioriza um conhecimento que apreendera no meio social da brincadeira, onde várias companhias de Reiso foram acumulando experiências, produxindo formas de fazer reisado no município de Acaraú.

Bourdieu lida com o conceito de *habitus* a partir da noção de sistemas simbólicos, constituídos pela produção de obras de arte que compreende um determinado capital cultural, o qual agrega conhecimento intelectual e artístico. Parte ainda da noção de sistemas ideológicos, o que evidencia uma compreensão de campo social como um lugar de constantes disputas pelo poder, pelo reconhecimento social. Entendendo a arte como um fazer fruir por aproximação de uma obra de arte pelo público, entretanto, à Festa do Reiso se adequa a noção de se fazer divertir ao público, o que não elimina a possibilidade da experiência de natureza artística.

Não apreendo o campo de produção cultural como um meio onde ocorre constantes disputas. A noção de cultura em Bourdieu apresenta estreita relação com a idéia de acumulação de conhecimento intelectual e artístico, vislumbrando produções eruditas. Desenvolvo reflexões sobre cultura a partir do conceito semiótico de Geertz ao entendê-la como uma teia de significados tecida pelo homem, estando esse preso às suas teias. Dialogo com a "teia de significados" dentro do trabalho etnográfico sobre a Festa

de Reis. Gero esforço para apreender os distintos significados construídos por esta coletividade, ao passo que o acúmulo de conhecimento de ordem popular influencia no caráter tradicional da ação de rememorar a "adoração aos Reis magos". Sob esses termos é que se emprega o conceito de *habitus* neste trabalho, o que alça o pensar acerca da teia do Reiso.

Talvez seja possível pensar o campo de produção cultural do Reiso como um meio conflituoso, ao admitir a disputa entre os reseiros de uma mesma companhia e entre companhias diversas para estabelecer qual é o melhor grupo. No entanto, estes são termos para um desenvolvimento futuro.

2.2 Naus à vista: o cristianismo na terra do Reiso.

É importante refletir sobre o enraizamento do catolicismo nas terras do Reisado de Repente, pois a Festa do Reiso é uma comemoração ao nascimento de Cristo, acontecendo no período natalino e tendo ápice no dia dos Santos Reis, 6 de janeiro. O próprio festejo faz menção aos Santos Reis do Oriente, evidenciando a influência do mito católico da visita de três Reis, que eram Magos, ao Menino Deus nascido numa manjedoura. Podemos pensar que tal fato é o "mito de fundação" do Reiso, e que tal conhecimento mítico fora engendrado na sociedade brasileira pelas missões jesuíticas. Então, o entendimento de um reseiro sobre a festa que realiza revela a ligação com o catolicismo[17], expondo o sentimento dele de fé em ser um Rei do Oriente no momento que está cantando e sapateando à beira da porta do contratante da companhia.

Dessa maneira, nos expõe um informante, que é reseiro da comunidade dos Espinhos, zona rural do município de Acaraú, em entrevista realizada em sua casa sobre o festejo do Reiso

> "Quando a gente vai fazer a entrada, começar o Reiso, aquele cantar da porta, tá representando sabe o quê? O Nascimento de Jesus Cristo, viu? Aquele canto da porta, a gente vai falando na visita de Maria em Belém. Fala na estrela, a estrela de quando Jesus nasceu. A estrela de Jacó que chama. Chama os três Reis do Oriente que vão visitar Nossa Senhora. Pois faz parte daquilo ali, o Reiso faz parte daquilo ali. Porque os Três Reis foram visitar Maria em Belém quando Jesus nasceu, por causa da estrela. Pois o cantar na porta faz parte daquilo ali.
>
> - Então, quem tá cantando ali é como se fosse os Reis?

[17] Foi a religião católica que disseminou a adoração aos Reis do Oriente, em ato de comemoração ao nascimento de Cristo.

Isso! É como se fosse os Reis. Pra quem entende
e dá valor, faz parte da cultura."

O senhor Domingos Chagas nos contou acima que o início do Reiso é uma representação da visita dos Santos Reis do Oriente a Nossa Senhora, quando nascera Jesus Cristo. Os três reis foram guiados por uma estrela conhecida como a "Estrela de Jacó", no reisado de Acaraú, o Reiso. Mas a mesma estrela é conhecida como "Estrela Dalva" em outras regiões do Ceará. A mesma história ganha diferentes versões de acordo com a cultura de cada povo, no entanto, energizam o espírito comemorativo do nascimento de Cristo que se materializa no reisado.

Então, na rememoração da santa visita dos três Reis, do marco inicial para os cristãos, o nascimento de Cristo, e nas cantorias executadas pelos reseiros de Acaraú, o festejo ganha a sua dimensão lúdica formando uma atmosfera de fé e festa. O referido brincante canta o seguinte verso:

"São os Três Reis do Oriente,
vamos todos pra Belém,
pra tirar o santo Reiso,
para nois tirar também.

Somos Três Reis do Oriente,
filhos da virgem Maria,
se não fosse aquela estrela,
de nós o que seria".

Os versos revelam o entendimento, por parte de quem canta, de incorporar a imagem dos Santos Reis do Oriente em visita à manjedoura. Assim, afirma Domingos Chagas ao cantar "somos três Reis do Oriente...". Evidencia-se a incorporação de um mito cristão pela população indígena e de seus descendentes. Há uma interiorização do conteúdo simbólico católico, o qual ganha atualização através da expressão popular do Reiso.

Para aprofundarmos um pouco mais a compreensão desse fluxo de significados que são interiorizados e que condensam significados que são expressos no

festejo de Reiso, é necessário refletir sobre o espírito imperialista ibérico, tentando tracejar o seu contexto e seus instrumentos de atuação.

Os valores cristãos adentraram nas terras do Reiso pelo movimento imperialista da península Ibérica em conjunto com o poder exercido pela Igreja Católica. Por estes fios fora tecido a roupagem social que deu formas à dominação dos coronéis, senhores do gado e da cana, que impunham autoridade sobre as terras circunscritas em vasto perímetro de dominação, as sesmarias. Tal poder foi exercido de maneira arbitrária no período colonial, contra populações negras e contra as populações indígenas, já tradicionalmente instaladas no território que se tornou brasileiro. É através do exercício desse poder que advém os fios dos valores cristãos católicos fundadores do espírito brincante da Festa do Reiso.

2.3 O Espírito Imperialista Ibérico.

> "O processo civilizatório, acionado pela revolução tecnológica que possibilitou a navegação oceânica, transfigurou as nações ibéricas, estruturando-as como impérios '*mercantis salvacionistas*'" (RIBEIRO: 2006).

A formação político-social brasileira é oriunda das fazendas de gado e de cana. Dessa forma, configurou-se o poder instalado na terra do pau-brasil que teve um forte auxílio nas missões jesuíticas. Assim, instaurou-se uma dominação de terras, de produção econômica e no campo simbólico, originando uma religiosidade distinta daquela cultivada pelas matrizes étnicas do povo brasileiro.

Assim como a cana-de-açúcar, que em solo oriental era oca e em solo brasileiro ganha substância valiosa para o mundo Ocidental, o catolicismo no Brasil germina e dá um novo sabor à vida religiosa do ser humano. Podemos, então, compreender o festejo do Reiso como um desdobramento do catolicismo, que acontece numa atmosfera festiva e em ambiente profano, ou seja, fora do templo, da edificação sagrada, ou ainda, das igrejas.

Os cristãos alimentam um sentimento de respeito e de submissão às santidades e a Cristo, e no Reiso exalam esse sentimento que energiza a festa e magnetiza os expectadores durante uma noite inteira. Essa energia de celebração é inerente ao próprio ser humano em todas as suas eras, desde a Grécia Antiga à contemporaneidade. Mas no Nordeste do Brasil, no Ceará, ganhou uma forma específica que é o reisado. E em Acaraú, o reisado tem a sua especificidade que é o cantar de improviso e o ritmo cadenciado, características essas que o distingue das demais formas de realização desse festejo.

Portanto, as etnias "dominadas" no colonialismo ibérico não estavam vazias de sentido, de significado, de conteúdo simbólico, como pensavam os imperialistas católicos, ao subjugar os povos indígenas e africanos à condição de desalmados, de mercadorias ambulantes. Possuíam seu próprio universo cognitivo, suas instituições

sociais que exerciam coerção sobre a coletividade emergente no colonialismo. Constituíam sistemas simbólicos que agiam de modo a servir aos dominados, de tal maneira, que não colocavam em risco o regime de dominação vigente.

Poderíamos pensar na formação política do poder colonial, que se instalou com o empreendimento colossal da colônia portuguesa, como uma aristocracia rural formada a partir dos donatários de terras. Por eles acontece o povoamento e a escravização das pessoas africanas e indígenas, roubadas de suas terras. Esse poder de dominação só renovou os meios pelos quais se propagam a violência física e a simbólica, que condicionam a mente dos dominados em um estado de submissão, permanecendo, ambas, como um hábito corriqueiro.

Essa dominação se atualizou com o passar dos séculos, ocupando importante função na produção simbólica da sociedade acarauense, como para qualquer campo social, acredito. Isso por incitar a representatividade de quem domina e a reação do dominado em se expressar em desacordo com a ideologia pregada pela coletividade dominante. Essa resposta à dominação se faz através do Torém[18] e do Reiso, no caso dos Tremembés de Queimadas, terra essa fruto de disputa de posse por indígenas e latifundiários, como tantas outras.

A descoberta da "Lagoa dos Nêgo", no território dos Tremembés de Acaraú, hoje demarcado pelo INCRA (Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária), é um fato que ilustra essa disputa e fora contado a mim pelo índio Tremembé Cecídio Ferreira do Nascimento, brincante de Reiso.

O senhor Cecídio, que nascera em Agosto de 1927, conta que seu pai e seu avô paterno chegaram à região do Rio Acaraú e foram morar na praia de Arpoeiras. Como a terra de beira de praia não é muito boa para o roçado, saíram com as esposas e os filhos para o sertão. Nessa emigração, buscando uma terra mais fértil, investiram num roçado entre Aroeira e o Corgo do Fernando, ambas localidades do sertão de Acaraú. O senhor Cecídio me explica:

[18] O Torém é a diversão predileta dos índios, sendo um folguedo composto por danças, cantos e bebedeira. Essa atividade tinha sempre espaço nas novenas que "... eram feitas por noitários, cabendo sempre uma delas aos índios...", afirma OLIVEIRA JÚNIOR (1998:37).

Aroeira é de Lagoa do Carneiro pra lá. E no Corgo do Fernando, brocaram um roçado, se juntaram e brocaram um roçado. Depois do roçado brocado, e queimado, e cercado e plantado, começou um bicho. O feijão começou a bajear, a durecer e começou comer um bicho e ninguém via rastro. Ai, o bicho começou a estragar. O meu avô muito inteligente que era, esperava da boca da noite até umas horas, não aparecia [o bicho] e ia simbora [o avô]. Quando amanhecia o dia que ele [o avô] chegava [ao roçado] taí o estrago feito no feijão.

O feijão amadurecendo, né?! E cadê, caçava rastro e num via. Só via pisado, mas não via rastro. Como é que um pato pode butar rastro, deixar rastro?

Tacou-se no rumo da praia meu avô. Chegou lá, pediu uns pedaços de rede, de curral. Aí deram, ele trouxe, quando chegou, amarrou a corda numa cabeça [de pau] e nôta. E mode com medo do inseto embaixo, tinha uns madeiral muito alto, ele agarrou-se e subiu. Chegou lá [no alto da árvore] se amarrou lá em riba, muito em riba, no alto fez um tucuzim [espécie de rede] e deitou-se. E disse: "hoje eu pego esse cabra".

E foi indo, foi indo, foi indo... o galo cantou e amiudô, que quando vem o claro do dia, e o bicho lá [talvez a rede posta, armadilha pronta]. Ele tava deitado quando ouviu aquele:"vou, vou, vou vou..." [imita um som de bater de asas de um pássaro]. Baxou onde fazia o estrago. Ele disse [o avô]: "eu vou deixar clarear mais que eu quero ver pra onde é que vai esse bicho. Eu vou atraz dele!".

Ai que o dia foi clareano, que deu pra ele [o avô] ver pra onde é que ele [o pássaro] ia, ele disse [o avô]: "ah! cabra é você que é o comedor de feijão?! Pois você não como mais não". Ai o bicho se assustou e tirou, [som de bater de asas] vou,vou,vou,vou... E tirou e ele [o avô] oiando, oiando, oiando e ele subiu [o pássaro]. E ele [o avô] subiu mais pra riba de um pau, ele ia mais pra uns galhos de cima. Pra ver pra onde é que ele ia [o pássaro]. Ai ele marcou por riba da cabeça de uma estaca grossa que tinha, o bicho passou por riba. Ele desceu marcou e foi avisar os outros [o avô]: "eu vi o bicho, eu conheci o bicho que estraga, é um pásso. Agora não sei que pásso é".

Mas se juntaram tudim [da família, do grupo que vivia junto], trabalharam cinco dia fazendo variantim [espécie de estaca pequena]. Cortando aqui,

fazendo variantim, lierim. Com cinco dia saíram em riba da Lagoa dos Nego, da dita lagoa. Foi sim senhor. Saíram descascando e enficando pau em linheiro [a partir da marca do voou do pássaro, cabeça de pau grosso], com cinco dias saíram na lagoa dos nêgo.

Chamam Lagoa dos Negô porque quem achou foi os negô [os índios]. Acharam a lagoa e com poucos dias ele chegou [Delo Sales, homem de posses de Acaraú] e disse: "Esse ponto aqui é meu". Era dele e como é que ele não tinha executado ela [a terra, a lagoa]? Nem precurado? Nem marcado, nem nada?

Mas os pobre tudo besta tudo cum medo, que quando viro, ai ele disse: "Eu preciso desse ponto aqui, esse ponto aqui é meu". Aí com um tanto, as negadas [vários nêgos juntos] não quiseram sair. Aí com um tempo, ele foi ao Acaraú trouxe um sargento e dois soldados. E quando viram [a negada] a polícia, não sabiam o que era polícia, ai espirrou todo mundo como preá encurvado. Correu todo mundo e ficou papai com onze filho.

O que ele podia fazer com onze filho? Se cobrir com um cesto? Ele disse [o pai]: "é seu Delo, o senhor tem razão, o senhor é rico e pode botar nois daqui pra fora, mas saiba o senhor que quem achou isso aqui foi nois! Num foi comprado não, isso aqui foi nois que achemo. E uma andorinha só não pode fazer verão". Ele com onze filho, se cobrindo com um cesto, como ele podia levantar. Ai ele baixou a cabeça, o sargento olhou para os dois soldados e balançou com a cabeça, dizendo que o velho tava certo. Mas não podiam porque tinham ido ganhar o dinheiro deles.

Ele podia ser contra o seu Delo pra ser por o meu pai? Não podia! Ai ele disse [o pai]: ói, fique sabendo,[para seu Delo], que o suor que eu derramei pra dar de comer os meus filhos se o bicho comer ele lhe come também. O sargento olhou pro meu pai e balançou com a cabeça e disse que o velho tava certo.

Aí espirrou gente pra Camboa da Lama, correu gente pra Almofala, correu gente pro Espraiado, correu gente pras Imburanas, correu os índios pras Ostras, correu gente pro Espraiado, correu gente pa rolta do ri [Volta do Rio Acaraú], correu gente po currai rei [Curral Velho], o derradeiro que correu foi o finado João Carneiro casado com uma irmã da minha mãe. Correu pro Acaraú [para a cidade, zona urbana] porque a família dele é de lá.

> - Aí depois dessa história da Lagoa dos Nêgo, o seu pai veio pra cá [Queimadas]?
>
> Não senhor. Fiquemo nos pau. Aí meu pai empejou, só saiu de lá [da Lagoa dos Nêgo] quando colheu o feijão, colheu o milho e colheu a roça. [E o pai disse:] "Pois é seu Delo, agora o senhor pode tomar de conta porque uma andorinha só não pode fazer verão. Os outro correro, eu não corri. Como é que eu corria com onze filho? Não senhor."
>
> Aí ele foi e disse: olha muié, eu vou atrás de uma morada pra nois. Agarrou um facalzão que ele tinha trazido da Amazônia e agarrou o carrim matilê. Calçou e tocou-se. Fez uma variante, saiu na Volta, no Corgo da Volta. Da Volta ele desceu, saiu na Gameleira, ele desceu saiu dentro das Pedrinhas, e das Pedrinhas saiu aqui [Queimadas]. Quando chegou aqui era um queimadão só. Meia légua em quadro [3 quilômetros quadrados]. Ninguém achava um galho em rama".

Daí o nome da localidade de Queimadas. Essa terra fora encontrada pelos Tremembés num estado de pobreza do solo por causa do incêndio que destruíra os recursos naturais do local. No entanto, a população indígena se instalou nesse lugar e foi reconstituindo a paisagem verde. Tal fato histórico para os moradores de Queimadas evidencia o exercício do poder pela classe dominante que se impôs diante da dominada, utilizando-se de meios legais e ilegais para desbancar o direito de fato e assaltar a legitimidade da posse da terra pelos negros da terra. É provável que o termo "nêgo", utilizado para identificar a lagoa daquele episódio, tenha sido empregado por pessoas como o senhor Delo Sales, antagonista da história contada pelo senhor Cecídio. Elas designam o termo "nêgo" para identificar pessoas os índios, reduzindo as especificidades da etnia à cor da pele.

No entanto, o exercício de dominação gera um conteúdo simbólico que intui a reprodução no poder e dos meios pelos quais o mesmo é exercido. No caso descrito pelo senhor Cecídio, a palavra de um rico fazendeiro foi suficiente para garantir a posse da terra de várias famílias Tremembés, que ocupavam o solo fértil da Lagoa dos Nêgo. Ao mesmo tempo, ou em tempo de resposta à dominação, há uma produção de conteúdo simbólico a serviço da coletividade dominada, a qual não ameaça a "ordem" vigente.

Então, poderíamos entender que a inteligibilidade da população indígena em lidar com os recursos naturais, em reconstruir uma mata e em tecer laços sanguíneos e étnicos, à medida que as novas gerações Tremembés vão surgindo, não fora abalada e evidencia uma subjetividade específica. Esse movimento interno dessa coletividade indígena é movido por uma lógica que tem no cultivo da terra umas das suas diretrizes.

Ao contrário da submissão de poder imposta pelo senhor Delo Sales, que representa tantos outros nomes e famílias de coronéis, fazendeiros e até mesmo os donatários empreendedores colonialistas, fiéis servidores das Coroas ibéricas e do salvacionismo católico, a população Tremembé de Acaraú construiu o seu próprio mundo social, seus valores e crenças cristãs compartilhadas com a aristocracia latifundiária e, atualmente, empresarial. Convivem também com instrumentos de larga produtividade, o que impulsiona um comércio de longo e espesso alcance, diferente do cultivo agrícola em roçado. Mas a produtividade industrial é uma teia dentro da roupagem de significados do homem do Reiso, como a identidade Tremembé também o é. Assim, mostramos essas distintas teias, formando as vestimentas das pessoas que fomentam o Reiso.

Se tomarmos a televisão como um símbolo da produção capitalista e a antena parabólica como um aperfeiçoamento desse veículo de comunicação, podemos afirmar que o capitalismo está presente na vida dos Tremembés. No entanto, as histórias de seu povo, a lida com a terra na agricultura, o Torém e o Reiso, não deixaram o cotidiano desse povo, orientam a sua conduta enquanto indivíduos. O sistema capitalista não exclui a produção simbólica de um povo pelo fato de ser de ordem materialista.

É verdade que a análise materialista nos aponta aspectos como o “valor de uso” como o “capital”, o trabalho vivo e o morto como elos entre o material e o simbólico. No entanto, o materialismo não explora o mecanismo de representação simbólica o qual se faz, neste caso, através da Festa do Reiso. Essa representatividade é importante na relação entre dominante e dominado, onde o campo simbólico reproduz ambos estados, que podem mudar a qualquer tempo. Dessa maneira, constituindo um *habitus* do homem do Reiso. Entretanto, é preciso nos apropriar um pouco do contexto histórico de onde advém o espírito imperialista ibérico, cujos valores morais estão alicerçados na guerra, no salvacionismo e no combate aos infiéis.

2.4 A Expansão de um imperialismo na península ibérica.

Uma importante renovação nos meios de produção mercantis, a necessidade de novos mercados e de expansão dos mercados já existentes tornam fato a navegação transoceânica, desmistificando o terreno marítimo das lendas medievais. Com esse novo fato, as monarquias Ibéricas transportam para a América não só representantes das Coroas Reais, mas também uma lógica fundada na produção, no comércio de especiarias, na própria tecnologia de navegação e na doutrinação católica. Lógica essa que foi imposta ao "gentílico" presente na terra de "Santa Cruz", fato semelhante em toda a América do Sul.

Tal imperialismo ideológico, segundo Ribeiro (2006), já era da *práxis* do povo ibérico antes dele pisar em terras americanas. O autor afirma que "(...) num primeiro movimento, os iberos se livraram da ocupação árabe e expulsaram seu contingente judeu, assumindo inteiro comando de seu território através de um poder centralizado...". Ribeiro continua, afirmando ser o poder imperialista ibérico um sistema de dominação que suprimia o "(...) espaço para qualquer autonomia feudal ou qualquer monopólio comercial" que não fosse o dele próprio.

Podemos compreender o "movimento" no qual se refere Darcy Ribeiro, como sendo o afloramento do espectro imperialista, que se manifesta, naquela situação descrita, pela ação de expulsão dos árabes e judeus, executada pelo povo ibérico. A emergência dos valores imperialistas nesse povo tem um segundo momento de expansão, quando o mesmo se lança na odisséia marítima "(...) de conquista, de saqueio e de evangelização sobre os povos da África, da Ásia e, principalmente, das Américas", assegura o autor.

Pensemos que, nesse momento, houve uma transposição do universo social ibérico, o qual se impõe a outros mundos sociais de forma imperialista, ou seja, visando à dominação. Os povos ibéricos tentaram fazer, por meio da guerra, com que os africanos, asiáticos e americanos se despissem de seus conjuntos de valores morais, éticos e religiosos para vestirem uma nova indumentária. Essa última, por sua vez, costurada por uma lógica completamente distinta do universo de significados de cada

uma daquelas populações. Algo semelhante aconteceu na colônia lusitana, pois, obrigar o povo gentílico a ser "mão-de-obra" escrava é impor uma noção de mundo distinta de uma já existente, que orientava ao convívio sustentável com os recursos naturais.

O universo social gentílico já era e ainda é um todo em cada indivíduo, pois as leis morais estavam interiorizadas no cotidiano de seu povo. Mas, tais normas devem acontecer no subconsciente coletivo e no individual para se tornarem fato, de tal maneira que conduz as possibilidades de casamento entre determinados graus de parentescos e, em outros, o proíbe. Assim, vão se organizando as tribos indígenas, que dão espaço à pluralidade de divindades e a rituais como o Torém, o que exemplifica uma lógica distinta da européia fundada nos dogmas católicos.

Como o reisado, na atualidade, é praticado também por populações Tremembés em Acaraú, que também praticam o Torém, podemos entender tal fato como uma evidência de um conteúdo étnico novo pelo contato entre lusitanos católicos e indígenas pagãos. Então, o espírito imperialista ibérico trouxe os dogmas católicos à terra onde nasce o povo brasileiro. Esses valores religiosos do além-mar foram absolvidos e atualizados por uma outra lógica, a do gentílico, acontecendo por mecanismos de exploração do colonialismo.

Paralelo ao conflito entre o povo ibérico e as diversas tribos indígenas, acontece também o confronto entre mundos cognitivos distintos, entre formas diferentes de compreender o mundo, entre culturas que percorreram trajetórias particulares até se estruturarem como sociedade. Isso gera um impacto grotesco no modo de vida das pessoas chamadas de índios pelos europeus, pondo em curso uma "... autotransformação que as populações indígenas das Américas se vêem conscritas, a seu pesar, para as tarefas da civilização nascente", afirma Ribeiro (2006). Assim, as pessoas indígenas foram assaltadas de seus cotidianos e postas em um "novo" nas colônias ibéricas na América do Sul. Entretanto, esse "novo" cotidiano de escravidão era antigo no mundo de guerras e de dominações do continente europeu. Esse mundo civilizador veio pelas "Naus", pelas Caravelas, pelas missões jesuítas e se instalaram na "terra de Santa Cruz". Vieram reproduzir uma lógica há muito existente e já desgastada em terras não-tropicais.

Podemos observar, portanto, a existência de um espírito imperialista do povo ibérico, que sofre, de certa forma, influência de uma espécie de "espiral de guerras" que ocorreu na Europa. Esse espiral converge para o Imperialismo ocidental, tendo esse representatividade nas conquistas de Alexandre "O grande", no imperialismo romano, sendo ainda representado por guerras religiosas, como foi a "Guerra Santa". A seqüência desses eventos de dominação formam o que chamo de "espiral de guerras", que carrega consigo valores sociais, cujo "espírito imperialista" é apenas uma conseqüência. Há uma série de valores morais que reforçam a idéia de dominação, tema esse denso e complexo que não cabe neste trabalho. A citação de alguns eventos que fomentavam a guerra como um valor a ser cultivado, funciona como um esboço da trajetória histórica do espectro imperialista.

Esses são apenas alguns eventos da longa e conflituosa história do imperialismo ocidental, que gerou uma compreensão de mundo que vê na guerra a prosperidade de uma nação. Esses fatos demonstram ainda a constante alternação entre as nações que conquistaram várias outras nações, nutrindo o imperialismo como um valor a ser cultivado, estimulando-o também como um poder de reação para os povos que se viam em situação de domínio. Assim, aconteceu com Tróia e Esparta, com França e Inglaterra na Guerra dos 100 anos, por exemplo. Então, como podemos observar a imposição de valores étnicos sobre outros, a atuação do espírito imperialista europeu, através das missões jesuítas, sobre as crenças "gentílicas" da América, são um valor social já existente no povo ibérico antes dele expandir-se para além-mar.

A nação que exercia a dominação sobre uma outra, no período dos grandes impérios ocidentais, teve amparo da consciência coletiva do seu próprio povo, tornando o guerrear numa espécie de "ação coletiva"[19] transcendente no território da nação dominada. Isso evidencia uma transposição de valores morais, éticos e religiosos que justificavam a dominação. Pois, os indivíduos que guerreavam a favor da dominação tinham que acreditar na dominação como um meio de prosperidade do seu povo. Assim, o discurso religioso imprimiu na crença coletiva um valor de salvação através da guerra, gerando uma espécie de "eficácia simbólica".

[19] Tomando de empréstimo a noção de ação social desenvolvida por Max Webber, que coloca a ação coletiva de indivíduos como um produto de uma atividade coletiva sob regência de valores morais socialmente construídos. Ações essas que têm no inconsciente individual a atividade coletiva de um determinado grupo.

Lévi-Strauss (1975) descreve as cantorias de chamãs do povo Ayoreo, localizado no Gran Chaco, evidenciando a forma como as canções orientam através de uma linguagem metafórica a desobstrução do útero feminino para o nascimento de crianças. De forma semelhante, a palavra dita pela Igreja articula um discurso que estimula confiança aos cristãos, encontrando na crença da coletividade o instrumento da "salvação pela remissão dos pecados". Então, o imperialismo como um valor social de dominação inter-sociedades tem amparo no consciente coletivo do povo que exerce a dominação. Ele gera uma força capaz de energizar toda uma população a favor do domínio de outra.

Então, o espírito imperialista engendra no povo ibérico, de certa forma, uma noção de dominação como meio de prosperidade econômica e de poder político. Esse valor perpassa pelos povos europeus que vão se formando, com o passar dos séculos. Por força do imperialismo é que algumas nações européias se formaram a partir de outras. Nesse processo de "Nações Geminais", o povo ibérico entra como resultado de um movimento de dominação que condensa hábitos, costumes, crenças, valores morais e étnicos, cujo espírito imperialista vão servir de alimento.

> "Nações Geminais, como Roma no passado, foram os iberos, os ingleses e os russos no mundo moderno. Cada um deles deu origem a uma variável ponderante da humanidade – a latino americana, a neobritânica e a eslava -, criando gentes tão homogêneas entre si, como diferenciadas de todas as demais." (RIBEIRO:2006)

No caso do povo ibérico, esse espírito imperialista ocidental teve um forte amparo do conhecimento proveniente da Igreja. Tal espectro encontra na "vida religiosa" daqueles indivíduos, (tomo de empréstimo a noção de Durkheim a respeito de dogmas religiosos no mundo social[20]), o veículo para unificação da península Ibérica, expulsando "(...) os hereges sarcenos e judeus, que os haviam dominado por séculos"

[20] O referido autor dialoga sobre como a religiosidade de um povo o conduz moralmente, engendrando-se no mundo social, de maneira tal, que promovem uma vida religiosa, uma religiosidade capaz de conduzir a conduta moral dos indivíduos. Assim, são gerados valores sociais que ganham o *status* de elementos de composição do consciente coletivo de uma determinada sociedade.

(RIBEIRO: 2006). Dessa maneira, emerge uma moral que, entrelaçada com o poder da Igreja e vendo na guerra um valor de prosperidade, forma uma espécie de "*ethos"* imperialista e doutrinador, além de salvacionista.

> "O próprio Estado assume funções sacerdotais, expressamente conferidas pelo Papa, para cumprir seu destino de 'Cidade de Deus' contra a Reforma européia (...). Para tanto, chega a transferir às coroas ibéricas o mais importante de seus privilégios, que era o padroado papal, dando-lhes o direito de nomear, transferir e revogar bispados e outras autoridades eclesiásticas. Em contraparte (...) Roma lhes sacramenta a possessão dos novos mundos com a condição de que prossigam sobre eles a guerra dos mouros, na guerra e na conversão dos mundos infiéis recém descobertos" (RIBEIRO:2006).

Para além de uma motivação expansionista da economia mercantil, o povo ibérico recebe a "benção" para povoar as terras americanas e doutrinar os "infiéis" nelas presentes. Abençoados, as missões jesuíticas e os colonizadores desembarcam na América do Sul gentílica e desencadeiam um processo de desemposse de terras, escravizando os indígenas "(...) em seus corpos, convertidos em bens semi-moventes para o uso que os senhores lhes dessem, eles eram também despojados de suas almas", assegura Ribeiro (2006). Tal estado de submissão foi alcançado, segundo Ribeiro, por intermédio da instauração de um pensamento capaz de converter a consciência do gentílico. Fazendo-o acreditar ser parte de uma "(...) humanidade gentílica e pecadora que, aponta Ribeiro (2006), só podia esperar, através da virtude, a compensação vicária de uma eternidade de louvor à glória de Deus no Paraíso".

Dessa forma, constitui-se uma ideologia que reforça o pensamento do senhorio de estar civilizando o gentílico, ao invés de escravizando, na ação de obrigá-lo a produzir para exportação. O mesmo campo ideológico obriga, ainda, o pensamento gentílico a encontrar uma sacralidade na ordem social e a perceber "(...) seu papel nela prescrito de criaturas de Deus em provação, a caminho da vida eterna", afirma Ribeiro (2006). Tal dominação ideológica afirma-se pela severa doutrinação jesuítica que acompanha o empreendimento colonial.

2.5 O Empreendedorismo lusitano na terra dos infiéis: assentamento de valores morais advindos do (além)-mar.

O "espírito" imperialista ibérico foi um dos pilares do colonialismo na América do Sul. Ele estimulou o transposição, para a terra gentílica, da tecnologia européia, século XVI e XVII, que era aplicada à produção, ao transporte, às atividades relacionadas as engenharias civil e naval e à guerra, como são exemplos os vários instrumentos de metal ao alcance do gentílico, aponta Ribeiro. Esse autor coloca ainda que o empreendimento lusitano trouxe a navegação transoceânica para esta terra, integrando-a, dessa forma, à economia mundial "(...) como produtores de mercadorias de exportação, afirma Ribeiro, e como importadores de negros escravos e bens de consumo". Desenha-se, assim, o assentamento de uma sociedade exportadora, encontrando, no cultivo da cana-de-açúcar, o mecanismo para a ocupação dessa terra, que construiu uma estrutura estável e favorável a doutrinação cristã católica dos "infiéis". Não podemos deixar de lado a corrida aurífera e as várias bandeiras que contribuíram para a interiorização do território colonial pré-brasileiro[21].

A instalação de fazendas para o cultivo da cana-de-açúcar foi possível à divisão de terras feita por mecanismos políticos da Coroa lusitana. Sistemas de "sesmarias" empossaram portugueses de confiança da Coroa e da Igreja na terra desempossada do gentílico. Várias pessoas de diferentes tribos, aldeias e nações africanas foram arrancadas do seio de suas terras para constituírem a engrenagem da produção açucareira da colônia portuguesa. O sistema implantado não é só de produção, mas de poder político e religioso atribuídos ao senhorio e aos jesuítas, respectivamente, que se enraizaram na terra, dando curso a "remissão dos pecados" de um povo pagão e a produção exclusiva para a Coroa lusitana.

No decorrer deste processo, houve a introdução do gado bovino, caprino, suíno, da criação de galinha e de outros animais domésticos, assegura Ribeiro, cuja "lavoura tropical indígena" considera o meio de subsistência dos núcleos coloniais.

[21] Entenda-se que o Brasil como nação constituída só esteve erguido depois da instauração da vida política pública, depois do ato de Independência. Então, refiro-me ao período colonial como um período anterior à existência do país Brasil.

Semelhante ao “espírito imperialista ibérico”, que planta na dominação territorial e ideológica de um povo sobre outro um valor de prosperidade do primeiro, a empresa da cana-de-açúcar é um fato novo na terra dos “infiéis”, mas em Lisboa já se conhecia. O regime escravista, o plantio de cana e a criação de gado formavam um sistema produtivo já conhecido pelos portugueses. Esse sistema chega à Colônia com a implantação do regime de “donatárias”, afirma Ribeiro. O autor assegura ainda que “(...) como os portugueses viviam cercados de escravos já em Lisboa, é até improvável que ele, [Martim Afonso], e seus capitães não tenham vindo acompanhados dos seus serviçais” (RIBEIRO: 2006).

O impacto desse empreendimento acontece de tal forma que rompe o conjunto de valores gentílicos baseados na “solidariedade elementar fundada no parentesco”, pontua Ribeiro, de tal forma, gerando uma bipartição da “(...) sociedade em componentes rurais e urbanos...”. Isso ocasionou uma relação de dominação entre uma elite, algumas vezes letrada, patricial, provinciana, e pessoas indígenas escravizadas e africanos escravizados. O mundo econômico pré-brasileiro gerava lucros a partir da produtividade constituída nas plantações de cana. No entanto, não substituia os seus hábitos e costumes, mas agregava novos significados aos já existentes.

Nesse ambiente o europeu transou com o indígena, desencadeado um processo de miscigenação que fez surgir uma ligação de parentesco entre pessoas desses distintos povos, que podemos pensar com o auxílio do conceito “cunhadismo” concebido por Darcy Ribeiro (2006), por exemplo. Essa instituição social permitiu a feição de laços consangüíneos entre os colonizadores e os indígenas, o que fez surgir uma etnia que não era a indígena nem a européia. Dessa forma, coloca Ribeiro o que seria a emergência da etnia brasileira, a qual apresenta os dogmas católicos segundo um ponto de vista de um povo caboclo, habituado a fazer lavoura, a se locomover pelas florestas fechadas, a construir moradias na mata.

Darcy Ribeiro mostra em “O povo brasileiro” a aparição de mulheres mamelucas ingressando na formação da etnia brasileira, buscando um lugar digno para serem, pensarem, construírem relações com outras pessoas, isto é, existirem socialmente.

> "Já não sendo índias, procuravam espaço para ser alguma categoria de gente digna. A única que se lhes abria era de fiéis contritas dos santos católicos, seguidoras entusiastas dos cultos. Essa foi à única conversão que os padres alcançaram. Elas foram de fato as implantadoras do catolicismo popular santeiro no Brasil..." (RIBEIRO; 2006:)

Podemos pensar, portanto, que o mundo europeu se fundiu com o mundo tribal, formando um novo mundo. Novas relações sociais foram surgindo a partir do núcleo produtivo da cana de açúcar, como foram os sujeitos conhecidos como Coronéis, os capitães do mato e as famílias em torno de ambas categorias. Isso fermentou o solo para a germinação de novas etnias como "as mamelucas fiéis contritas dos santos católicos". Nessas mulheres está presente a subjetividade do povo indígena (o conhecimento de plantas, palavras indígenas e histórias de vida) que fora hegemônica, dando espaço à religiosidade cristã. Como elas, vários homens também seguiram tal orientação religiosa. Houve, ainda, a incorporação de imagens de santos por grupos praticantes de religiões africanas como a Umbanda. Podemos observar a imagem de Iemanjá, a Rainha do Mar, semelhante à de Nossa Senhora, por exemplo, tal objeto sagrado de raízes africanas simboliza o sincretismo religioso de duas vidas religiosas distintas.

É importante colocar esse surgimento étnico brasileiro sob o prisma do pensamento geertziano, observando as relações étnicas postas como um evento de natureza cultural. E, nessa perspectiva, entendendo as matrizes étnicas negra, indígena e européia como uma "teia de significados", cada uma. Uma vez estando em contato, trocam significados de maneira a tecerem uma nova teia, mas com fios oriundos das três primeiras. Dessa forma, emerge a etnia brasileira a partir do "cunhadismo" e a sua vida religiosa, partindo daquele grupo de mulheres fiéis contritas como diz Ribeiro. Os fortes fios do catolicismo se popularizam pela relação dos fiéis com as imagens dos santos.

Então, os dogmas católicos, o código canônico, a hierarquia eclesial, e os ritos dessa religião, engendram-se na vida religiosa do povo brasileiro. Sendo na vida religiosa cabocla, desenvolvida conforme uma lógica própria, que se apresentam mecanismos de ativação da fé específicos a esse povo. Dessa forma, podemos entender

que a celebração de uma promessa feita a algum santo, seria um "dogma popular", ou seja, um valor sacralizado pela crença da coletividade cabocla, evidenciando a sua vida religiosa.

A tradição católica celebra o seu corpo de santos dedicando-o um dia no calendário romano, assim, é possível celebrar rezando e festejando uma determinada santidade católica. Com a construção das igrejas nas comunidades de brasileiros que foram se formando, houve a propagação desse calendário católico. Nele há as datas do Natal e da Páscoa, fundamentais para o cristianismo, pois rememoram, respectivamente, o nascimento e a morte de Jesus Cristo.

A ação de festejar o nascimento de Cristo desencadeou uma série de atividades comemorativas que partiram das igrejas, ganhando espaço nas comunidades que foram se formando com a força da atividade pecuária. O processo de interiorização do território colonial foi possível mediante o conhecimento indígena de andar nas matas, assentando o povoamento das terras com as atividades de pecuária que ganharam o nome de "O Ciclo do Gado". Dessa forma, a consciência coletiva cabocla concebe um ambiente comemorativo de raízes religiosas e de "*ethos* " proveniente das atividades relativas ao gado bovino. Emergem, nas comunidades nordestinas, comemorações em torno do Natal, nascimento de Cristo, e o Festejo de Reis é uma delas. Então, de uma certa maneira o reisado foi inventado e, tomando de empréstimo a noção do pensador historiador Éric Hobsbawm (1984) a respeito da "invenção das tradições [22], podemos compreender o Reiso como um festejo tradicional. A referida noção de Hobsbawm (1984) diz que "As tradições inventadas se caracterizam por estabelecer (...) continuidade (...) que ou assumem a forma de referência a situações anteriores, ou estabelecem seu próprio passado através da repetição quase que obrigatória". Partindo dessa assertiva, é possível pensar que o Reisado é uma tradição por rememorar os Reis magos[23].

Portanto, a tradição do Reiso é mantida e identificada pelos brincantes de Acaraú, os quais são agricultores, pescadores e vaqueiros. A realidade da categoria

[22] No caso do Reiso a consciência de "adoração dos Reis Magos" (ver página 33) é atualizada a cada festejo de Reis.
[23] Ver o depoimento transcrito do senhor Domingos Chagas na página 40.

social dessas três últimas atividades econômicas gera um conteúdo simbólico que aparece quando estão no estado de brincadeira, ou seja, a festejar o Reiso, ou ainda, a brincar o Reiso, como eles mesmos identificam a sua própria ação.

É necessário perceber que o espírito imperialista trouxe consigo valores morais importantes para a construção da tradição do Reiso, como é o calendário festivo católico e a "compreensão de mundo" acerca do monoteísmo e dos ritos cristãos. A idéia de cristo é presente em meio às pessoas que fazem a brincadeira, mas a brincadeira em si criou a sua própria lógica, utilizando-se dos elementos morais provenientes dos indígenas e os do catolicismo para gerar uma ambiência lúdica, descontraída e ao mesmo tempo séria. Assim se forma o "espírito do reseiro", que deu corpo à manifestação do Reiso à medida que o município de Acaraú fora se formando.

3 A brincadeira em seu terreiro.

O conjunto de valores morais oriundos do catolicismo advindos ao Brasil por meio do imperialismo ibérico salvacionista e empreendedor do colonialismo, vistos nos capítulos anteriores (2.3, 2.4 e 2.5), assentaram-se também no litoral Oeste do que hoje conhecemos como Estado do Ceará. Essa região abriga terras banhadas pelo rio Acaraú, outrora, antes da povoação com ordem da Coroa Portuguesa, em domínio dos povos Tremembés e Tapuias[24]. O povoamento dessas terras se oficializa com o desemposse lusitano sobre as terras habitadas pelas populações indígenas, assim, a Corte Portuguesa determinou a distribuição de terras e os seus donatários.

Dentro da lógica de divisão de terras, aconteceu o povoamento das férteis margens do rio Acaraú em forma de sesmaria, como afirma Nicodemos Araújo (1991) quando escreve que "a cidade de Acaraú é oriunda da sesmaria de 6 léguas, de uma das margens do rio Acaraú, por 3 léguas, da outra". Essa terra era da propriedade de João Pereira Veras, assim afirma Araújo que assegura o ano de 1705 como época da posse daquele terreno. Esse autor escreve ainda que "outras terras [na mesma região acredito], foram distribuídas a João de Sá em 1716", como também "em 1735, a José Bernardo Uchoa e a Manoel da Guarda Monteiro", diz Araújo. Ele assegura também que "é provável que, a partir daí, tenha se desenvolvido a criação de 'gado *vacum* e a *cavalar*", fundamentando-se nos escritos de João Brígido. Então, dessa maneira, foram instaladas as "Charqueadas" até o ano de 1790, afirma Araújo, fato que dá nome ao povoado de "Oficinas". Esse povoado é o primeiro formato de organização social do que se conhece, hoje, como sendo o município de Acaraú, evidenciando-se os laços profundos da população acarauense com as atividades da pecuária.

As fábricas de charque movimentaram a economia dessa região, até então, no formato de povoado. Com a crescente produção de charque, as fazendas foram emergindo e instalando-se uma noção de poder que controla a vida familiar do "Senhor do Gado" e a política da cidade onde reside. Tal idéia de poder é instaurada com os donatários e reforçada com sua missão de garantir o povoamento da colônia. Esse

[24] Informação apreendida do livro "Cronologia da Cidade de Acaraú" (1991), cuja pesquisa foi feita por Manoel Nicodemos Araújo.

último, por sua vez, é impulsionado pelos "Senhores de Engenho" advindos da produção de açúcar e abençoados pelo movimento religioso católico já instalado. No mesmo período em que vão se constituindo as famílias dos coronéis, vão surgindo também as famílias dos vaqueiros, assim como também as dos pescadores da região, tendo em vista o potencial econômico pesqueiro desse lugar.

Dessa maneira, foi sendo construída uma aristocracia que se distanciava, à medida que os séculos passavam, das camadas populares, desenvolvendo poder sobre atividades de pecuária e pesqueira. Os donos de currais de gado, muitas vezes, eram também donos de currais de peixe, essa é uma das formas de obter o pescado em grande quantidade. Aquelas camadas populares, por sua vez, advieram das famílias dos vaqueiros, dos pescadores e dos agricultores da região. Provavelmente grupos indígenas, em parte, e ex-escravos, em outra, pois, o estudo publicado na obra "Na mata do sabiá: contribuições sobre a presença indígena no Ceará" (2009) nos mostra a existência em Telhas e Queimadas, ambas localidades distritais de Acaraú, de populações Tremembés, na contemporaneidade. Além disso, há relatos de moradores que dizem, quando crianças, terem tido contato com negros empregados, já ex-escravos[25].

As camadas populares simbolizam a divisão do poder, a separação entre as pessoas aristocratas e as que não eram. Entretanto, os vaqueiros e seus descendentes constituíram famílias pobres que desempenharam importante função no ciclo do gado. As famílias com atividades ligadas à agricultura e à pesca também desempenharam e executaram importante função para o trânsito das relações comerciais que movimentam a economia do município. A marca desta divisão imposta pela aristocracia da cidade tem uma referência no bairro "Outra Banda", situado na periferia da região urbana de Acaraú, pois as pessoas que não tinham espaço na teia do poder, onde os coronéis formavam o executivo e comandavam o legislativo e o judiciário, iam morar na "Outra Banda".

[25] Vale ressaltar que vimos no capítulo **2.1 O Espírito Imperialista Ibérico (página 41),** desta pesquisa**,** o termo "nêgo" designado, pela classe dominante, às pessoas Tremembés. O significado desse termo na região do rio Acaraú pode ter referência apenas às populações Tremembés, tendo em vista que, até o momento, não tive acesso às pessoas de etnia afro-descendentes residentes na região.

É interessante destacar que no bairro "Outra Banda" mora o senhor Cícero Mano[26], um dos repentistas mais famosos da história não registrada do Reiso em Acaraú, quiçá do Estado do Ceará. Além de pessoas que me descreveram as lembranças agradáveis das noites de Reiso, que tiveram o prazer de viver. Um pouco mais distante, na localidade de Curral Velho, próximo à praia de Arpoeiras, reside um mestre de reisado de 84 anos e de igual idade, na localidade de Queimadas, sertão de Acaraú, um outro mestre de Reiso que é um índio Tremembé. E não tão distante do centro de Acaraú, na comunidade dos Espinhos, cercado por matos e pela gentileza do povo, estive em uma festa de Reiso com os brincantes Osmar Livino, Domingos Chagas e Chico Major. Então, os hábitos e costumes que permitem a manifestação cultural do Reiso estão engendrados no cotidiano das pessoas pertencentes às camadas populares que estão à margem do poder político de Acaraú. Eis a "estrutura-estruturada" com o valor de "estrutura-estruturante", ou seja, o princípio organizador da representação coletiva do Reiso.

O *habitus*, com uso da noção de acumulação de práticas e costumes de ordem popular[27], que impulsiona a brincadeira do Reiso, não ocupa o mesmo espaço do *habitus* que proporciona o intenso fluxo de relações orientadas pelo consumo e pela tecnologia da informação, por exemplo. Esse último está submetido às leis de mercado, do consumismo e da acumulação monetária ininterrupta. Tudo isso gera a busca de empresas por cada vez mais espaço no mercado financeiro e ainda conduz os conflitos sociais no sentido de reproduzir a lógica da classe dominante. O poder sobre o mundo social perpassa por essa lógica, e ela passa também pelas instituições sociais que designam as normas de conduta no campo conflituoso das relações sociais, constituindo uma "estrutura-estruturada".

Neste caso, a Prefeitura do município de Acaraú, a Câmara de Vereadores, a Receita Federal, o INSS representam as instituições sociais da "estrutura-estruturada", a dominante, que lida diretamente com casos de pessoas físicas e jurídicas do campo dos direitos e deveres legalmente estabelecidos. Seriam essas instâncias mecanismos pelos quais os "estabelecidos" permanecem no comando do poder público. As várias empresas, lojas e supermercados representam as leis capitalistas de mercado, lidam com

[26] Ver capítulo 1.3, página 23.
[27] Ver capítulo 2.1, página 35.

sujeitos e grupos no campo do consumismo. No entanto, tal composição ganha valor "estruturante" quando reproduz a sua lógica legislativa e consumista, diminuindo o espaço de uma construção simbólica popular[28], ou seja, livre do aprisionamento intelectualista e monetário dos mundos jurídicos e econômicos.

Entendendo a noção de *habitus* como um estado que condensa práticas e representações sociais exteriorizadas na empiria e na conduta moral de indivíduos em um campo social, observando o plano das idéias como o de produção simbólica e de produção do poder coercitivo, que converge as ações individuais em sociais, podemos constatar a existência de dois mundos sociais em um mesmo campo. Eles produzem um *habitus* cada, um é proveniente das camadas populares e outro das camadas dominantes. Entretanto, esses dois mundos sociais dialogam, convivem, possibilitando a sociedade do consumo de Acaraú e a sociedade do Reiso.

Assim, longe de estar afirmando uma separação abrupta e definida entre os hábitos e os costumes das camadas populares e das camadas que detêm o poder político e econômico, mas sim de compreender que ambas formam um todo complexo de constante interacionismo. Esse último por sua vez é parte do processo de coerção desenvolvido pela moral que move o "homem do Reiso". Há, portanto, uma moral que rege as relações sociais em Acaraú de forma a permitir a manifestação cultural do Reiso. Essa coerção acontece por vias simbólicas das pessoas que comungam da atmosfera lúdica da brincadeira do Reiso.

[28] Leia-se o termo popular em acordo com a discussão desenvolvida por Roger Chartier (1995) em **"Cultura popular"**: revisitando um conceito historiográfico**.** O referido autor aponta "dois grandes modelos de descrição e interpretação" do tema. O primeiro compreende "(...) a cultura popular como um sistema simbólico coerente e autônomo, afirma Chartier, que funciona segundo uma lógica absolutamente alheia e irredutível à da cultura letrada". O segundo modelo analisa as ausências pertinentes à cultura popular em comparação com a cultura letrada, que é a dominante. Utilizo a expressão "cultura popular" em acordo com o primeiro modelo enunciado por Chartier.

3.1 O ESTUÁRIO DO REISO

> "Acaraú, nas tuas longas ruas, a poeira dos séculos repousa, petrificada luz que no chão pousa, antiga luz de tantos sóis e luas...
> O silêncio é o presente que não ousa
> Transpor o Rio, onde o passado estua...
> Mas quando à noite, o vento do mistério,
> Por entre as ruas e avenidas sopra,
> Vejo surdir a inumerável tropa,
> Vinda do abismo do esplendor funéreo...".
>
> Dimas Carvalho

A poesia de Dimas Carvalho, natural de Acaraú, da mesma geração do importante e já falecido poeta Manuel Nicodemos Araújo[29], nos diz sobre a "Cidade dos Poetas", já com 161 anos de emancipação, hoje. Ela descreve a luz radiante que se solidifica nas pedras do chão das ruas desse espaço urbano, que hoje são cobertas por camadas de asfalto. Um tempo posterior aos imensos terreiros de areia presentes nos primórdios da cidade, quando ainda era vilarejo, momento histórico visível, hoje, apenas em fotografias. O sopro do vento traz o "ar" do tempo dos terreiros, sendo ele comparável ao espírito da coletividade constituída pelas ações dos vários sujeitos da formação desta cidade. Uma referência saudosista aos antepassados, numa tentativa de celebrar a memória dos mesmos, registrada nos nomes das ruas da cidade.

As praças públicas têm também nomes e monumentos dos ícones políticos do lugar, mas o vento que sopra na noite, ao qual se refere Dimas Carvalho, menciona a "inumerável tropa" que revisita a cidade. A imensa população, penso, de vaqueiros, rendeiras, artesãos, agricultores, cantadores, poetas, políticos, aristocratas, coronéis, advogados, médicos, rezadores e rezadeiras, curandeiros e curandeiras, religiosos,

[29] Poeta local da cidade de Acaraú-CE. Teve cadeira na Academia Sobralense de estudos e Letras, na Academia Cearense de Letras, na Academia de Letras Municipais do Brasil e foi membro da União Brasileira de Escritores.

padeiros, tipógrafos, jornalistas, radialistas e brincantes de Reiso, que formaram e formam, na geração contemporânea, a sociedade de Acaraú.

Aquele "vento do mistério" pode vir a ser uma referência ao conjunto de hábitos e costumes, aos gêneros cognitivos de cada uma daquelas categorias sociais. Assim, influenciando o meio das relações sociais, ou seja, a "inumerável tropa" de que fala Dimas Carvalho. Essas categorias convergiram num interacionismo-social que percorreu um caminho de conflitos às margens do Rio Acaraú, porém, um percurso ascendente na organização social, ocupando as suas planícies. Primeiro o povoado de Oficinas, depois a Vila e, por fim, o Município, uma complexificação social sem perder a tranqüilidade das primeiras moradias. Assim, nos diz Dimas Carvalho: "O silêncio é o presente que não ousa transpor o Rio, onde o passado estua...", refere-se à tranqüilidade que existe na cidade e ao se navegar pelo Rio, ambas em semelhante teor. E o trecho que diz "(...) onde o passado estua..." diz respeito ao conjunto de relações sociais construídas desde o período do povoado até a dinamicidade do cotidiano contemporâneo da cidade. Tudo isso se relaciona de tal forma que lembra um estuário, coloca Dimas em sua poesia.

A partir dessas organizações sociais e de suas relações, historicamente construídas, podemos pensar na reunião de diferentes teias de significados tecidas pelos vaqueiros, rendeiras, artesãos e pelos brincantes do Reiso, como sendo a convergência de vários fluxos de significados respectivos. Pensando cada categoria social como um "braço" do Rio Acaraú, poderíamos dizer que o vaqueiro, por exemplo, simboliza um universo de significados, uma teia, oriundo do sistema de relações sociais firmado pelos senhores dos currais. Seria, portanto, um rio secundário que alimenta o principal, neste caso o Acaraú, que simboliza a sociedade do Rio das Garças[30].

As águas dos rios secundários vão alimentando as do rio principal, assim como os significados expressos pelo movimento do subconsciente de pessoas que compartilham do universo do vaqueiro, por exemplo, vão nutrindo a sociedade de Acaraú. Então, podemos metaforizar o estuário[31] do rio Acaraú como sendo a reunião

[30] Nome dado ao rio Acaraú. Informação apreendida do livro "Cronologia da Cidade de Acaraú" (1991).
[31] Bacia de um rio formada perto do mar. No Brasil predominam rios que têm foz do tipo estuário. ROCHA, Ruth. Minidicionário. Editora Scipione. São Paulo, 1996.

de várias teias de significados que formam a sociedade desse município, entendendo cada "braço de rio" como uma teia e o movimento das águas um fluxo de significados.

A Festa do Reiso seria um rio secundário da sociedade acarauense, no que diz respeito ao universo de significados. A sua teia fora tecida pelo homem do Reiso que já tinha um fluxo de significados oriundos de um tempo anterior à existência dessa comemoração. Esse conjunto de fios contém as práticas mantidas pelos vaqueiros, rendeiras, artesãos, agricultores e etc., que contribuíram para a formação da brincadeira do Reiso. O conhecimento advindo dos vaqueiros, principalmente, influenciou a conduta dos brincadores do Reiso, no que se refere à lida com as figuras e até mesmo na escolha delas, pois a personagem do boi é tida como a atração principal.

Além disso, os brincadores que "soltam repentes" são conhecidos também como "mascarados"[32]. No entanto, o nome "máscara" pertence ao universo semântico do vaqueiro, pois é um instrumento de trabalho do mesmo utilizado na lida com o gado arisco, diminuindo a visão dos animais de forma a tranqüilizá-los. Então, esse elemento fora apropriado para a atmosfera lúdica da festa, codificando de "mascarado" o brincador reseiro que desempenha a função de cantar, diferenciando-o dos brincadores de bicho, que vestem personagens em trajes de animais. É importante observar que o conteúdo semântico da teia de significados do universo social dos vaqueiros fora construído a partir da colonização lusitana, antes da independência, portanto, anterior às manifestações relativas à brincadeira do boi. Evidenciando, também pela presença do boi como personagem principal, a proximidade entre o Homem Vaqueiro e o Homem do Reiso.

O desenvolvimento das oficinas de charque e a criação de gado em currais contribuíram para a construção de uma compreensão de mundo, que via nas cabeças de gado, o sustento da família do patrão e a do empregado. Além disso, afirmou-se o Coronel, proprietário da fazenda, como sendo a autoridade maior tanto dentro como fora dela. O senhor da fazenda construiu a sua relação com a propriedade e com as pessoas que nela moravam de maneira a reproduzir seu poder, em uma forma externa ao âmbito da fazenda. Passou a influenciar na dinâmica política e econômica da cidade de Acaraú,

[32] São brincadores de Reiso que desempenham a responsabilidade de executar repentes, as entoadas das personagens, de sapatear no terreiro. Essas são algumas das atividades executadas na noite de Reisado.

regendo, muitas vezes, a conduta ética e moral das pessoas. Paralelo a isso, os vaqueiros foram construindo uma relação com os animais da fazenda e das matas, de onde tiravam o sustento das famílias. Além disso, reafirmavam o compromisso de trabalho acertado com o Coronel na lida diária com o gado, como nos conta o senhor Cecídio Ferreira do Nascimento:

> "Lá [na fazenda do finado Chico Mundó] era sessenta gado, rapaz. Tinha corgo por aquele lado, tinha corgo por aquele lado [aponta para o outro lado] e o gado não encostava na cacimba. E eu acostomei eles todim, todim. Que quando amanhecia o dia, você pensa que ele ia pras lagoa? Eles iam beber no tanque. Acostumei eles todim".

Como nos mostra o senhor Cecídio, índio Tremembé da localidade de Queimadas, há uma proximidade das pessoas da região na lida com o gado, domesticando-o segundo hábitos que se julga correto. Nessa lida direta e íntima, o vaqueiro constrói um campo semântico que enriquece o vocabulário posto nas cantorias de improviso do Reiso, além de fornecer a proximidade com outros animais como o bode e a burra. Esses animais são personagens na Festa do Reiso.

Assim, como o universo do vaqueiro deu a sua contribuição para as práticas do reisado, as atividades dos pescadores e de suas famílias alimentaram o universo dos brincantes. Então, a teia de significados tecida pelo "homem" da pesca é mais um nutriente para o imaginário dos "mascarados" trabalhar na construção dos repentes. Dessa forma, podemos compreender que os sujeitos do reisado de Acaraú foram nutridos também por práticas desenvolvidas no mangue, no rio das garças e no mar. Assim podemos observar na letra de um repente feito pelo senhor Manuel Félix, que é índio Tremembé e reside em Queimadas:

> "As vez que quebra a cabeça
> mas não quebra opinião
> Eu entrei de mar a dentro
> pra brincar com os tubarão
> passei na boca da barra

cumdé com oriço [orisco] na mão".

A festa do reisado é, portanto, um todo alimentado por diversas práticas de diferentes etnias localizadas em diversas comunidades do município de Acaraú. Tratemos a partir de agora o Reiso como um rio, então, teríamos como seus afluentes o universo da criação de gado, o da pesca e o produzido pelos índios Tremembés.

Em acordo com o atual contexto, podemos salientar que o movimento cíclico da interiorização da objetividade por um determinado grupo e a exteriorização da própria subjetividade denuncia um fluxo de significados. Esse último, por sua vez, acontece no campo das relações sociais, na objetividade da realidade de quem interioriza algo. Isso é possível mediante as trocas simbólicas constantemente realizadas entre as pessoas pertencentes a diferentes grupos sociais, etnias e culturas. Eis um importante agente no processo de atualização de elementos característicos de uma determinada cultura, como também no processo de atualização do "*ethos*" de uma dada população. Assim, podemos observar as vestimentas indígenas do século XIX e aquelas pertencentes às populações de mesma origem na contemporaneidade. Podemos ainda perceber a inserção da doutrina católica nas atividades espirituais, na subjetividade da comunidade de Queimadas, como também na organização dos festejos e comemorações.

Então, o amálgama de signos atualizados a um dado contexto acumula-se no sentido de dar dinamismo às relações sociais de um dado contexto, assim podemos perceber o Reiso no Acaraú, pois a cultura Tremembé incorporou o "espírito comemorativo" do dia dos Santos Reis. Essa data advém da tradicional história dos três Reis magos que realizaram um percurso no deserto de Nazaré guiados por uma estrela até a manjedoura do Menino Deus. Assim como a tradição católica está presente na manifestação cultural do Reiso, a tradição indígena também está. Ambas formam dois afluentes distintos do rio principal, A Festa do Reiso, recebe as águas daquelas tradições nutridas por universos distintos de significados, formando um verdadeiro estuário que deságua no oceano de significados do próprio universo social.

Como um estuário, funciona o fluxo de significados que contribui para a fermentação da Festa do Reiso, interligando vários distritos do município de Acaraú;

são alguns deles onde o Reiso acontece: Curral Velho, Buriti, Aroeira, Espinhos, Brasília, Belém, Morrinhos, Jenipapeiro, Munguba, Macajuba, Piranhas, Poço Doce, Guarda, Ilhas, Marco, Triângulo, Espraiado, Prata, Pereiras, Queimadas, Telhas, Lagoa do Carneiro, Lagoa dos Nêgo. Além desses, há municípios vizinhos ao de Acaraú onde o Reiso permanece em atividade nas áreas rurais, tais como: Juritianha, Cruz, Bela Cruz, Almofala, Itarema, Jijoca e Jericoacoara. Mas durante muito tempo, todos esses municípios foram distritos de Acaraú, tendo participação substancial na formação do estuário do Reiso.

Dessa maneira as atividades pertinentes ao Reiso acontecem, interligando várias localidades e municípios formando uma "malha de significados", pois condensa distintas "teias". Pode-se dizer, então, que o estuário do Reiso se materializa na própria Festa de Reiso, sendo esse "fenômeno" cultural um símbolo de toda a dinâmica das relações sociais desempenhadas em Acaraú. Devo salientar que o aparente esquecimento do Reiso[33] pelos citadinos acarauenses é apenas um véu sobre os olhos do pesquisador, que dificulta a observação dos processos coletivos e individuais da cinética dos significados da brincadeira do Reiso. Daí a importância do método da "descrição densa" e do empenho intelectual em tracejar relações entre os acontecimentos históricos e os culturais pertinentes à região. Além disso, da observância do processo de formação da população "mestiça" de Acaraú, tanto em fenótipo como em hábitos e costumes. Dessa maneira, estaremos imergindo na densidade cultural da manifestação do reisado feito na região do Vale do Acaraú.

[33] Ver **I**ntrodução na página 6.

4 O universo simbólico dos Tremembés de Acaraú: alguns aspectos da vida religiosa dos brincadores reseiros de Queimadas.

Tomei como auxílio o trabalho de Juliana Monteiro Gondim publicado em "Na mata do sabiá" (2009) para perceber tanto a organização como alguns aspectos da vida religiosa da população Tremembé de Queimadas. A referida autora desenvolve em seu artigo "Corpo e Ritual: práticas de cura e afirmação identitária nos Tremembé de Almofala" reflexões sobre aspectos da vida religiosa da família Tremembé do município de Itarema, mas que tem parentesco próximo com a família de Queimadas[34].

No respectivo artigo, Gondim afirma que a população indígena de Almofala é uma das mais antigas no que diz respeito ao reconhecimento étnico pelo Estado e por sociedades dos arredores de Itarema. Ela diz também que "Tal reconhecimento garante-lhes o direito à terra tradicionalmente por eles ocupada, afirma a autora, além de saúde e educação diferenciadas" (2009). Então, além da atuação junto às populações indígenas da FUNAI e da FUNASA, o Estado brasileiro reconhece a identidade étnica dos povos indígenas, garantindo-lhes saúde e educação diferenciadas. Mas esse fato é possível hoje após vários embates com grileiros e latifundiários, os quais não deixaram de ser travados ainda na contemporaneidade.

Como exemplo de um embate pela posse da terra indígena, já foi citado o descobrimento da "Lagoa dos Negos" no capítulo 2.3, página 42. Nesse capítulo são desenvolvidas algumas reflexões sobre o Espírito Imperialista Ibérico que trouxera valores morais à terra indígena, tais como a produção para exportação e o cristianismo, por exemplo. No entanto, desde o século XVI o desemposse de nações indígenas são executadas através de grilagem. E no século XX não foi diferente, com o apoio da polícia local, o senhor Delo Sales, latifundiário de Acaraú, expulsou os indígenas Tremembé, hoje em Queimadas, da "Lagoa dos Negos". Algumas décadas depois, com a comunidade de Queimadas já constituída, foi a vez do DENOCS (Departamento

[34] Ver capítulo 2 página 29 o depoimento do senhor Cecídio.

Nacional de Obras Contra as Secas) atentar contra o direito tradicional da posse da terra dos Tremembé do Acaraú, como nos conta o senhor Cecídio Ferreira do Nascimento.

> "Esta Queimada, pro que, quando foi que o DNOCS [Departamento Nacional de Obras Contra as Secas] entrou aqui, vinha tomando tudo. Três, quatro trator que vinha devorando tudo, casa com tudo.
>
> Aculá, naquele predi [refere-se ao prédio da Escola de Educação indígena], fizemo lá um ponto. Fizemo lá uma barraca [tempo anterior à construção da referida escola], tudo armado. Era machado, era foice, era espingarda, era pau. O bando de gente.
>
> Que ele vinha [o trator] pra derribar tudo. Pra botar todo nego que tinha aqui dentro das Queimadas pra fora. Quando nois demo fé a polícia chegou. Era um batalhão, um carro bem cheim. Dois carro bem cheim de polícia.
>
> Tudo armado e era Federal, a Federal que entrou e que... . Ai, quando chegou, nois tava tudo de proa [estavam de frente] o bando de nego ai de toda qualidade que tinha. Ai o DENOCS mete cara, que viu o grupo, pediu paz.
>
> O negócio aqui teve duro rapaz. Precisou vir a Polícia do Acaraú. Porque aqui é distrito do Acaraú né? A polícia chegou, o DENOCS pediu paz. Não precisava não. "Ai a FUNAI (Fundação Nacional do Índio), como ele [DENOCS] tinha amulecido, comprou e jogou nois dento."

Talvez o espírito imperialista ibérico tenha no referido fato, gerado pela invasão de Queimadas pelo DENOCS, a sua atualização, ocupando espaço na esfera do poder público. Revela ainda a relação, por vezes, conflituosa entre os "estabelecidos", classe dominante que se reproduz no poder, no caso citado o DNOCS, e os "outsiders",

classe dominada mantida à margem do poder e do centro urbano, como é a comunidade de Queimadas. Certamente, tal reflexão merece um aprofundamento, o que gera um trabalho específico para desenvolver o tema.

Contudo, a relação de poder entre o Estado e a comunidade indígena de Queimadas e dessa com a iniciativa privada do município de Acaraú, neste esforço antropológico, são coadjuvantes da Festa do Reiso, mas contribuem com aspectos cognitivos para a afirmação identitária da família de Queimadas. À medida que luta pela posse da sua terra, os Tremembé reforçam os laços que constroem com o seu lugar, sedimentando sentimentos e pensamentos em significados, os quais têm a propriedade de acumular as experiências apreendidas por cada indivíduo Tremembé.

Esse conjunto de significados é empregado no cotidiano dos Tremembé, à medida que realizam as reuniões da Associação Indígena de Queimadas, que realizam parcerias em formas de convênios para realizar projetos de irrigação e de produção de bolos caseiros, que brincam o Torém e também o Reiso. Essas atividades podem ser vistas como "... símbolos de diferenciação frente a tais grupos, afirma Juliana Gondim (2009:302), e à sociedade envolvente", que, neste caso, é a sociedade acarauense. Além de "símbolos de diferenciação", aquelas atividades culturais seriam também a prática de significados já tecidos pelos Tremembé de Queimadas. Esses últimos, por sua vez, interiorizam seus significados à medida que praticam as atividades relacionadas a eles, por exemplo, a noção de adorar os Reis Magos é interiorizada a cada vez que se realiza uma Festa do Reiso.

A já referida autora também cita que, na primeira Assembléia do Povo Tremembé realizada em Abril de 2008, antes de iniciarem e de encerrarem as atividades do dia, os indígenas faziam preces ao encantado seguidas do ritual do Torém. Construiu-se, portanto, uma atmosfera munida de valores religiosos e étnicos que foram instrumentalizados de maneira a expressar uma reafirmação identitária. Isso demonstra o processo de interiorização dos valores religiosos e étnicos construídos pelos Tremembé. Na referida assembléia, os significados provenientes da prática religiosa e da identidade étnica materializam-se no discurso político, numa exteriorização de valores já interiorizados. A realização do ritual do Torém, por outro lado, é a prática de significados coletivos e interiorização dos tradicionais valores e crenças Tremembé.

É válido salientar que os aspectos religiosos da já referida etnia são aqui expostos de maneira a enfatizar a sua proximidade com o festejo de Reis. Tendo em vista, que o movimento espiritual indígena, o qual apreende muitos elementos do catolicismo, deve ter um trabalho específico para mostrar a sua dinâmica sem prejuízo.

As atividades religiosas denunciam um modo de vida, como expõe Durkheim (2000) no estudo do sistema totêmico australiano, ao identificar a materialização do sentimento de fé, de uma determinada coletividade, em itens externos à comunidade analisada. A relação com o sagrado gera formas de comportamentos e necessita de objetividade, ou seja, ser expressa no mundo real onde as pessoas alimentam um sentimento de fé. Portanto, essas noções nos fazem pensar em uma maior exploração do tema espiritualidade indígena em nova oportunidade, o que nos conduziria a pensar sobre a manifestação cultural do Reiso como materialização de uma crença há muito interiorizada: adoração aos Reis Magos (ver capítulo 2.1, página 33).

Alguns aspectos da vida religiosa dos Tremembé é colocado por Juliana Gondim, que se refere ao termo "pajé" para designar os indivíduos que realizavam "... trabalhos de cura através de reza, de garrafadas ou rituais de mesa – como também são conhecidos os trabalhos de umbanda..." (2009:306). O termo "pajé" é designado às pessoas que realizam curas através de reza ou de garrafadas[35]. A referida estudiosa afirma ainda ter visto o termo "pajé" sendo relacionado à ocupação de função política dentro da comunidade ao lado do cacique e do tuxaua, além das atividades espirituais.

O "pajé" é, portanto, o ícone dos eventos de cura entre o grupo Tremembé de Almofala, denomina os indivíduos que curam através de reza e de garrafadas, as rezadeiras ou curandeiros. Designa ainda as pessoas que "trabalham com o encantado", esses últimos, afirma Juliana Gondim, são os indivíduos "... que incorporam espíritos" (2009:306), sendo tais práticas entendidas pelo grupo como atividades da umbanda.

[35] Refere-se a um tipo de medicamento popular, ou seja, desprovido de conhecimento científico. É produzido com ervas silvestre e cada garrafada, vasilhame com aproximadamente um litro do remédio, atende a uma enfermidade diferente. As misturas são de conhecimento apenas do curandeiro(a).

A atividade umbanda contada a mim pelo senhor Cecídio em Queimadas acrescenta informações àquelas citadas por Gondim (2009), de tal maneira, que, não refuta o que foi colocado por ela. Ele começa descrevendo a ação em si, o que demonstra ser uma espécie de festejo, mas ritualizada. Tem a função de curar, primordialmente. Os trabalhos são realizados por pessoas específicas que tem a mediunidade, ou seja, capacidade de se comunicar com espíritos, denominadas de "pajé" como nos mostra o senhor Cecídio.

> "É bonito rapaz. É só os mestre bailando, dançando, cantando. É uns mestre tão bom.Tem noite que coça o pé dá vontade de brincar. Agora outros que trabalham com espírito maldito. Olhe, vei [veio] um. Eu tenho duas filhas em São Paulo.
>
> Daqui ela [a sobrinha que trabalha fazendo curas] mandou a ordi [ordem]. Vieram falar com ela, que o pai acabou o que tinha [fazendo tratamento] com ela [a advogada que adoeceu em São Paulo] e não sabia o que era [a doença]. Ia pro dotor [doutor]. Só umas píula pra ela tomar custava 500 conto.
>
> Depois ela [uma das filhas que mora em São Paulo] mandou um recado pra cá. A menina [a sobrinha] recebeu o recado. Ela mandou [remédio] só pra aliviar ela [a advogada]. E marcou o dia dela vir.
>
> E ela veio. E taí ela boazinha dentro de São Paulo. Saiu daqui tanto ela [a advogada] como o pai dela. Ela é até advogada. Vei se curar aqui, porque lá não tinha cura pra ela. E como é que ela achou aqui?
>
> Ai meu filho, é assim. Quem não tem o nome, cê num sabe? Tendo o nome tem o dono [refere-se ao tipo da doença e ao tipo do remédio]. Ai fizeram uma garrafada e tai ela ficou boazinha. Ai a minha filha telefonou e disse que ela tá boazinha, ta corada, ta gorda.
>
> Lá num tinha remédio pra ela. Era só de 500 conto pra lá. Esse remédio era só na conta de acabar com ela. O espírito que tinha com ela. E ela era média [medium - portador de faculdade capaz de se comunicar com espíritos] e não sabia o que era."

A descrição do senhor Cecídio mostra o poder de cura Tremembé, o qual extrapola o território onde os trabalhos acontecem. Mostra ainda a ação de um espírito ruim que causou a doença sofrida pela referida advogada em São Paulo. Mas como o salão de umbanda só faz trabalhos bons, de cura, logo a enferma recuperou a boa saúde. O intermédio entre a "pajé", sobrinha do senhor Cecídio, e a enferma fora feito por uma de suas filhas que mora em São Paulo, a qual acertou o dia da viagem daquela advogada à comunidade de Queimadas para finalizar o tratamento. Havia um espírito com esta mulher que lhe causou doença sem remédio na medicina convencional, recorrendo a uma "medicina espiritual". O relato revela ainda o preparo de uma garrafada, específica para a ocasião, ou seja, para aliviar os sintomas da doença até que a enferma chegasse à Queimadas.

O mesmo senhor falou também sobre o trabalho de cura, que é feito por meio da ação de espíritos bons, não sendo permitida a entrada de espíritos ruins no salão de umbanda.

> "Ai [no salão de umbanda de Queimadas] não tem esse negócio de vir espírito ruim não. Pode vir espírito ruim, mas não entra. Não entra que não aceita.
>
> Trabalha esta menina minha sobrinha e trabalha minha filha. Isso ai é só pra quem é medium, pra quem nasce com aquilo pra ser medium. Pra ser trabalhador naquilo.O tio dela foi quem ensinou tudo a ela. Ai ela aprendeu e pronto. Agora que tem gente aqui que zomba. Aqui dentro dexe [desse] lugar tem gente que zomba.
>
> Que você quiser pegar o trabalho, ou você pega o trabalho ou ela suspende. Agora que de seis em seis meses você precisa chegar ali e suspender dinovo. E suspende e você é o mesmo homem."

Nessa última estrofe, o senhor Cecídio Ferreira do Nascimento revela que o trabalho com espíritos dá um estado diferente à pessoa que exerce tal atividade. Mostra também que há uma espécie de aptidão para esse tipo de trabalho. Então, munido das informações de Juliana Gondim (2009) e desse relato do senhor Cecídio, podemos

entender que há uma predisposição para ser pajé, a qual não é adquirida, mas que já nasce com o indivíduo.

Esse tipo de atividade gera fatos no cotidiano dos Tremembé, os quais direcionam o comportamento dessas pessoas, que cultivam crenças nas potencialidades curativas das plantas e dos pajés, rezadeiras ou curandeiro, e ainda nos dogmas católicos. Um desses fatos é contado pelo fiel informante Cecídio que fala de seu nascimento, relacionando uma dada atividade espiritual nociva à sua vida por causa do seu estado de pagão, ou seja, a ausência da aquisição do sacramento do batismo.

> "Eu nasci, da chibatada que eu nasci, eu nasci embilicado. Nasci dentro de um saco [saco gestacional, ou vesícula vitelina]. Foi cortado com uma tesouro, pra poder me tirar de dentro.
>
> Eu vim tornar com um dia. Eu já fui carregado pelas pesadelo. Eu fui, quando eu era criança. Eu era novim ainda, que a minha mãe ainda tava de resguarde. Ai deixaram eu dentro da redinha e a luz apagou-se, as pesadelo vieram. Os anjos pagão que tem, chama pesadelo. Ai chegaram me pegaram e me carregaram.
>
> Quando ela entrou [a mãe], 'Manoel cadê o menino?'. Caçaro, cadê? Ascenderam a lamparina num riro [viram] nada. "Ai escutaro o meu choro assim, do lado de baixo da casa."

Esse fato aconteceu com o senhor Cecídio quando ele era um recém-nascido e ainda não tinha sido batizado. As entidades chamadas de pesadelos, anjos pagãos o levaram de dentro de casa. Mas os termos "anjo" e "pagão" referem-se a uma noção cristã católica, significam, respectivamente, seres de natureza pura, de outro mundo, e pessoas que não foram batizadas, denotando um determinado débito religioso, típico da noção de infiéis da Inquisição. No entanto, a noção cristã não admite a comunicação com espíritos, com indivíduos que já morreram. Então, temos uma condensação de significados provenientes da matriz indígena, da idéia do encantado, do sobrenatural; oriundos da matriz cristã

católica e da matriz africana no que diz respeito ao trabalho espiritual em salão de umbanda.

Os relatos do reseiro e torenseiro Cecídio de Queimadas revelam uma dinâmica de significados, que compõem representação simbólica na vida religiosa do povo Tremembé de Acaraú. Vimos uma religiosidade que comunga dos dogmas católicos e de uma relação com o sobrenatural, que não é admitida pelo catolicismo. Como a vida religiosa católica e a vida religiosa do sobrenatural se encontraram no modo de vida dos indígenas de Acaraú? Seriam as práticas de cura espiritual dos Tremembé algo proveniente da popularização do "catolicismo popular santeiro" [36] mostrado por Darcy Ribeiro (2006)?

O que é possível afirmar, semelhante a colocação de Isabelle Silva (1995) no artigo "A Santidade de Jaguaripe: catolicismo popular ou religião indígena?", é que há um conteúdo católico-tremembé a ser compreendido. No entanto, está clara a existência da relação entre elementos do catolicismo e da religiosidade indígena e ainda mais a consciência da adoração aos Reis Magos, que fora interiorizada pela vida religiosa indígena. A consciência da adoração dos Reis Magos se materializa na Festa do Reiso. É o reisado a atualização de uma ação religiosa de contemplação iniciada no século XVI entre os povos indígenas pelas missões jesuítas, com vimos no capítulo 2.1, página 33.

A população indígena não se esvazia em conhecimento e dá lugar a outro distinto de sua lógica, que considera a atividade espiritual. Ou ainda, os indígenas eram tidos como infiéis pela Inquisição, pelas missões jesuíticas. Ambas condenavam as práticas, os hábitos, de andar nu, por exemplo, dos gentílicos, mas não afirmavam serem isentos de atividades costumeiras, tradicionais. Os silvícolas não eram como crianças que ainda vão formar o seu campo de significados, que ainda vão apreender conteúdo semântico do meio onde nasceram. O universo simbólico indígena já existia antes da colônia. Quando as missões começaram a instalar suas atividades, iniciou-se um processo de fusão entre os significados advindos do catolicismo e os dos indígenas, sem perder a sua matriz simbólica.

[36] Ver capítulo 2.3, página 53.

As atividades missionárias na colônia lusitana foram decisivas no âmbito do povoamento e da construção de uma religiosidade que não era a européia nem a silvícola. Com a instalação das missões houve também uma mudança de comportamento na população nativa. Isso aconteceu também com a população Tremembé, na localidade de Almofala. Ao ler o artigo de Maria Amélia Leite, "Resistência Tremembé no Ceará: depoimentos e vivências" (2009) [37], observei a organização em ordem religiosa do trabalho católico nas terras do que hoje conhecemos como Ceará. A referida autora diz que um padre da ordem de São Pedro foi quem aldeou, organizou em aldeia, os Tremembés em Almofala no ano de 1706. Ela diz também que "esse padre organizou a irmandade de Nossa Senhora da Conceição, (...) e criou a 'Missão dos Tremembés'." (2009:402).

É possível observarmos que a referida autora assinala a data de 1706 como início do aldeamento dos Tremembés em Almofala por um padre, e ainda que a fundação da "Missão dos Tremembés" fora mais ou menos na mesma época. Então, observamos cerca de 300 anos de convivência dos Tremembés com o catolicismo, além da agregação de valores católicos no cotidiano da referida população indígena.

O sacramento do batismo e o sacramento do matrimônio estão muito presentes na vida dos Tremembés de Queimadas, que é uma família irmã da de Almofala, como podemos ver no capítulo 2, página 28. A noção de pagão é interiorizada junto do sacramento do batismo, o qual adquire um valor social de natureza moral, pois a maioria das crianças que nascem em Queimadas são batizadas no católico, se não todas, sob pena de sofrerem atentados como os dos pesadelos[38]. O dia do batismo é um acontecimento importante para a família, afinal, inspira proteção divina na criança que é ungida por um Padre. No entanto, as atividades espirituais compartilham do espaço religioso da coletividade, sendo recorridas em caso de doença ou ainda em proteção espiritual para que nenhum espírito ruim possa fazer-lhe mal. O matrimônio também é um acontecimento importante na vida dessas pessoas, e que está organizado dentro de um universo

[37] Artigo publicado no livro "Na mata do sabiá: contribuições sobre a presença indígena no Ceará" (2009:401).
[38] Ver depoimento do senhor Cecídio na página 73.

de valores sociais sob uma lógica que rege o comportamento dos indivíduos Tremembés.

Assim como o matrimônio e o batismo, a ação de festejar os Reis Magos foi interiorizada pelos Tremembés, ao longo dos três séculos da "Missão dos Tremembés". Atualizou-se a comemoração feita aos reis, que fixou-se no dia 06 de janeiro como data, mas, no âmago da coletividade Tremembé, foi construindo expressão de natureza lúdica contemplativa com finalidade de lazer, ou seja, de divertir o público. Isso se diferencia do Torém, que é um ritual dançado e cantado, no qual fazem orações, bebem mocororó e ainda cachaça, na ausência da primeira, para passar uma noite inteira na brincadeira.

Essa idéia de transcorrer uma noite inteira dançando e cantando também está presente no Reiso, que também é feito pelos Tremembés de Queimadas. No Reiso, há a cantoria, o repente, e danças com animais, os bichos do Reiso que são personagens. A cachaça também está presente como fator de longevidade da festa, pois é utilizada como estimulante para os reseiros passarem a noite improvisando repentes e dançando com as figuras. Ambas as expressões, o Reiso e o Torém, articulam elementos festivos, porém, são possuidores de peculiaridades.

O Torém acontece num terreiro, semelhante à segunda parte do Reiso[39]. Tem uma espécie de "mestre-sala", como articula Gerson Júnior a fala de Padre Antônio Tomaz sobre o Torém, que fora transcrita no livro "Torém: brincadeira dos índios velhos" (1998). Nesse livro no capítulo segundo de nome "Registro histórico da dança" há vários relatos de Tomaz contando sobre a vida indígena, assinalando ainda a presença indígena nas novenas de Nossa Senhora da Conceição, em Almofala, com a execução do Torém.

> "As novenas que procediam eram feitas por notários, cabendo sempre uma delas aos índios que se esmeravam em dar à sua noite e esplendor e realce possíveis. Viviam ali ainda numerosos descendentes dos Tremembé, constituindo uma sociedade à parte, casando entre si e conservando religiosamente certos usos e

[39] Ver capítulo 4: A Festa do Reiso: uma descrição densa.

> tradições, e alguns até mesmo a língua dos seus maiores" (Tomaz apud Braga, 1964:91 in OLIVEIRA JÙNIOR, Gerson Augusto. 1998:37).

No depoimento de Tomaz é possível observar a autonomia e dinamicidade das relações sociais no interior da comunidade de Almofala, revelando a importância da tradição nessa coletividade. Revela-nos ainda o lugar que a cultura indígena ocupa dentro da religiosidade católica, mostrando o Torém com uma forma de expressar a religiosidade de uma população. O Reiso tem essa mesma função de expressar a vida religiosa da população que pratica reisado, pois remonta o evento do nascimento de Cristo.

Então, podemos refletir sobre o universo simbólico construído pela população do Reiso, que contêm a população Tremembé de Queimadas, como algo dinâmico e que se materializa na ação de festejar os Reis Magos. Percebemos também um processo de interiorização, por parte dos reseiros, de valores católicos que tiveram seus significados condensados com os dos indígenas. Essa etapa teve prováveis duzentos anos até emergir a expressão popular do Reiso, tendo em vistas que a "Missão dos Tremembés" é do século XVIII e o Reisado surge como festejo no século XIX.

Os sacramentos do batismo e do matrimônio têm atividade relevante no que diz respeito ao reger a ação de batizar e de casar dos indivíduos que constituem a população do Reiso, como também as atividades espirituais de cura. Esse universo de significados converge nas práticas e costumes da população do Reiso, que expressa seus valores e crenças na "tiração" [40] de Reis.

Nessa observação, foi possível vermos o teor dinâmico que existe nas culturas, além do movimento de construção de significados, os quais formam teias que conduzem, por vezes, se não em todas, as ações dos indivíduos da coletividade do Reiso. Além disso, tomarmos consciência da proximidade indígena do Reiso, pela apropriação da noção de adoração dos Reis Magos, como

[40] Esse termo se refere à ação de realizar o festejo.

dessas duas realidades do catolicismo popular, o qual é praticado fora do alcance dos cânones católicas.

O sincretismo cultural entre a crença católica, a mitológica das populações indígenas e os "trabalhos espirituais" da Umbanda e do Candomblé convergiram numa intensa atividade imagética[41] em todo o litoral brasileiro. Assim, proporcionando um fluxo intenso de significados entre etnias distintas que foram atualizando significados, com o passar dos séculos, em novas manifestações culturais como a Festa do Reiso.

O Torém reafirma a identidade indígena desse grupo e incorpora a atmosfera lúdica mantida pela coletividade da comunidade de Queimadas. As ações dos Tremembés de Acaraú contribuem para a realização do Reiso, pois se tratam de festas tradicionais mantidas por distintas gerações. Então, a comemoração do dia de Reis, que perdura até a Semana Santa, recebe influência da "teia de significados" tecida pelos Tremembés e revela a interiorização dos dogmas cristãos católicos. Assim, podemos observar nos versos cantados por um brincante de reisado que é índio Tremembé:

"Fundador do Piauí
Jesus Cristo em mim dorme
Quem mora perto de nêgo
não pode ser bom rizim".

"Eu voltei das cajazeiras
e passei no São José.
Ai eu fui me contrando
cum bucado de Tremembé.
só não vi a Bastiana
que hoje é a minha muié".

O que estaria presente na atividade inconsciente das pessoas que brincam o Reiso para tornar essa festa possível no mundo objetivo, ou seja, no plano das relações

[41] Este termo é desenvolvido por CASTORIADES (1986) e se refere a uma noção de atividade subjetiva, ou seja, de pensamentos, segundo a formação de imagens que se relacionam com o mundo empírico de uma dada realidade. Neste caso, o referido conceito revela a formação de imagens a partir do universo social do Reiso.

sociais? Observando a segunda estrofe, cantada pelo senhor Manoel Félix que foi descrita anteriormente, poderíamos imaginar o caminho percorrido pela subjetividade desse senhor e os fatos que presenciara: o encontro com outros Tremembés e com Dona Sebastiana, atual esposa. Poderíamos, talvez, especular que o referido senhor ao elaborar mentalmente, ou seja, em sua subjetividade, a letra acima executada, captura um dado objetivo e o atualiza. Esse último processo acontece quando ele executa esse repente, colocando-se num exercício de exteriorização de uma compreensão de mundo realizada em um tempo distinto daquele no qual canta.

Há, sem dúvida, um processo de decodificação de um elemento da realidade que ganha um novo sentido na expressão da "visão de mundo" daquele sujeito. Ela é construída durante um determinado tempo, submetendo-se a um processo de interiorização, durante um determinado período. Tal expressão seria o resultado de um movimento cíclico e contínuo de apreensão da objetividade onde se encontra o fato, o encontro com outros Tremembés, e da exteriorização de sua subjetividade construída num contexto, no caso, em Queimadas.

Assim, podemos compreender que há um fluxo de significados na esfera do indivíduo, como também no âmbito da coletividade, pois a subjetividade coletiva apreende a realidade na qual está inserida e a expressa em acordo com a sua "visão de mundo". Dessa forma podemos compreender a realização do Torém e da Festa do Reiso, as quais expressam a coletividade dos Tremembés de Queimadas, como a coletividade da zona rural do município de Acaraú, onde o Reiso acontece.

5 A Festa do Reiso: uma descrição densa.

Pensando na pluralidade das manifestações culturais do município de Acaraú a partir da brincadeira do Reisado é possível perceber um homem lúdico que é Tremembé e não-índio. O *homo ludicus* é uma interseção entre esses dois grupos, os quais compartilham de valores cristãos que permeiam a vida religiosa daqueles coletivos.

O reisado em Acaraú tem uma dinâmica própria, que pode ser dividida em duas diretrizes de execução do festejo. O movimento interno desse evento seria a primeira diretriz e a dinâmica social das relações do Reiso a segunda. Essa divisão tem a função de sistematizar, apenas, o estudo aqui desenvolvido, o que não deve indicar uma hierarquia.

A primeira diretriz diz respeito ao funcionamento do Reiso, à ação de festejar por parte de um grupo de pessoas, que são sujeitos organizadores do círculo festivo, da entrada dos bichos e improvisadores de repentes. Em âmbito geral, aos indivíduos que brincam o Reiso é dado o nome de reseiro, mas ocupam atividades específicas dentro do ato de festejar.

Ao observarmos as atividades no festejo, é possível ver uma divisão social do trabalho da Festa do Reiso, a qual formula três categorias de reseiro: o brincador de bicho, o mascarado e o que brinca de velha. Esses nomes carregam em si signos da atividade que desenvolvem no Reiso, que são respectivamente: dançar com figurinos que sugerem a imagem de bode, de burra e de boi; fazer repentes; assustar ou provocar pessoas que estejam assistindo a apresentação. Há ainda a personagem de nome Caboré que é inspirado numa espécie de coruja. Dessa maneira, podemos observar os figurais[42], as categorias de reseiros brincadores e o conjunto de ações que constitui a teatralização do sentimento de adoração aos Reis Magos.

No entanto, a segunda diretriz expõe alguns aspectos de uma moralidade possível ao Reiso, que revela o carisma do brincador reseiro; o contrato oral da Justa firmado entre o dono da companhia de Reiso[43] e o "dono da casa", ou seja, o contratante que pode ser um comerciante, um político ou um latifundiário da região, por exemplo; e

[42] Oswald Barroso designa o termo "figural" para as personagens do Reisado de Congo, também conhecido como reisado de Espadas, que funcionam como vestimentas nas formas do animal que leva o nome. Assim, o bode do Reiso é vestido por um brincador, como o são as demais figuras. BARROSO, Oswald. Reis de Congo. Fortaleza, 1996.

[43] Esse termo é empregado a um grupo de reseiros de uma determinada localidade.

a palavra dada por vias orais como um fator que gera respeito e confiança no dono do grupo de Reiso pela coletividade da qual é parte.

5.1 O movimento interno da Festa do Reiso: o cantar na porta e o círculo no terreiro.

A organização interna do Reiso tem início com o cantar dos mascarados na porta da casa do contratante do Reiso. Esse é o movimento introdutório do festejo e indica a chegada dos Reis Magos na casa onde Jesus nasceu atualizando um mito que impulsiona a fé cristã da população do Reiso.

Figura 1: Os Reis Magos no Reiso (fotografia tirada na comunidade dos Espinhos, município de Cruz, a dez quilômetros de Acaraú).

A figura acima mostra os mascarados segurando uma espécie de cajado, eles usam também algo que lembra um chapéu, tendo o reseiro da esquerda uma máscara com fios que lembram uma barba comprida. Nesse momento, os mascarados sapateiam na área da casa do senhor Neso, o contratante, simbolizando a alegria dos Reis em ter chegado a casa onde o menino Deus nasceu. Os reseiros mascarados organizam-se em uma fila, apoiando-se nos cajados, curvando o corpo de maneira a olhar para o chão, marcando o espaço onde as pisadas são dadas (Figura 2). O piso é de cimento, não deixa marcas, mas o som que produz complementa a musicalidade executada pelos tocadores.

Cada um dos mascarados, que são no mínimo dois e no máximo quatro, faz o seu sapateado à beira da porta do dono da casa.

Figura 2: sapateado à beira da porta.

Figura 3: os mascarados cantam à beira da porta.

A terceira figura mostra o senhor Baltazar, o sanfoneiro, com o olhar voltado para a porta da casa do senhor Neso, o que indica o início da cantoria de louvação aos três reis do Oriente. Nessa parte do festejo são cantadas tradicionais cantigas do Reiso, as quais têm a letra mantida pela memória coletiva da população que festeja os Reis do Oriente, ou seja, que a letra das cantorias não é feita de improviso. O conteúdo dessas

poesias orais corresponde à viagem feita pelos Reis, que foram guiados por uma estrela até o local do nascimento de Cristo.

A seguir duas poesias orais que são cantadas à beira da porta.

"São os Três Reis do Oriente,
vamos todos pra Belém,
pra tirar o santo Reiso,
para nois tirar também.

Somos Três Reis do Oriente,
filhos da virgem Maria,
se não fosse aquela estrela,
de nós o que seria".

Essas poesias estão no capítulo 2.2, página 41 deste trabalho, mas é válido repeti-las pelo fato de serem as únicas cantigas do Reiso que não são de improviso apreendidas por mim. Além de estarem compondo, neste capítulo, outro raciocínio.

Quando os mascarados terminam de cantar cantigas como as transcritas, a porta é aberta pelo dono da casa. Esse último, em versos cantados, dá permissão para o reisado ir para o terreiro e formar seu círculo. Um intervalo é feito nesse momento para acontecer o deslocamento dos brincadores até o terreiro onde é feito o improviso de repentes e a apresentação das figuras do Reiso.

A teatralização do Reiso se constitui também com as entradas e saídas dos bichos, as quais equivalem aos atos de um espetáculo teatral, compreendendo, portanto, que o Reiso é dividido em cinco atos populares: o do Caboré, o do Bode, o da Burra, o do Caçador e o do Boi. No intervalo desses atos, há a cantoria dos Mascarados que improvisam versos ditos entre si e para alguém da platéia que solicite. A apresentação do Reiso acontece numa perspectiva intimista, ou seja, próxima do público, e em formato de arena[44] em relação à platéia. Os reseiros mascarados e brincadores de bicho

[44] "Espaço cênico definido por uma área central de representação que tem à sua volta o público. Esse antiqüíssimo tipo de relação entre palco e platéia, anterior à disposição da cena italiana, foi utilizado entre nós [brasileiros] pelo teatro religioso do século XVI, que situava algumas cenas nos adros das

ocupam uma posição mais centralizada possível no terreiro, de tal maneira, que a platéia forma, ao redor deles, um círculo de pessoas.

Essa forma de apresentação revela uma atividade influenciada pelas missões jesuítas no século XVI, e é ilustrada pela figura a seguir.

Figura 4: círculo no terreiro do festejo.

A quarta imagem mostra o senhor José Osmar Livino, de blusa clara, no centro do círculo de pessoas. Perto dele está um tocador de triângulo, de camiseta preta, um tocador de pandeiro, de camisa xadrez azul, e o sanfoneiro Baltazar. A musicalidade e os repentes vitalizam o Reiso. No momento da peleja[45] feita no terreiro, os repentes é que fazem a animação, que depois é feita pela entrada dos animais do Reiso, como veremos a seguir (ver anexo).

A respeito da ação dos reseiros no ato de festejo nos conta o senhor Afonso Mano, demonstrando a dinâmica contida na teatralização do sentimento de adoração aos Reis magos.

igrejas e permanece até hoje como a formalização privilegiada pelos folguedos populares apresentados ao ar livre..." (Dicionário do Teatro Brasileiro: temas, formas e conceitos. 2009)

[45] Espécie de embate oral que acontece entre repentistas. Na peleja há o desafio em que um cantador deve soar uma poesia improvisada de maneira a provocar o outro, assim estimula o riso na platéia.

> "De primeiro eram cinco, seis figuras. Tinha o Caburé, [que] era o primeiro. Que depois que cantasse na porta que abrisse a porta, que os mascarado sapateasse dentro de casa, ai saía pra parte do terreiro ai butava o Caburé, brincava com o Caburé na toada do Caburé.Cada bicho é uma toada, né!?
>
> Ai quando saía, brincava um pedaço, ai dizia repente um pro outro [refere-se aos mascarados]. Aqui, acolá tirava [um verso] pra fulano de tal. Uma coisa que desse certo [gesticula um sinal que sugere dinheiro]. Aí, com um pedaço, chamava outro bicho, aí ia o caçador. Aí, quando acabava o caçador, aí a mesma coisa. Aí versavam um pro outro e tal. Mais ou menos uma meia hora ou mais. Só sei que levava a noite toda.
>
> Eu cansei de sair de baixo do boi seis hora. Entrava às quatro hora e saia às seis hora. Quatro hora da madrugada, sim. Quando eu saía de baixo do boi, o boi era o último, aí o reisado se acabava. Aí, eu recebia o dinheiro. Aí, se ajuntava a tropa toda, cada um pegava um bicho, ajudava uns os outros. Eu num carregava bicho, só na brincadeira. Os bichos eram pros mascarados carregarem".

O senhor Afonso Mano era o dono dessa companhia, na qual os Mascarados, "empregados", carregavam os bichos. Ele demonstra a existência de uma toada específica para cada ato do Reiso, a qual possui uma poesia oral e ritmo musical específicos. A ação de cantar a toada de um dos bichos indica a entrada dessa figura no terreiro, momento em que os mascarados param de fazer repentes entre si e passam a cantar para o bicho. Daí compreender-se a cantiga da entrada do figural Caboré como sendo a toada do Caboré, não cabendo cantá-la em momento distinto de seu ato. O mesmo acontece em cada ato.

As toadas dos bichos do Reiso têm rítimo fixo que é diferente do executado na peleja dos mascarados. As letras das toadas do Reiso são recriadas à medida que mudam os brincadores, revelando a oralidade presente no festejo. Não existe registro escrito

desses versos, nem partituras das músicas. Ambos, versos e musicalidade dos atos, são sustentados pela oralidade do Homem do Reiso, assegurando-os como uma norma de execução dessa brincadeira.

O senhor Osmar Livino canta alguns versos da toada do Caboré, personagem inspirado no pássaro Caboré[46], assim denominada uma espécie de Coruja pela semântica popular do sertanejo. A entrada do Caboré representa uma espécie de ato popular, sendo o primeiro de cinco outros que são: o ato do bode, o ato da burra, o ato do caçador e o ato do boi, o último.

"Olha o Caboré,
que veio do Pará.
Senhor e senhora
venha apreciar.
Que bicho bonito,
veio apresentar.

Caboré, vamo vadiar,
todo mundo manda
e só eu sei mandar.
Todo mundo manda,
só eu sei mandar.
Vamo, caborezinho,
vamo vadiar."

Figura 5: O ato do Caboré (fotografia feita na comunidade do Jenipapeiro, município de Cruz).

[46] A imagem da figura Caboré, assim como todas outras personagens, podem ser vistas no Anexo na página 112 ou no CD em anexo, onde está também um arquivo com a musicalidade da festa e toada do Caboré.

A figura do Caboré é representada pela fixação de uma cabaça colorida na cabeça do brincador de bicho. Isso é feito com um barbante; as paredes da cabaça têm furos com formas específicas, que dão contorno aos feixes de luz emitidos por uma vela fixada no interior da cabaça. O brincador alterna a postura flexionando os joelhos à medida que anda. Isso é feito de maneira a baixar e subir a cabaça, presa, no brincador, na posição de um chapéu. Os movimentos executados pelo reseiro brincador de bicho seguem o compasso da música do ato, que tem um ritmo cadenciado, revelando-se uma dança nos passos do Caboré. No momento que o brincador de bicho veste a idumentária de uma figura, o caboré, por exemplo, o próprio incorpora o bicho, revelando uma animosidade meio humana e meio animal.

Poderíamos, então, pensar a figura do pássaro Caboré como um símbolo da libertação do brincador do corpo social do qual faz parte como agricultor, vaqueiro e pescador, por exemplo. Seria ainda a elevação do homem comum, interiorano, sertanejo, ao estado de homem do Reiso, a uma condição de brincador, que transcende o cotidiano do qual faz parte. Isso acontece de tal maneira que a Festa do Reiso atualiza a adoração aos Reis Magos, movido pelo sentimento festivo cristão em rememorar o nascimento de Cristo. Essa ação reafirma a religiosidade cristã e indica o renascimento da fé nos reseiros mascarados e nos reseiros brincadores de bicho.

O mesmo pode ser pensado sobre o senhor Manoel Félix, João Félix e o senhor Cecídio, mascarados e dono da companhia de Reiso de Queimadas, respectivamente. Essas pessoas são índios Tremembé e compartilham da dinâmica do Reiso, que é uma só em toda a região do rio Acaraú.

Outra figura é a velha do Reiso, uma espécie de palhaço semelhante ao "Mateu" no Reisado de Congo[47]. Ela desempenha a função de brincar diretamente com as pessoas que formam a platéia, além de brincar com os bichos em seus atos. Se um Reiso tiver um bom brincador de Velha, certamente irá atrair a atenção das pessoas e agradar ao público. A importância e as características de um bom brincador de velha são

[47]O Mateus do Reisado de Congo é descrito por Oswald Barroso como sendo "a segunda figura mais importante na estrutura de personagens do Reisado [de Espada] e, certamente, afirma o autor, o primeiro na preferência do público. 'É a graça do Reisado', como diz o mestre Antônio Félix". Idem.

explicadas pelo senhor Domingos Chagas, que também falou a respeito da quantidade de pessoas necessárias para a brincadeira acontecer.

> "A graça do Reiso é uma Velha boa. Que dá pulo e grita, faz aquela 'cachorrada'[48]. Pronto. O pessoal gosta daquilo ali. E os mascarado bom, fazendo repente normal. Todo mundo gosta. Inda tem o Osmazim [senhor Osmar Livino, mascarado] ali, estando nois dois, nois se garante. Mas nois precisamos de muita gente. Mas pra ser certo, tem que ser 4 mascarado, pra ser certo. 4 mascarado, a Veia e o brincador de bicho, são seis, né? São seis pessoa. Muito já quatro [refere-se aos mascados], com a veia são cinco e o brincador de bicho são seis.
>
> Agora tem o tocador [sanfoneiro], o tocador de surdo e o tocador de pandeiro. São três. Seis e três são nove. São dez pessoas, ainda tem o batedor de pandeiro de mão".

Entre oito e dez pessoas, essa é a quantidade de pessoas que desempenham as funções do movimento interno do Reiso. Elas assumem o papel de brincador de bicho, de mascarado de brincador de velha e de tocadores. Esses últimos ditam o ritmo que os reseiros dançam ou fazem repentes, que revelam atos diferentes. Os reseiros se relacionam de maneira lúdica e constroem a teatralização do reisado. Isso denuncia uma atualização da adoração aos Reis magos, engendrada na terra de santa Cruz pela religiosidade católica do século XVI e reorganizada segundo uma teia de significados produzida pelo homem do Reiso.

A ação de festejar os Reis remete a uma consciência coletiva, que é compartilhada pela população indígena de Queimadas, pelo sertanejo acarauense, pelos vaqueiros, pescadores, agricultores e pecuaristas no geral. Tal consciência construiu e constrói seus significados à medida que as pessoas pertencentes àquelas categorias sociais vão se relacionando no festejo. Elas constituem a coletividade que expressa na Festa do Reiso uma lógica própria, a qual foi construída à medida que os valores

[48] Esse termo significa bagunça, brincadeira direta com o público, no linguajar sertanejo.

católicos foram interiorizados pelas crenças e costumes das populações indígenas litorâneas. Essas últimas, por sua vez, foram transmitindo seus princípios geradores de representações para as gerações descendentes, as quais assimilavam os valores morais da religiosidade católica, como o batismo e o casamento, engendrando-os em seu cotidiano. O comportamento da população do Reiso é a exteriorização dos valores morais católicos, da adoração aos Reis e da noção de trabalho espiritual indígena, pois os Reis são de certa forma incorporados pelos reseiros.

Então, podemos pensar a Festa do Reiso como um "(...) arquétipo, forma universalmente presente e hereditária que, em sua totalidade, constitui a estrutura inconsciente..." (YOUNG: 1973) do homem do Reiso. Esse último, por sua vez, contém uma estrutura inconsciente que move seu pensamento a criar estrofes poéticas de temas livres, utilizando-se do improviso como mecanismo para fazer o repente no momento do festejo. Poderíamos pensar na idéia de uma matriz inconsciente geradora de significados que foram interiorizados.

No momento da expressão cultural, nesse caso, na ação de realizar o Reiso, há a exteriorização daquele conjunto de significados, anteriormente ativos no cotidiano do meio social onde acontece o reisado em Acaraú. Então, o Reiso pode ser pensado como sendo um arquétipo de um inconsciente coletivo mantido pela atividade teatral popular constituinte desse festejo.

Outro aspecto que caracteriza o reisado feito no município de Acaraú e em seus arredores diz respeito a predominância de repentes como parte imprescindível do conjunto dramático. Os repentes são cantados de um reseiro mascarado para outro. Eles formam duplas que fazem versos no terreiro.

Segue os versos do mascarado Domingos Chagas, representado pela letra "A", que abre a noite no terreiro do senhor Neso, na localidade de Espinhos, município de Cruz vizinho ao de Acaraú. A primeira cantoria no terreiro seria uma espécie de prólogo que antecede o primeiro ato do Reiso, o do Caboré. A letra "B" representa os versos de resposta soados pelo mascarado Osmar Livino, direcionados ao senhor Domingos, fazendo uma brincadeira com a voz rouca desse último.

A-1 Boa noite, dono da casa
nem sempre criado tem,
licença o criado pede
pra cantar quatro repente
pra saber a distância
que o meu pensamento tem.

B-1 Precisa tomar remédio
pra passar a rouquidão.
Obrigado, circo nobre
que me presta a atenção.
Hoje é a segunda vez
que brinco na região.

Assim, vai se desenrolando a brincadeira no âmbito do repente, em versos que estimulam respostas, numa disputa constante para saber quem tem o pensamento "maior", ou seja, quem tem capacidade de converter distintos conteúdos em maior números de estrofes rimadas de seis versos ou oito versos sem repetir. Esse comportamento exterioriza uma forma de pensar que possui uma estrutura inconsciente semelhante ao "(...) processo tradicional ibérico de criação lírica...", noção construída por Mário de Andrade (1993) ao estudar a vida do cantador. Esse autor afirma ainda que "(...) o assunto solto e livre para cada estrofe, dentro da mesma canção..." demonstra um "processo eminentemente improvisatório".

Observemos, portanto, que há uma atividade subjetiva que converte um determinado conteúdo da realidade em versos improvisados, como, por exemplo, o "tomar remédio para rouquidão" citado anteriormente. Essa última, por sua vez, é uma oração que remete a um conhecimento de mundo, ou seja, se há uma pessoa enferma que apresenta como sintoma a voz um pouco mais grave que o costumeiro, ela deve tomar remédio para o referido sintoma. Então, apreender um conhecimento de mundo e o converter em repente é comum na coletividade dos reseiros mascarados, pois os brincadores de bicho não executam repentes, o que não implica se sabem ou não faze-los.

Os brincadores reseiros exteriorizam espontaneamente uma maneira de compreender o mundo e de se comportar nele, expressando ainda a sua transcendência do mundo real para um estado diferente do comum, um estado de mascarado, de brincador de bicho, ou ainda de brincador de velha.

A-2 Sou pior do que o cão,
é besteira pelejar.
Eu canto que me garanto
nesse terreno, lugar,
pois eu vi que me garanto.
Nesse terreno lugar
queria achar um reseiro
pra comigo brincar.

B-2 Sou o José Osmar
que tem fama de reseiro
quando eu solto o meu repente,
o povo já sente o cheiro.
Toma coidado, Domingos,
com torrama brasileiro.

Se olharmos para a estrofe B-1 e, em seguida, lermos a estrofe A-2, é possível compreender a resposta dada por Domingos Chagas à provocação feita por Osmar Livino, quando esse deprecia a voz do outro cantador reseiro. A voz é o instrumento do mascarado, é através dela que ele se reafirma como tal, tecendo versos de conteúdos distintos, em uma ação de se mostrar como um versador de qualquer assunto e, com isso, mostrar o seu valor. Quanto mais o mascarado versa conteúdos distintos da realidade, mais ele é elogiado pela platéia. Esse elogio é o veredito popular do quilate de reseiro.

Para além de um instrumento de reseiro, a voz seria um "(...) artifício que estrutura o discurso..." (ZUMTHOR: 1997) que transmite tanto aspectos sagrados, como é a adoração aos Reis, como profanos. Esses últimos correspondem ao sentimento de diversão coletivamente experienciar pelos reseiros e por sua platéia, pois ambos se divertem fazendo o Reiso e assistindo-o, respectivamente. O discurso dos mascarados, decodificados em repentes, condensam uma visão de mundo que celebra o cristianismo, ao mesmo tempo em que desempenham a função de divertir quem assiste ao festejo.

Com essa compreensão, a referência à voz rouca soa como uma metáfora depreciativa da capacidade de fazer versos de Domingos Chagas, que responde em seguida à mesma altura. No trecho que o mesmo canta "sou pior do que o cão, quando começo a versar" o termo "cão" faz referência à sapiência, à astúcia e ao poder de

enfrentamento, anunciando o perigo que corre o outro repentista, que ganha aspecto de adversário do primeiro. Então, o mascarado Domingos diz o seguinte:

A-3 Tu é um caba fulero.
Olha que eu vou lhe falar:
eu nasci e me criei
aqui nesse bom lugar
eu morro, vou pro inferno,
se um poeta me açoitar.

B-3 Não adianta pabular,
colega, você não sabe,
nunca queira se meter
num lugar que não lhe cabe.
Toma coidado, Domingos,
depois você não desabe.

Constitui-se, a peleja, num jogo de provocações e de respostas, estimulando a criatividade dos mascarados, alimentando a vitalidade do festejo e ainda uma rivalidade entre os indivíduos que brincam. Desenrola-se, dessa maneira, um conflito que gera uma dramaticidade popular de raízes longínquas, de além-mar, idéia essa trabalhada por Zumthor (1997) ao afirmar a noção de "dramática popular" como um "prolongamento folclorizado do mistério medieval ou sobrevivência de ritos muito mais antigos", assegura o autor. Esses rituais seriam "(...) dos *maggi* italianos a certos natais da Romênia, às procissões com cânticos e às 'missões' ainda freqüentes, por volta de 1940, em nossas paróquias camponesas" (ZUMTHOR: 1997).

Diferentemente da noção de sobrevivência de práticas antigas, mas com a compreensão do contato entre culturas distintas, da atualização de crenças, hábitos e costumes a partir da tessitura de uma teia de significados culturais, sem perdas de sentidos antes construídos. Assim, compreendemos a chegada do "dramático popular" nas terras dos infiéis, que constrói um espaço cultural fruto de um "fluxo" constante de significados. Utilizo o termo "fluxo" a partir da compreensão de Hannerz (1997), que afirma como aspecto fundamental dos fluxos a existência de direções e que "no caso dos fluxos de culturas, é certo que o que se ganha num lugar não necessariamente se perde na origem. Mas há uma reorganização da cultura no espaço". Então, é possível acrescentar à teoria do contato entre culturas, que há um ganho de significados, sem perdas dos já existentes em ambas. A mudança que acontece é a reorganização social para pôr em circulação uma nova remessa de significados, daí compreendermos a

adoração indígena dos Reis Magos praticada no século XVI ser atualizada na Festa do Reiso, pois além de se contemplar os Reis, eles são festejados.

Então, o Reiso não seria uma reminiscência folclorizada de antigos rituais religiosos, nem tão pouco a ressignificação simbólica de uma religiosidade advinda do além-mar. Essa expressão popular, também indígena, simboliza uma condensação entre significados construídos na terra de Santa Cruz pela relação interétnicas entre lusitanos, gentílico e os negros. O conflito entre lusitanos e indígenas gerou um determinado fluxo cultural, como também o embate com as populações africanas, pois a escravidão em si já traz a semente do conflito, que germina e faz crescer a árvore da violência física e simbólica. Pode-se entender aqui como violência simbólica a proibição dos cultos afro e indígenas, a ação da Inquisição na colônia lusitana, como mostra Vainfas (1995) em "A Heresia dos índio". A violência física e simbólica é algo que estimula a produção de significados distintos dos da repressão, funcionando como um veículo de expressão identitária também.

Ao longo do período colonial, um fluxo proveniente das diversas culturas foram se formando, a medida que os conflitos com fins escravistas iam sendo gerados. Esses últimos me refiro aqui em parte, pois pretendo dar ênfase à religiosidade católica e as noções geradas a partir da popularização do catolicismo no Brasil. Então, os significados gerados desse meio encontraram espaço no cotidiano do sertanejo, na vida do agricultor e do vaqueiro. Isso indica uma reorganização social sem perder a religiosidade católica, a vida religiosa cabocla santeira, pela prática de se relacionar com o divino por imagens de santos. Valer ressaltar que os trabalhos de cura dos indígenas Tremembés de Queimadas evidencia uma espiritualidade distinta da católica, mas que ocupa espaço na coletividade do Reiso com a companhia do senhor Cecídio.

O inconsciente coletivo do Reiso manifesta de maneira espontânea a ação de brincar reisado por oito indivíduos brincadores, assim como também a ação de ir assistir essa brincadeira de algumas dezenas de espectadores. Essas últimas, por sua vez, alimentam um desejo de lazer, de divertimento, de distração, de prévio esquecimento do mundo real, deixando-se atrair pelo magnetismo que flui da brincadeira. Então, o inconsciente coletivo caminha em uma via de mão dupla, pois tantos os reseiros como

os espectadores energizam o festejo, à medida que interagem com a apresentação de cada bicho, ou ainda com os repentes elaborados.

A reciprocidade aqui, diferentemente do "Kula", faz-se espontânea, ocasionando, algumas vezes, a diminuição da efervescência da festividade pela partida breve dos espectadores, mas isso não é costumeiro. Diferentemente da reciprocidade obrigatória exposta no "Ensaio sobre a dádiva" de Marcel Mauss (2003), a reciprocidade espontânea no Reiso age entre brincadores e público, possibilitando uma maior aproximação entre reseiros e não-reseiros. Permite-se, pela atmosfera construída no terreiro da brincadeira, uma transcendência coletiva do cotidiano, não chegando a um transe, mas a um estado distinto do costumeiro vivido na zona rural de Acaraú.

Essa seqüência argumentativa nos faz elucubrar sobre uma vida imaginativa possível à dada coletividade, sendo ela uma engrenagem dentro do sistema da dinâmica social estabelecida pelas relações sociais do universo social do Reiso. O homem do Reiso alimenta o desejo da criação de meios pelos quais possa se expressar, assim observamos a representatividade desse festejo e a sua sustentabilidade social. Isso é possível devido ao fato do Reiso ser um produto social, cuja teia de significados possui semântica densa e com raízes em solo do colonialismo, extraindo, constantemente, a seiva elaborada nos signos católicos e da organização sociopolítica oriunda das sesmarias.

Tal universo de significados fora decodificado pela popularização das tradições católicas, que se uniram ao movimento espiritual dos terreiros de umbandas e, ainda, com o pensamento mítico das populações indígenas. Resultando, assim, em um amálgama de significados que estimula uma intensa atividade criativa e subjetiva, decodificando o mundo objetivo, o real, sob uma estrutura inconsciente específica do Reiso.

A partir desse entendimento poderíamos empreender uma elucubração acerca da escolha dos animais bode, burra, caboré (coruja), e boi como imagens das figuras do Reiso. A partir de qual parâmetro essa escolha teria sido feita? Tendo em vista que o Caçador trata-se de uma criação de enraizamento onírico, sendo a sua imagem resultado da imaginação social da população do festejo.

Talvez o convívio dos vaqueiros, pecuaristas, agricultores e suas famílias durante os períodos colonial, imperial, republicano e democrático brasileiro com essas espécies de animais, alimentou um sentimento totêmico[49], colocando-os numa posição de veneração, retirando-os do ordinário. Assemelha-se ao sentido dado pela noção de "força religiosa" desenvolvida por Émille Durkheim (2000) em "Formas elementares da vida religiosa**"**, no qual esse autor utiliza o referido termo para designar a energia que une tantas pessoas em torno de um objeto ou animal. Então, há uma "força religiosa" que une o reseiro e os bichos do Reiso, de maneira a produzir uma espécie de "sacralização", pela coletividade do reisado de Acaraú, daqueles animais.

Os animais do Reiso dão ênfase a esse processo de apropriação do mundo real, à medida que pensamos na noção de Oswald Barroso (1996) sobre as primeiras formas de se brincar o reisado. Esse autor afirma que foi nos ranchos onde os primeiros reisados se reuniram, "eram pequenos grupos de brincantes que, à semelhança dos ranchos de animais, reuniam-se em torno de um personagem para apresentar espetáculos cantados, dançados e dramatizados, constituídos de um único episódio".

Dessa consciência de apresentação teatralizada, com danças e músicas, advindos com o capital cultural ibérico, foi se desenvolvendo o que hoje entendemos como Reisado, dando origem às manifestações específicas, como é o caso do Reiso. Esse, em análise comparativa, seria um reisado de pelejas, ou reisado rimado, no entanto, é designado o termo "Reiso" pelo fato dos reseiros traduzirem nele a atividade que realizam. Evidencia-se uma capacidade criativa que dá movimento ao fluxo de significados do terreiro da brincadeira para o cotidiano dos sujeitos brincadores.

[49] O referido termo designa um objeto ou animal comum ao cotidiano de populações australianas que ganham um estado sagrado, destacando-se do ordinário para se tornar algo digno de veneração. O totem também influencia no comportamento de tribos, pois o animal ou a planta totêmico não podem ser consumidos ou dizimados.

II. Aspectos de uma moralidade oral: o carisma, a "Justa" e a palavra dada na coletividade do Reiso.

A segunda diretriz diz respeito ao acerto da apresentação da companhia de Reiso, firmando data, local e hora que acontece num tempo antecedente à festa. Essa última, por sua vez é garantida por uma espécie de contrato oral, ou seja, através do poder da palavra das partes envolvidas: o dono da companhia e o contratante. A expressão contrato oral é como compreendemos o evento da "Justa", termo variante do verbo ajustar. Tal variação está dentro do campo semântico que a cultura intelectual está habituada, mas o emprego do termo "Justa" por um reseiro implica na existência de uma festa a se realizar, tendo uma semântica específica, distinta da primeira e que revela um léxico próprio do Reiso.

Os valores são acertados de acordo com as práticas econômicas do lugar onde acontece o Reiso. Como vimos que tal evento cultural acontece na zona rural do município de Acaraú, e que essa prática advém das camadas populares da região, os valores acertados não ultrapassam R$ 260,00 reais. Eu perguntei ao senhor Osmar Livino por qual valor é possível realizar um Reiso e ele me respondeu o seguinte:

> "Com duzentos e sessenta [R$ 260,00]. Eu justei por duzentos, mas eles pagam a licença. A Janaélia [comerciante da localidade de Espinhos] vai pagar a licença. É sessenta [R$ 60,00] a licença. Paga a polícia".

O senhor Osmar Livino é mascarado e me contou da existência da licença para se fazer o festejo, a qual deve ser paga pelo contratante à polícia, que emite uma permissão para a realização da festa. A licença é uma espécie de alvará de funcionamento codificado em termos diferentes dos presentes na legislação municipal. Essa permissão contem legislação própria fundamentada em regras morais e sancionada pelo respeito, há décadas, cultivado tanto pelo dono da companhia, como pelo contratante e ainda pelo delegado de polícia. Além disso, essa permissão temporária fornecida pela polícia revela o reconhecimento social da atividade do Reiso, expondo

sua legitimidade social. A licença, portanto, credencia a companhia de Reiso, pois um veículo da polícia é designado para o local da Festa e a sua presença impõe ordem.

Outro aspecto moral presente na Justa foi contado a mim pelo reseiro Afonso Mano, diz respeito ao cumprimento incondicional da palavra dada pelo contratante ao dono de companhia de Reiso. A pessoa que contrata o grupo de Reisado tem poucos dias para desistir daquilo que justou. Ou seja, o dono da casa onde haverá a festa do Reisado, que é o contratante da companhia, acerta com o dono do grupo na segunda-feira para fazer a brincadeira no sábado seguinte, por exemplo. Então, caso queira desfazer o acordo, o contratante só poderá desistir da festa até a quarta-feira seguinte, dois dias depois da justa firmada. Passando desse prazo, caso haja desistência do contratante, ele deverá pagar a ida do grupo até a casa dele, mesmo que o reisado não aconteça. Esse pagamento assemelha-se a idéia de multa. Por outro lado, se a companhia não comparecer à casa do contratante no dia marcado para acontecer o festejo, então, é o dono da companhia quem tem que pagar o valor justado ao dono da casa.

A Justa é mantida através das palavras das pessoas, não existe nenhum tipo de contrato escrito, registrado, carimbado. Não há uma fé jurídica, mas uma fé popular construída através de uma espécie de crédito social, que gera respeito à pessoa contratante, o dono da casa, e à pessoa contratada, o dono da companhia. A Justa é um veículo oral pelo qual o reisado se transforma em festejo, por assegurar, através de uma moral de hábitos orais, o valor em dinheiro a ser pago ao grupo de reisado, o dia, o local e à hora para a festa acontecer. E tudo isso é feito através da fala entre o dono da companhia de Reiso e o “dono da casa”, o contratante. A palavra dada deve ser cumprida, representando uma moral consuetudinária e que advém dos costumes mantidos pela memória coletiva do âmago das tradições de onde emerge o Reiso. A coletividade do Reiso atribui à palavra dada um valor social, tendo que ser cumprida a Justa, sob pena de multa em caso de infração do contrato.

A Justa pode ser pensada também como uma categoria específica do Reiso, na qual se condensa uma semântica que expressa , no contrato oral, a sua atividade moral. Essa moralidade rege o acerto para realização da Festa do Reiso. Existem vários tipos de contratos orais nas terras do Reiso, como por exemplo, podemos observar a venda de

carne no Mercado da Carne no centro de Acaraú. A oralidade está presente também na venda de peixes feita na beira da praia de Arpoeiras, praia de Acaraú. Isso denuncia um comportamento que encontra sentido no cumprimento da palavra dada, seja ela numa relação de venda de carne, de peixe ou de acerto para realizar o reisado. Há, portanto, uma espécie de *habitus* que condensa práticas tradicionais de um costume, ao mesmo tempo em que às exteriorizam em forma de contrato oral. Um princípio fundado em práticas orais gera a Justa, o qual produz representações sociais do meio onde emerge. Então, a Justa é a representação das práticas orais pertencentes à coletividade do Reiso.

Algumas reflexões sobre uma noção de carisma possível a coletividade do Reiso são importantes para seguirmos pensando sobre aspectos de sua moralidade. Para tanto, vejamos algumas atividades desempenhadas pelo senhor Afonso Mano. Ele é um reseiro com 60 anos de experiência na área, é dono da companhia de Reiso do Curral Velho, distrito de Acaraú, é brincador de bicho do seu grupo de reisado, é agricultor, é pescador e organiza romaria para Canindé. Ele freta carro e aluga casa em Canindé para hospedar as pessoas que leva à referida cidade, organiza a venda de passagens para pessoas da sua comunidade, Curral Velho, irem realizar promessas ou pagá-las a São Francisco.

Então, é possível observar que ele tem um certo carisma com a população do Curral Velho e com a do Acaraú, como um todo. As pessoas depositam respeito e confiança na palavra do senhor Afonso, pois o seu comportamento inspira tal fato. Essa é uma condição que ele cultivara em seus vários anos de Reiso, a frente de uma companhia, como também à frente da organização da romaria para Canindé, desempenhando atividades de um líder, as quais estimulam respeito e confiança.

Esse comportamento de líder ele também apresenta dentro do círculo do Reiso, espaço num terreiro onde acontece os repentes e a apresentação dos bichos, como podemos ver a seguir:

> "No tempo que eu brincava, bebo entrava no circo eu butava pra fora. Às vezes ele [o bêbado] queria arengar, mas saia logo, né. Eu tinha ordem do Delegado,

> o que abusasse podia butar pra fora. O que achasse ruim podia pegar o nome e levar pra delegacia."

Acredito que não só o fato do senhor Afonso ter um documento emitido pelo delegado da região inspira a ordem no círculo do Reiso, nem a presença da polícia, mas o cultivo de respeito e de confiança pela população em relação aquele reseiro. O sentimento de confiança e o de respeito, depositados na palavra do senhor Afonso pelos indivíduos da coletividade do Reiso, são estimulados pela conduta moral e pela postura de líder mantida por esse senhor diante de sua comunidade. Daí podermos pensar sobre aspectos de liderança dentro do Reiso, que de certa maneira gera uma "dominação", neste caso, que se aproxima da noção de dominação carismática weberiana. Essa dominação estimulada pela ação do líder reseiro, Afonso Mano, gera um estado coercitivo em meio a população do Reiso, mas distante de uma moral como desenvolve Durkheim (2002) por não ser oriunda de um fato social.

Em Economia e Sociedade de Max Weber há uma definição de dominação carismática que diz o seguinte:

> "3. de caráter carismático: baseada na veneração extra cotidiana da santidade, do poder heróico ou do caráter exemplar de uma pessoa e das ordens por esta reveladas ou criadas (dominação carismática). (...) No caso da dominação carismática, obedece-se ao líder carismaticamente qualificado como tal, em virtude da confiança pessoal em revelação, heroísmo ou exemplaridade dentro do âmbito da crença nesse seu carisma" (WEBER, Max. 2009:141).

O caso do referido reseiro se encaixa na noção de "caráter exemplar" que estimula uma "confiança pessoal" ativa no "âmbito da crença nesse seu carisma", ou seja, nas comunidades onde o Reiso acontece. O comportamento respeitador e digno desse trabalhador da zona rural do município de Acaraú, senhor Afonso, encontra na sua palavra oral, ou seja, na fala, a moral que o rege como brincador de Reiso e que inspira um carisma. O senhor Afonso diz com freqüência que a sua moral foi feita através do

valor adquirido pela sua palavra, ou seja, a palavra que ele dá é cumprida. Ele diz ainda que essa mesma palavra é que faz o respeito que tem, a moral que tem.

Pude comprovar essa moral descrita pelo senhor Afonso em um passeio pelo Mercado da Carne, oportunidade em que várias pessoas o cumprimentaram e o reverenciaram quanto a sua condição de reseiro. Então, observamos o carisma, a capacidade de liderança e o caráter exemplar como alguns aspectos da moral que rege as relações da população do Reiso. E por ser um líder, o referido reseiro tem a capacidade de estimular admiração nas pessoas que convivem com ele. O mesmo pode ser pensado sobre o senhor Cecídio de Queimadas, que é dono da companhia de Reiso dessa comunidade.

Podemos, também, perceber o carisma como algo que tira o reseiro da sua condição de homem comum, ou seja, do estado de agricultor, de pescador, por exemplo. Esse carisma é uma característica do homem que é reseiro, o qual se comporta no grupo social do qual faz parte de maneira a aproximar os demais indivíduos. Isso acontece pela forma com que se desenvolve a sua fala e o respeito que inspira na população do Reiso em virtude de uma credibilidade mantida pela conduta exemplar..

No exemplo da vida do senhor Afonso, o acerto de festas de Reiso como também a de viagens para o município de Canindé ilustram o uso da palavra dada, a qual gera crença em sua conduta exemplar. Essas últimas são algumas das formas que se manifestam o carisma do reseiro. Ele está presente também no senhor Cecídio de Queimadas, no senhor Chico Jacinto da comunidade do Belém, município de Cruz, no senhor Domingos Chagas da comunidade dos Espinhos, município de Cruz, e no senhor Sebastião da comunidade de Pedrinhas, Acaraú.

Não afirmo que esses últimos, obrigatoriamente, desenvolvam atividades de fretamento de carros para irem a Canindé, mas que todos esses estimulam respeito em meio a população do Reiso através do uso da palavra dada como forma de se relacionar com os demais indivíduos. Tudo isso auxilia na credibilidade social do homem do Reiso, o reseiro, que pode aumentá-la ou diminuí-la de acordo com as atitudes desempenhadas em seu cotidiano.

Caso um reseiro saiba brincar nas figuras do Reiso muito bem ou fazer versos que impressionem o público e tem uma vida de alcoólatra que põe em risco a estabilidade de sua família, não há chances de conseguir uma credibilidade social, pois sua conduta é imoral, ou seja, não condiz com os parâmetros sociais de uma pessoa de bom caráter. A religiosidade tem influencia nesses parâmetros, pois um bom cristão não deixaria faltar pão em sua casa em troca de vícios. No entanto, esta discussão é bem mais profunda e merece um estudo exclusivo, tendo aqui a função de dar noções ao uso da palavra pelo reseiro e de demonstrar como ele constrói a sua credibilidade, passando por uma moralidade expressa em vias orais, que é própria da população do Reiso.

É possível pensar nesses aspectos morais, que giram em torno de um costume tradicional, cuja materialização acontece através de contratos orais, como valores sociais construídos ao longo de um processo de formação do que hoje se conhece como município de Acaraú. Dispensa-se, aqui, a análise do processo de formação da sociedade acarauense e de suas características, entretanto, o consumismo, as relações regidas por um código de processo civil, por leis específicas, que asseguram punições aos infratores, evidenciam costumes sedimentados na escrita, em documentos onde se materializa a fé pública. Isso nos revela um conteúdo intelectual, proveniente da cultura letrada, algo de natureza distinta da cultura popular da qual emerge o Reiso.

A moral oral materializada na Justa reflete costumes do cotidiano da população que compartilha da festividade do Reiso, não sendo pragmática, cartesiana, sistematizada em uma cartilha de "bonne manières"[50]. Refiro-me às "régles de savoir-vivre", regras de convivência que são inerentes a noção de cidadania, a qual estimula o individuo a ser conhecedor dos direitos e cumpridor dos deveres lavrados em legislação escrita.

Então, a oralidade dentro do Reiso aparece materializada na categoria da Justa, assume a condição de fato contratual, que prevê um acerto de ações a serem realizadas, como é o festejo em si e o pagamento do trabalho do reisado.

Na atividade do Reiso encontra-se um viés do lazer da população rural, que construíra uma cultura popular, de lógica alheia à intelectual, com um denso conteúdo

[50] Boas maneiras.

semântico que constrói significados ordenados segundo uma lógica própria. Assim, os costumes tradicionais da festividade do reisado estão em constante movimento, assim como as relações sociais da coletividade do reisado em Acaraú.

Ao anunciar algumas cláusulas da "Justa", demonstramos alguns elementos morais que conduzem a prática do festejo, revelando ainda uma lógica oriunda de uma atividade subjetiva construídas pelos brincantes do Reiso. Não existe legislação para a conduta das atividades pertinentes ao Reiso, nem uma instituição social reguladora que não seja o seu próprio código moral. Esse último, por sua vez, está no departamento da subjetividade desses sujeitos, ocupando a pasta do conhecimento acumulado pela prática de realização do Reiso.

É possível pensar que a "*psique"* da coletividade do Reiso é responsável pela assimilação de valores étnicos e morais próprios, tendo na atividade coletiva dos inconscientes individuais dos brincantes e dos não-brincantes[51] a construção de representações simbólicas. Essas, por sua vez, materializam aqueles valores, assim, poderíamos entender a "Justa" como uma representação simbólica do conteúdo moral que rege a festividade dos Reis magos.

[51] Entenda-se aqui as pessoas que não executam de forma direta a atividade do Reiso.

5.1 Considerações Finais: representação simbólica no campo antropológico da Festa do Reiso.

A dinamicidade do pensar humano pode ser observada na descrição densa da Festa do Reiso. O trânsito de significados permeia este campo, no qual a reflexão antropológica fora um constante exercício que revela alguns aspectos da teia de significados tecida pelo homem do Reiso. Aqui há um rascunho de um "mapa" possível dos significados construídos e atualizados nas relações interétnicas das matrizes étnicas da cultura brasileira: as populações indígenas, as populações africanas e o povo lusitano. Como o termo "fluxo" denota "(...) um modo de fazer referência às coisas que não permanecem no seu lugar (...)", assegura Hannerz (1997), podemos pensar essa noção como um fluxo cultural que move significados construídos pelas ações desempenhadas na coletividade do Reiso.

A vazão desse fluxo está presente no conhecimento etnográfico produzido sobre o universo social do Reiso que aconteceu e acontece pelo convívio entre culturas distintas, como a religiosidade cristã católica e os Tremembés de Queimadas, por exemplo. É através das relações constituídas entre populações distintas em práticas e costumes que acontece o acréscimo de significados em ambas, complexificando-as de forma a expressar suas mudanças na atualização de suas representações simbólicas. Daí uma antropologia das representações simbólicas serem importante para identificar as atualizações que o campo simbólico sofre, promovidas pelo constante processo de contatos entre culturas, que é cada vez mais freqüente na contemporaneidade.

O fenômeno da globalização mostra uma distância cada vez menor de espaço e de tempo entre as diversas nações do mundo, entretanto, não elimina as especificidades de cada uma das culturas. Tal idéia é trabalhada por Hannerz (1997) que aponta uma interconexão entre culturas distintas, mostrando a individualização cultural entre povos de diferentes nações em tempos de globalização. Isso nos ajuda a pensar sobre a dinâmica das culturas, que constroem novas significações relacionadas ao meio que pertencem, e a idéia de princípios geradores de representações sociais.

Não considero este empreendimento mais do que um exercício de um olhar etnografia possível sobre o fenômeno cultural do reisado no município de Acaraú, ao qual é denominado de Reiso. Essa expressão cultural foi pensada aqui no âmbito da festividade, pois a Festa do Reiso é a forma pela qual se representa a cultura do Reiso em meio a coletividade que pertence. Por meio deste viés revelaram-se alguns fios de significados tecidos pelo homem do Reiso, que demonstram aspectos religiosos ao se rememorar os Reis magos, a teatralidade e a divisão social das categorias culturais assumidas pelos brincadores do Reiso (o reseiro mascarado, o brincador de bicho e o brincador de velha) e, por fim, elementos de uma moral que rege o comportamento dos reseiros através do emprego da palavra dada, veiculada pela fala.

O movimento de significados acontece no encontro entre duas culturas distintas, assegura Hannerz (2007). Neste caso, buscamos remontar o percurso histórico do contato entre a população ibérica, as negras e as indígenas, que gerou uma quarta cultura: a brasileira. Esse contato, por sua vez, ocorre no encontro entre culturas distintas, onde ambas absorvem conteúdo semântico umas das outras, sem perdas. Isso aconteceu na "mistura" entre as culturas ibéricas e indígenas, que se desdobraram em "novas" práticas. Uma dessas práticas seria a Festa do Reiso. A cultura do Reiso compreende um braço, apenas, do rio Acaraú, que simboliza a sociedade acarauense.

Dessa maneira, o festejo aqui em reflexão pode ser observado com auxílio da noção de "cultura crioula" de Hannerz (1997), ou seja, oriunda de um processo de hibridização entre culturas distintas, linguagens distintas, consciências distintas. Assim coloca Ulf Hannerz (1997) ao desenvolver comentários sobre "Palavras-Chave da Antropologia Transnacional", o que nos auxilia a pensar a dinâmica do conteúdo semântico da Festa do Reiso, além da volúpia e leveza com que os significados vão sendo organizados na lógica construída pela coletividade do Reiso.

No caso do Reiso, tomamos como um primeiro momento da formação da "consciência de brincador" a popularização dos dogmas católicos, que levou à cultura popular o calendário católico. Um segundo momento seria a apropriação do catolicismo popular dos festejos tradicionais da Igreja, ganhando autonomia e intimidade com as santidades. Nessa atmosfera fluem as comemorações natalinas e no meio delas o Reisado e entre esses o Reiso, ou seja, o reisado executado no município de Acaraú.

Ao observarmos tamanha trajetória por um "prisma antropológico", é possível, identificarmos "(...) que parte da vitalidade e criatividade dessas culturas tem origem exatamente na dinâmica da mistura (...)" (HANNERZ:1997), revelando-se no conteúdo híbrido da semântica cultural do Reiso a fonte de sua cinética social, ou seja, de sua dinamicidade. Tendo em vista que o termo "cultura popular" designa um conhecimento produzido tradicionalmente e livre da cultura intelectual, promovendo uma lógica um tanto quanto mais religiosa do que o ascetismo científico.

A cultura do Reiso é geradora de conhecimento de ordem popular, mas não menos complexa do que a erudita, pois o capítulo 5 nos revela uma organização de funções, de sentidos e de significados provenientes de uma determinada lógica própria. A cultura do Reiso, ao longo de sua constituição e de seus contatos com outras culturas foi acumulando hábitos e costumes de maneira a gerar um sistema de representação que se expressa pela vereda da oralidade, constituindo uma espécie de *habitus* de natureza popular, o que é diferente da noção desenvolvida por Bourdieu (2009).

Em função da subjetividade coletiva do Reiso, aspectos cognitivos foram sendo desenvolvido de acordo com a "*praxis"* assimilada pela coletividade do Reiso, o que gera um "*ethos"* referente às pessoas desprovidas de conhecimento científico. Por isso, é válido salientar que é da classe trabalhadora rural de Acaraú e também de localidades vizinhas quem constrói uma ambiência social favorável a prática do Reiso. É válido também ressaltar a presença dos Tremembés de Queimadas como brincadores reseiro, portanto, como indivíduos que compartilham da cultura do Reiso.

O homem do Reiso emerge como um ser social pelo encontro de elementos da tradição católica com um "povo novo", o brasileiro, como afirma Ribeiro (2006). Seria o reseiro, portanto, o resultado de um processo de hibridização cultural. Compreendendo, também, que a cultura do Reiso advés de distintas matrizes do povo brasileiro, mas que constiui uma manifestação cultural segundo uma lógica própria, independente de quaisquer outras culturas, no que diz respeito ao fato de existir e de acontecer.

Compreendendo a teia de significados do Reiso como algo dinâmico, a noção de fluxo cultural revela o trânsito cognitivo produzido pelo contato entre culturas, cuja materialização podemos encontrar na ação de festejar os Reis do Oriente. Esse fato condensa práticas dos Tremembés de Queimadas e de outras comunidades rurais e citadinas, mas situadas aos arredores do centro urbano de Acaraú.

A idéia de fluxo cultural desenvolvida por Hannerz (1997) anteriormente citada nos auxilia a perceber uma "cinética" social à medida que acontecem processos de hibridização cultural, pois há um trabalho realizado de apreensão de significados, então, eles se movem. É nesse movimento que há a cinética em caráter coletivo e acumulativo de significados, ou seja, de percepções do mundo objetivo. Então, o termo "cinética social" nos auxilia a pensar o movimento de significados, que possibilitou a emergência da expressão cultural do Reiso, e também a elucubrar sobre a produção simbólica, ou seja, representativa do meio social de onde emerge, o mesmo que o possibilita.

Além disso, compreendendo que o universo social do Reiso é um produto cultural, ou seja, uma teia de significados tecida por diferentes agentes, a cinética social seria o intenso movimento desses fios de significados, ocasionado pelo interacionismo social, que alimenta o imaginário do brincador de Reiso.

Entender o homem como um animal social produtor de teias de significados que ele mesmo teceu, é um olhar sobre vidas de pessoas a luz da semiótica, observando seu comportamento individual e coletivo, como também seus pensamentos. A linguagem poderia ser pensada como um veículo condutor desse campo subjetivo do pensamento humano, enquanto sujeito produtor de significados. Sendo a união da voz e do gesto do brincador de Reiso, quando no âmbito da brincadeira, a expressão da sua linguagem, da sua forma de interagir com o mundo, que remete a uma idéia possível de *habitus* e de *ethos* pertencentes ao meio social que festeja os Reis magos com repentes.

Constitui-se uma expressão de uma cultura, de uma teia de significados, o conjunto de ações desenvolvidas no festejo, tais como: o cantar na porta, o repente entre os mascarados, a toada das figuras e a apresentação delas. Uma maneira, apenas, de construir significações a respeito da própria coletividade, do próprio lugar onde nascera

e que, provavelmente, irá agregar novos significados, evidenciando a representatividade simbólica que tem o Reiso para o acarauense da zona rural do município de Acaraú. Uma terra fértil para agricultura, como também rica em signos, evidenciando uma atividade subjetiva que extrapola as limitações acadêmicas e intelectuais, pelo volume de faces que se apresenta à subjetividade humana.

No entanto, há de se convir que um sistema inconsciente age na produção de significados, relacionando coletivo e indivíduo em ações sociais conjuntas e complementares. Energizam-se recursos simbólicos através da fala, de gestos e de ações, compartilhando a crença cristã e a construída pelo capital de costumes da população do Reiso para produzir um evento cultural, que une ao sacro àquilo que fora sacralizado pelo consciente popular. Esse é o caso da celebração dos Reis do Oriente e das imagens de animais como figuras, personagens, do enredo dramatizado do Reiso, pois os animais do Reiso são "sacralizados" segundo a lógica do Homem reseiro.

Então, as palavras para descrever A Festa do Reiso sob um olhar etnográfico findam-se, caso os recursos intelectuais já disponíveis sejam a única "mala de ferramentas". Sendo imprescindível ao pesquisador transcender o conteúdo acadêmico e banhar-se na aparente insensatez popular, revelando-se nos instrumentos para o pensamento antropológico. Daí o exercício reflexivo nesse empreendimento antropológico ter navegado, por vezes, no barco das metáforas para se locomover sobre o rio de significados do Reiso. Iniciando uma exploração metodológica dessa figura de linguagem na apreensão do empírico, semelhante à utilização de partituras como recurso metodológico na análise de mitos por Lévi-Strauss (2004) em "O cru e o cozido". Certamente, o tema exposto tenha tido, aqui, apenas uma retomada de um campo antropológico iniciado por Serraine (1968) e explorado por Barroso (1996).

A estrutura da cidade de Acaraú mudou, nestes 162 anos de emancipação, acompanhando um movimento que é global, ocorreu a ampliação das relações econômicas, a modernização dos meios de comunicação e de transporte. O aperfeiçoamento dos serviços ofertados no mercado, como os de softwear, criação e manutenção, são exemplo da constante divisão social do trabalho na contemporaneidade. Bem como, os vários serviços oriundos do marketing midiático e virtual, nos sites, e-mail e redes sociais.

Muito embora, esse processo de modernização preencha espaço antes desabitado, como é o mundo virtual, e por isso tenha incomensurável poder de potencializar a reprodução de quem exerce o poder no mundo, não rompe com as manifestações tradicionais. O fenômeno da globalização, não rompe com as especificidades locais, como nos mostra Hannerz (1997).

A exemplo disso podemos pensar, brevemente, sobre o trabalho midiático cearense. Ele serve ao lucro pelo fato de eleger como princípio a reprodução do poder, ou seja, das instituições públicas e da iniciativa privada. Além de propagar um modo de vida fundamentado no lucro, propaga padrões morais e estéticos. A mídia cearense também veicula um discurso que representa o poder público, o qual dialoga com as idéias da iniciativa privada, cujo objetivo principal está no crescimento econômico, não no desenvolvimento social, muito menos na observância das expressões culturais.

Ora, mas o "homem do mundo virtual" ou ainda o "homem da Wall Street" não terce sua "teia de significados" como o "homem do Reiso"? Talvez, a superfactualidade do mundo global revele que novos significados não substituem outros já existentes, ou seja, novas práticas não substituem práticas tradicionais, mas que dialogam entre si e , muitas vezes, convergem em uma nova prática.

Essa é uma discussão que merece uma atenção exclusiva em virtude do teor e que não será feita nesta oportunidade. Entretanto, a modernização dos meios de comunicação, a complexificação das relações de trabalho, o poderio midiático e a dominação da classe que ocupa o poder público no município de Acaraú não extinguira as práticas tradicionais de expressões culturais. Afinal, esses últimos teriam tal intuito?

É possível afirmar que o universo simbólico do Reiso dialoga com as representações coletivas do mundo contemporâneo, à medida que observei o uso de aparelhos de televisão e de antenas de televisão pelos reseiros de Queimadas, do Curral Velho e dos Espinhos. O fato dos reseiros serem, em sua maioria, aposentados proporciona a eles um contato com os serviços virtuais dos caixas eletrônicos, mas será que assimilam essa realidade?

Algumas discussões foram provocadas ao longo do desenvolvimento do tema, o que mostra ser este um trabalho de caráter introdutório ao tema. No entanto, o conhecimento etnográfico aqui gerado contribui para pensarmos na autonomia da cultura popular, no que diz respeito a produção de conhecimento. Esse último é tão complexo quanto aquele gerado pelas práticas intelectuais, talvez até mais diverso e amplo, constituindo um campo inexplorado pela lente das Ciências Sociais.

Ao ser revelada a população indígena Tremembé de Queimadas como parte integrante da prática do Reiso, abri-se um novo leque de questões a serem problematizadas e desenvolvidas a luz das teorias antropológicos.

Anexo.

Esta seqüência de imagens mostram os reseiros executando o “cantar na porta”, momento introdutório do Reiso que consiste na cantoria de cantigas tradicionais na porta da casa do contratante da companhia de Reiso. Nas imagens os reseiros se posicionam em frente a porta e louvam por terem chegado àquela casa. Isso simboliza a chegada dos Reis magos à uma determinada casa em Nazaré onde nasceu Jesus Cristo, ícone do cristianismo.

Imagem 1.

Imagem 2.

Imagem 3.

Imagem 4.

A seguir imagens de alguns reseiros e de bichos do Reiso, pois não tive a oportunidade de fotografar a figura de nome Caçador e de nome Burra.

Imagem 5. Brincador reseiro mascarado. (Não é sempre que os mascarados usam máscaras).

Imagem 6. Brincador de Bicho. Nesse momento incorpora o personagem Caboré.

Imagem 7. O Caboré na brincadeira.

Imagem 8. O brincador reseiro incorpora o Bode.

Imagem 9. A Velha do Reiso.

Imagem 10. Reseiro mascarado Osmar Livino, à direita, e a Velha do Reiso à esquerda.

Imagem 11. Reseiros mascarados com o Boi do Reiso na Escola Municipal Eulina Magalhães no bairro do Saguin em Acaraú.

Imagem 12. Reseiro no meio do terreiro. Foto tirada na localidade de nome Jenipapeiro. Na imagem o reseiro Domingos Chagas de camisa azul solta versos para a platéia.

Referências Bibliográficas

ANDRADE, Mário. **Vida do cantador.** Edição Crítica de Raimunda de Brito Batista. Villa Rica Editoras Reunidas Limitada. Belo Horizonte – Rio de Janeiro, 1993.

ARAÚJO, Manoel Nicodemos. **Cronologia da cidade de Acaraú:** 1700-1901**.** Acaraú-CE: Prefeitura Municipal de Acaraú, 1991.

AUGÉ, Mac. **Não-lugares**: Introdução a uma antropologia da supermodernidade. Papirus Editora. Campinas, 1994.

BACHELARD, Gastón. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

BARROSO, Oswald. **Reis de Congo**. Fortaleza-CE: Ministério da Cultura, Faculdade Latino Americana de Ciências Sociais, Museu da Imagem e do Som, 1996.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Tradução: Fernando Tomaz (português de Portugal) – 10ª edição. Rio de janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas.** Introdução, organização e seleção: Sérgio Miceli. São Paulo: Editora Perspectiva, 2009.

CASTORIADES, Cornelius. **A instituição imaginária da sociedade**. Editora Paz e Terra, 1986.

CHARTIER, Roger. "**Cultura popular":** revisitando um conceito historiográfico. Estudos Históricos, vol. 8, n° 16, p. 179 a 192. Rio de Janeiro, 1995.

DURKHEIM, Émile. **Formas elementares da vida religiosa**: O sistema totêmico na Austrália. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2000.

DURKHEIM, Émile. **As regras do método sociológico.** São Paulo, SP: Martin Claret, 2002.

ELIAS, Nobert. **Os estabelecidos e os outsiders:** sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Tradução: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 2000.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. 1.ed. 1926. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GEERTZ, Clifford. **O saber local**: Novos ensaios em antropologia interpretativa. 4.ed.. Petrópolis-RJ: Editora Vozes, 1997.

GUINSBURG, J. , FARIA, João Roberto, LIMA, Mariangela Alves de. **Dicionário do Teatro brasileiro:** temas, formas e conceitos. 2ª edição revista e ampliada. São Paulo: Perspectiva, edições SESC SP, 2009.

HANNERZ, Ulf. **Fluxos, Fronteiras, Híbrido:** palavras-chave da antropologia tranasnacional. MANA 3(1): 7-39, 1997.

HOBSBAWM, Éric, RANGER, Terance O. **A invenção das tradições.** São Paulo: Paz e Terra, 1984.

JUNG, C.G. **Símbolos da transformação**: Análise dos prelúdios de uma esquizofrenia. Petrópolis-RJ: Editora Vozes, 1999.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **O cru e o cozido**. Editora COSAC & Naify, 2004.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **Antropologia estrutural**: eficácia simbólica. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975.

MELLO, Edivaldo Cabral de, Organização. GAMA, Padre Lopes. **O carapuceiro**. São Paulo: Editora Schwarcz, 1996.

MAUSS, Marcel. **Sociologia e antropologia**. Tradução Paulo neves. São Paulo: Cosac Naify, 2003.

OLIVEIRA JÙNIOR, Gerson Augusto de. **Torém:** brincadeira dos índios velhos. São Paulo: AnnaBlume; Fortaleza: Secretaria da Cultura e Desportos, 1998.

PALITOT, Estêvão Martins (Org.). **Na mata do sabiá:** contribuições sobre a presença indígena no Ceará. 2. Fortaleza: Secult/Museu do Ceará/IMOPEC, 2009.

RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro:** a formação e o sentido do Brasil**.** São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

ROCHA, Ruth. **Minidicionário**. Editora Scipione. São Paulo, 1996.

SERAINE, Florival. **Antologia do folclore cearense**. Fortaleza: Edições UFC, 1968.

SERAINE, Florival. **Temas de linguagem e de folclore**. Fortaleza: Stylus Comunicações, 1987.

SILVA, Isabelle Braz Peixoto da. **A Santidade de Jaguaripe**: Catolicismo Popular ou religião Indígena? Fortaleza, Revista de Ciências Sociais, vol. 26, n ½, pp. 65 a 70, 1995.

VAINFAS, Ronaldo. **A heresia dos índios:** catolicismo e rebeldia no Brasil colonial. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

WEBER, Max. **Economia e Sociedade:** fundamentos da sociologia compreensiva / Max Weber; tradução de Regis Barbosa e Karen Elsabe Barbosa; revisão técnica de Gabriel Cohn, 4ª edição – Brasília: Editora universidade de Brasília, 2000, 2009 (reimpressão).

YOUNG. **A imaginação simbólica.** 1973.

ZUMTHOR, Paul. **Introdução à poesia oral**. São Paulo: EDITORA HUCITEC, 1997.